



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

SIMONE GUFFANTI

*Paideia* e formação moral dos jovens no pensamento  
de São João Crisóstomo.

Estudo e tradução da obra *De Inani Gloria et De Educandis  
Liberis*

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Professor Doutor Isidro P. Lamelas

Lisboa  
2021



**Resumo:**

A presente dissertação trabalha o tema da educação cristã dos filhos a partir da obra *De inani gloria et de educandis liberis* de João Crisóstomo, conhecido como “Boca de ouro”. Apresenta-se o texto original do referido tratado, bem como a tradução portuguesa, de nossa autoria, com o objetivo de nos aproximarmos diretamente do pensamento do autor que passe pelas suas formas expressivas em língua grega original.

O trabalho de tradução para a língua portuguesa constituiu a base para o estudo da obra na sua estrutura, no género literário, mas, sobretudo, para o estudo dos motivos dominantes da obra e conselhos pedagógicos nela transmitidos. O Tratado é contextualizado quer a partir da relação entre *Paideia grega* e *Paideia cristã*, a partir da biografia de Crisóstomo, com particular atenção para o seu percurso de formação moral e escolástico, a partir de outros escritos do mesmo.

**Palavras-Chave:** João Crisóstomo, *De Inani Gloria et De Educandis Liberis*, Teologia, Patrística, Educação, Pedagogia, *Paideia*.

**Abstract:**

The dissertation deals with the theme of Christian education of children from Saint John Chrysostom's work *De Inani Gloria et De Educandis Liberis* translation proposal, by our authorship, with the aim of getting directly closer to the author's thought, passing through its expressive forms in the original Greek language.

The work of translation into Portuguese was the basis for the study of the Treatise in its structure, in the literary genre, but, above all, for the study of the dominant motives of the work and pedagogical advice transmitted in it. The Treatise is contextualized either from the relationship between Greek Paideia, from the biography of Chrysostom, with particular attention to his path of moral and school formation, from other writing by the same.

**Keywords:** John Chrysostom, *De Inani Gloria et De Educandis Liberis*, Theology, Patristic, Education, Pedagogy, *Paideia*.

## Índice

Índice .....	4
Introdução.....	5
Capítulo I: <i>Paideia</i> : entre a conceção clássica e a conceção cristã .....	7
1.1. Paideia clássica e paideia cristã .....	7
1.2. João de Antioquia: educação e formação escolástica .....	12
Capítulo II: <i>De inani gloria et de educandis liberis</i> .....	19
2.1 <i>De inani gloria</i> no contexto da obra reformadora de Crisóstomo .....	19
2.1.1 A formação moral dos jovens segundo João Crisóstomo .....	19
2.1.2 O reformador .....	22
2.2 A Análise do <i>De Inani Gloria et De Educandis Liberis</i> .....	27
2.2.1 Transmissão do texto.....	27
2.2.2. Os dois manuscritos .....	29
2.2.3 A questão da autenticidade.....	32
2.2.4. Datação da obra.....	37
2.2.5 O género literário .....	39
2.2.7 Os destinatários .....	43
2.2.8 Terminologia da “educação” .....	47
2.2.9 A comparação entre a alma e a cidade .....	49
2.2.10 Os cidadãos: θυμός, ἐπιθυμία, λογιστικός .....	54
Capítulo III: Do Nosso Pai João Crisóstomo que está entre os Santos: <u>Sobre a vanglória e sobre como os pais devem educar os filhos</u> .....	59
Conclusão .....	117
Bibliografia.....	121

## Introdução

A *Paideia* clássica, como sistema de educação e de formação ética dos indivíduos, marcou, de forma decisiva, a cultura antiga, tanto grega como latina, mas deixou também uma marca indelével em toda a história da educação.

João Crisóstomo, que viveu no século IV (347-407), filho da cultura grega e influente pastor de Antioquia e de Constantinopla, debruça-se especialmente sobre a educação das crianças no seu Tratado *De Inani Gloria et De Educandis Liberis* (a partir de agora, DIG), um dos poucos tratados dedicados ao assunto, além do tratado *De Educandis Liberis* de Plutarco.

A nossa dissertação, que nasceu do interesse pessoal quer pela Patrística quer pelo tema da família, e mais especificamente, pelo tema da transmissão da fé aos filhos, tem como principal objetivo a tradução inédita de *De Inani Gloria et De Educandis Liberis* para a língua portuguesa, a partir do original grego publicado na coleção francesa *Sources Chrétiennes*, que apresentamos no terceiro capítulo.

Na tradução, para além da fonte principal, servimo-nos da edição e versão crítica francesa da autoria de Anne-Marie Malingrey, de uma tradução espanhola da autoria de Ruiz Bueno e de uma tradução inglesa da autoria de Laistner M. L. W. Metodologicamente, mesmo que, na estrutura do trabalho, a tradução de nossa autoria seja apresentada no terceiro capítulo, de facto, o primeiro exercício do nosso trabalho consistiu na tradução. Esta opção tem a ver com a vantagem de nos familiarizarmos, primeiro, com a linguagem e ideias do autor, para depois tratarmos destas de uma forma mais sistemática. Por outro lado, quisemos respeitar, o mais possível, as formas expressivas e os conteúdos do autor no original grego, que constituíram a base para o desenvolvimento do primeiro e do segundo capítulo.

Os dois primeiros capítulos têm em vista apoiar a compreensão do conteúdo do Tratado *DIG*, mas também o contexto da literatura clássica em que se enquadra. Assim, no primeiro capítulo, procuramos responder, de forma muito sucinta, a uma questão que nos parece fundamental: qual a especificidade da *Paideia* clássica, onde Crisóstomo foi formado, e, conseqüentemente, qual o ponto de encontro com a *Paideia* cristã? Quais as conseqüências educativas desta especificidade, nomeadamente o lugar da infância na educação? Assim, a partir da *Paideia clássica*, procuraremos perceber o contributo que o

cristianismo colocou na educação das crianças, mas, também, o contributo do pensamento de João Crisóstomo na evolução da *Paideia cristã*.

Em seguida, apresentaremos uma breve biografia de João Crisóstomo, sublinhando as etapas que caracterizaram a sua formação moral e escolar, com a intenção de mostrar como o próprio percurso formativo do autor terá sido importante para a configuração da doutrina pedagógica que expõe.

O segundo capítulo pretende entrar, de forma mais aprofundada, no texto original, *DIG*, procurando situar o tratado de João Crisóstomo no seu pensamento, inserindo-o no contexto das suas obras. Procuraremos, assim, reunir os principais estudos sobre o Tratado em análise, numa crítica literária comparada com outros tratados do autor. É, pois, nosso objetivo, neste segundo capítulo responder, inicialmente, às principais questões de análise do texto de São João Crisóstomo: É possível, hoje, fazer uma datação exata de *DIG*? Como chegou o texto até aos nossos dias? Podemos dizer que João Crisóstomo é o autêntico autor de *DIG*? A quem se dirige o texto de *DIG*?

Num segundo momento, dentro do segundo capítulo, entraremos no próprio texto grego, inicialmente de forma técnica, para analisarmos os diferentes termos gregos que João Crisóstomo utilizou para indicar a enorme tarefa de educar, com o objetivo de podermos estudar, entender e iluminar as suas inúmeras matizes. Em seguida analisaremos as metáforas principais presentes no nosso texto: a comparação entre a alma e uma cidade fortificada e aqueles que Crisóstomo indica como os seus cidadãos.

O terceiro capítulo, constitui, na verdade, uma segunda parte da nossa dissertação, ao apresentarmos nela a tradução completa do *DIG*, a partir do original grego. Este exercício é feito na firme intenção de entrarmos em contacto direto com o autor, através da sua língua, vocabulário e arte retórica. Sendo, pois, a primeira versão feita em português, não deixamos de considerar a utilidade didática e não só do nosso exercício de tradução.

Por outro lado, temos a noção de que ao arriscarmos traduzir Crisóstomo, não estamos a fazer um mero exercício filológico ou de mero interesse literário, mas é, o próprio exercício de traduzir conceitos, noções e textos, um serviço à teologia, sempre tão necessitada de se refontalizar.

## Capítulo I

### *Paideia*: entre a concepção clássica e a concepção cristã

No contexto do nosso estudo, que tem como seu ponto focal a tradução e estudo da obra *DIG* de São João Crisóstomo, julgamos oportuno, antes de mais, apresentar, de forma sucinta, o ideal de *paideia* clássico – os seus conteúdos, a sua evolução e objetivos – para podermos entender melhor a relação entre a *paideia* antiga e a *paideia* cristã, bem como o lugar específico dos educandos neste processo. Esta aproximação será feita, em primeiro lugar, a partir das obras incontornáveis de Henri Irénée Marrou<sup>1</sup> e Werner Jaeger<sup>2</sup>. Seguidamente, estudaremos, na mesma perspetiva, o percurso biográfico e formativo de São João Crisóstomo.

#### 1.1. *Paideia* clássica e *paideia* cristã

Henri Irénée Marrou, um dos mais ilustres estudiosos da *Paideia* antiga, define a educação como «uma técnica coletiva pela qual uma sociedade inicia a sua geração jovem nos valores e nas técnicas que caracterizam a vida da sua civilização».<sup>3</sup> A partir desta definição podemos notar como a educação se encontra intrinsecamente dependente da civilização, da cultura, de cujos valores e modelos pedagógicos se propõe conservar entre as gerações. Consequentemente, qualquer cultura, suficientemente amadurecida, assim como a entendemos hoje, ou seja, «a totalidade de manifestações e formas de vida que caracterizam um povo»<sup>4</sup>, é capaz de desenvolver o seu próprio sistema educativo.

Na opinião de Jaeger, esta definição de cultura, de conhecimento comum na sociedade contemporânea, constitui, no caso específico da cultura grega, uma falsificação histórica, fruto de um «afã igualitário do positivismo»<sup>5</sup>, e uma deterioração. Efetivamente, para os gregos, a cultura, a *paideia*,<sup>6</sup> não constitui simplesmente um

---

<sup>1</sup> Cf. Henri-Irénée Marrou, *História da Educação na Antiguidade*, (São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973).

<sup>2</sup> Cf. Jaeger Werner Wilhelm, *Paidéia: a Formação do Homem Grego*, (São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013).

<sup>3</sup> Henri-Irénée Marrou, *História da Educação na Antiguidade...*, 6.

<sup>4</sup> Jaeger Werner Wilhelm, *Paidéia: a Formação do Homem Grego...*, 5.

<sup>5</sup> Cf. Jaeger, *Paidéia: a Formação do Homem Grego...*, 5.

<sup>6</sup> Na introdução da sua obra citada, Jaeger esclarece que o termo *paideia* é frequentemente traduzido nas nossas línguas modernas por civilização, cultura, tradição, literatura ou educação, mas que estes termos

conjunto de códigos, de leis comportamentais a transmitir às novas gerações, mas identifica-se com «a ‘lei’ que age nas próprias coisas, e eles procuram reger por ela a vida e o pensamento do homem».<sup>7</sup> A *paideia* identifica-se, portanto, com uma profunda aspiração, um processo de pesquisa e de moldagem do Homem de acordo com a sua ideia, «a sua verdadeira forma humana, com o seu autêntico ser».<sup>8</sup>

É por esta razão, e tendo este conceito esclarecido, que os investigadores podem afirmar que o «mundo mediterrâneo da Antiguidade teve, realmente, *uma* educação clássica, *um* sistema de educação coerente e determinado»,<sup>9</sup> ainda que essa só tenha assumido a sua forma clássica definitiva a partir da geração seguinte à de Aristóteles e de Alexandre o Grande,<sup>10</sup>. De facto, os gregos procuravam a formação do Homem a partir da sua idealização, mesmo que este ideal – o foco para o qual tendiam os esforços educativos – mudasse no tempo. Henri Marrou descreveu a história da educação antiga como a lenta passagem de uma cultura de guerreiros para uma cultura de escribas, na qual a procura do Homem, enquanto ideal, constitui o fio condutor.<sup>11</sup>

O ideal pedagógico grego sempre visou a formação do Homem inteiro e, por isso, integrou a dimensão corporal – herança do ideal cavalheiresco<sup>12</sup> - com a dimensão espiritual e artística num equilíbrio precário. Mais uma vez, o ideal grego vislumbra a totalidade do Homem e, por isso,

«o homem grego quer ser ao mesmo tempo, artista e sábio, o letrado de discernimento jovial e requintado e o pensador que conhece o enigma do mundo e do homem, que sabe explicá-lo com rigor geométrico e dele extrair uma regra de vida: pois tudo isto é o Homem, e escolher é, para ele, mutilar-se».<sup>13</sup>

---

são capazes somente de indicar diferentes aspetos da mesma realidade que só o termo *paideia* é capaz de indicar na sua unidade. Cf. Cf. Jaeger, *Paidéia: a Formação do Homem Grego...*, Introdução, XXI-XXII.

<sup>7</sup> Cf. Jaeger, *Paidéia: a Formação do Homem Grego...*, 10.

<sup>8</sup> Cf. Jaeger, *Paidéia: a Formação do Homem Grego...*, 12.

<sup>9</sup> Cf. Henry-Irénée Marrou, *História da Educação...*, 5.

<sup>10</sup> Cf. Henry-Irénée Marrou, *História da Educação...*, 153.

<sup>11</sup> Cf. Henry-Irénée Marrou, *História da Educação...*, 7-14.

<sup>12</sup> Henry Marrou esclarece que a herança cavalheiresca permanecerá, na educação antiga, ao longo de vários séculos. Esta herança manifesta-se através de suas vertentes: por um lado o elemento técnico que encontra a sua expressão no manejo das armas, no deporte, nos jogos cavalheirescos, nas artes musicais e na oratória; pelo outro o elemento ético enquanto ideal de existência, um tipo de homem a realizar. Cf. Henry-Irénée Marrou, *História da Educação...*, 17-32.

<sup>13</sup> Cf. Henry-Irénée Marrou, *História da Educação...*, 344.

Os esforços educativos, a energia colocada na procura e na concretização deste ideal total, concentrou-se, de forma instintiva, no fim a alcançar, ou seja, o ideal de homem adulto, que, conseqüente e inconscientemente, desviou a sua atenção das especificidades, das características e das necessidades da infância. De facto, para os gregos a infância não constituía um valor em si, necessitada de dedicação e atenção, mas simplesmente uma etapa transitória obrigatória. Prova disso são o completo desinteresse pela psicologia infantil, a ausência de uma estrutura escolástica previa aos sete anos de idade e a crueldade da disciplina.<sup>14</sup>

Na educação helenística acentuou-se a prioridade da formação moral sobre a instrução, da necessidade de inculcar uma norma de vida apropriada a um ideal sobre a transmissão de um conhecimento técnico. Esta prevalência é-nos indicada através da evolução semântica do termo “pedagogo”, o qual passou de designar o “escravo que acompanhava a criança” para significar o “educador”, pois, para os gregos era o meio social que constituía o fator principal de educação das crianças, e não, como na sociedade contemporânea, a escola. Conseqüentemente, ao pedagogo era confiada a subtil tarefa de ensinar à criança as boas maneiras e as virtudes.

O cristianismo, na sua ação evangelizadora, primeiro, para com os judeus helenizados, e em seguida, para com os gentios, inevitavelmente teve de adotar não somente a língua grega, mas também as suas formas próprias de literatura.<sup>15</sup> Werner Jaeger encontra, no discurso do apóstolo Paulo, em Atenas, nos Atos dos Apóstolos<sup>16</sup>, o momento emblemático e decisivo deste encontro entre o cristianismo e a *paideia* grega. O apóstolo escolheu como base comum do seu discurso a tradição filosófica grega.<sup>17</sup> Esta atitude perpetrou-se no tempo, tanto que, nos Atos de Felipe (8,3), o apóstolo promete revelar a *paideia* de Cristo: Werner Jaeger não tem dúvidas em afirmar que com esta expressão o autor quis propor o cristianismo como a continuação da *paideia* grega clássica, na qual esta se torna o instrumento e Cristo o novo centro, posto como imagem

---

<sup>14</sup> Henry-Irénée Marrou, *História da Educação...*, 341. Cf. Ottorino Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo: Tra Chiesa, famiglia e città*, (Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 2006), 125.

<sup>15</sup> Cf. Jaeger Werner Wilhelm, *Cristianismo Primitivo y Paideia Griega*, (México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1965), 20.

<sup>16</sup> Atos 17, 17ss.

<sup>17</sup> Cf. Jaeger, *Cristianismo Primitivo...*, 22-24.

de um homem novo.<sup>18</sup> Tal projeto é assumido plenamente por Clemente de Alexandria, que, no Livro I do *Pedagogo*, que escreve:

«É Ele, parece-me, quem primeiro modelou o homem com a terra, que o regenerou com água, que o fez crescer pelo Espírito, que o educou pela palavra, que o dirige pelos santos preceitos à adoção filial e à salvação, e isso para mudar e transformar o homem terreno em um homem santo e celestial, e para que a palavra de Deus seja plenamente realizada: «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança». O próprio Cristo realizou plenamente esta palavra que Deus havia falado, enquanto outros homens são ouvidos apenas no sentido da imagem. Quanto a vós, filhos de um bom Pai, filhos de um bom Pedagogo, realizem a vontade do Pai, ouçam o Logos, imprimamos em nós a vida verdadeiramente salutar do nosso Salvador. A partir de agora, praticando a vida celeste na terra que nos diviniza, recebamos a unção da alegria sempre jovem, o perfume da pureza, por considerar o caminho de vida do Senhor como um exemplo brilhante de incorruptibilidade e por seguir os passos de Deus. Cabe apenas a Ele – e Ele importa-se – considerar como, e de que maneira, a vida dos homens será melhor».<sup>19</sup>

O cristianismo é, sem dúvida, uma religião douta: como religião do *Logos* necessita de formação e conhecimentos para comunicar e aprofundar a fé na Revelação que assumiu definitivamente a forma escrita. Esta exigência, combinada com o desejo de rutura com o mundo pagão, poderia ter levado à organização, por parte dos cristãos, de um ensino escolástico próprio; é notável que isso não tenha acontecido:

«Por esse motivo, ainda que nos três primeiros séculos da nossa era possamos falar de uma organização templária em torno da casa-igreja, em geral o *oikos* de um patrono abastado que funcionava como sede para reuniões dos fiéis, não verificamos nada de semelhante no que diz respeito à atividade escolar, ainda que esses *oikoi* pudessem ser palco de encontros visando a instrução dos neófitos que se apresentavam para o batismo. Nem mesmo no IV século, quando, com o beneplácito imperial, a Igreja experimenta aquilo que Perrin qualifica como uma “revolução edilícia”, ou seja, o investimento maciço na criação de uma

---

<sup>18</sup> Cf. Jaeger, *Cristianismo Primitivo...*, 24-25.

<sup>19</sup> Clément D’Alexandrie, *Le Pédagogue: Livre I*, trad. Marguerite Harl (Paris: Led Éditions du Cerf, 1960), 285-286. Tradução própria.

arquitetura cristã da qual as basílicas, os *martyria*, os albergues (*hospitia*) e os hospitais (*nosokomia*) são os exemplos mais bem documentados, não verificamos a emergência de nenhuma estrutura semelhante com propósitos pedagógicos, o que não é de todo surpreendente, pois, na ausência de um sistema escolar específico, não haveria motivo para os cristãos erigirem um edifício destinado ao ensino». <sup>20</sup>

Na Igreja antiga a educação cristã era entendida a partir de duas vertentes fundamentais: por um lado, consistia na iniciação dogmática, isto é, a transmissão do conjunto de verdades às quais é preciso acreditar para alcançar a salvação, e, por outro lado, na formação moral, isto é, a conduta própria dos cristãos no mundo. Nesta tarefa, a Igreja, herdeira da tradição judaica, <sup>21</sup> vê na família o meio natural para a formação cristã das crianças e, portanto, confia aos pais a tarefa de as formar moralmente. Esta tarefa familiar deve ser, porém, acompanhada da iniciação doutrinal que os catecúmenos, recém-convertidos ou não, recebem da Igreja antes de serem batizados. Vemos, assim, surgir a figura do mestre, *διδάσκαλος*, investido de carisma próprio, encarregado deste ensino, <sup>22</sup> que inicialmente se organizava informalmente em volta das casas-igrejas, mas que, por volta do ano 180 d.C., em Roma, atinge a sua configuração definitiva num período de três anos, já não sob a orientação dos mestres, mas de diáconos ou padres. <sup>23</sup>

A formação religiosa, porém, não terminava com o ato do batismo, mas era continuada, por um lado, através das homilias, que ao longo do século IV se tornam um importante recurso pedagógico, <sup>24</sup> e, por outro lado, assistiu-se à organização de algumas escolas de filosofia e de teologia, sob a direção de cristãos entendidos na *paideia* greco-romana. É o caso de Justino, em Roma, de Panteno e de Orígenes, em Alexandria, antes e, mais tarde, em Cesareia, ou do *asketerion*, que preparava os aspirantes à vida monástica, frequentado por Crisóstomo. Estas escolas não se constituirão numa

---

<sup>20</sup> Gilvan Ventura da Silva, «Homilia e educação cristã na Antiguidade Tardia: a relação corpo, igreja e cidade segundo João Crisóstomo», *Acta Scientiarum Education* 36/1 (2014): 2. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v36i1.21972>

<sup>21</sup> Cf. Henry-Irénée Marrou, *História da Educação...*, 480.

<sup>22</sup> Cf. Isidro Pereira Lamelas, *Doutores na Igreja e "Doutores da Igreja": génese e significado de um título*, in *Itinerarium* LXIII (2017) 137-158.

<sup>23</sup> Cf. Henry-Irénée Marrou, *História da Educação...*, 481.

<sup>24</sup> Cf. Da Silva, «Homilia e educação cristã...», 5.

verdadeira organização, amplamente reconhecida e acolhida, mas serão o fruto de esforços individuais, pontuais e rapidamente desaparecerão.<sup>25</sup>

## 1.2. João de Antioquia: educação e formação escolástica

João, que ficará na história com o apelido de *Crisóstomo* – Boca de ouro – por causa das suas capacidades oratórias, nasceu em Antioquia, por volta da metade do século IV<sup>26</sup>, de uma família bem colocada na sociedade. As informações sobre a sua origem e a sua vida são-nos transmitidas, em parte, pelos próprios escritos de Crisóstomo e, sobretudo, por Paládio da Galácia, na sua obra “*Diálogo sobre a vida de Crisóstomo*”.<sup>27</sup> Outras fontes importantes são as obras de três historiadores do século quinto: Sócrates de Constantinopla, Sozómeno e Teodoreto de Cirro.<sup>28</sup>

O pai, de nome Segundo, alto funcionário civil junto do governador da Síria,<sup>29</sup> e a sua mãe, Antusa, eram, provavelmente, ambos cristãos e foi principalmente ela, devido à prematura morte do marido, pouco tempo depois do nascimento do segundogénito,<sup>30</sup> que educou de forma cristã João, sobretudo, ao renunciar às possíveis segundas núpcias e ao responsabilizar-se pela família;<sup>31</sup> Paládio revela-nos a existência de uma irmã mais

<sup>25</sup> Cf. Da Silva, «Homilia e educação cristã...», 4.

<sup>26</sup> A definição de uma data certa resulta ser uma tarefa complexa. De facto, em geral os historiadores propõem várias datas entre 344 e 354; Zandonella indica o 344 como o ano do seu nascimento, Peuch propõe, ao contrário o período entre o 344 e 347, enquanto J. N. D. Kelly indica o 349 como a data mais provável. Cf. Germano Zandonella, *Un grande perseguitato (S. Giovanni Crisostomo)*, (Torino: Società Editrice Internazionale, 1931), 8; Cf. Aimé Peuch, *San Giovanni Crisostomo (344-407)*, (Roma: Desclée, Lebevre & Comp, 1905), 11; Cf. John Norman Davidson Kelly, *Golden Mouth: The Story of John Chrysostom -Ascetic, Preacher, Bishop*, (New York: Cornell University Press, 1995), 4.

<sup>27</sup> Cf. Paládio da Galácia, *Diálogo sobre a Vida de João Crisóstomo*, ed. L. Dattrino (Roma: Città Nuova Editrice, 1995).

<sup>28</sup> Sócrates, *Historia Ecclesiastica*, 6, 2-23 PG 67, lib. 1-7, 29-842. Sozómeno, *Historia Ecclesiastica*, 8, 2-28 PG 67, lib. 1-9, 853-1630. Teodoreto, *Historia Ecclesiastica*, 5, 27-36 PG 82, lib. 1-5, 881-1280.

<sup>29</sup> Cf. Paládio da Galácia, *Diálogo sobre a Vida de João Crisóstomo...*, 129.

<sup>30</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre o Sacerdócio*, ed. A. Quacquarelli (Roma: Città Nuova Editrice, 1980), 29.

<sup>31</sup> Frequentemente por trás da figura de um grande Santo encontramos uma mãe cuja fé e exemplo são admiráveis. É o caso de Santo Agostinho e de sua mãe Mónica, de São Gregório Nazianzeno e sua mãe Nona e, certamente, de São João Crisóstomo e sua mãe Antusa. Segundo os historiadores, Antusa dedicou-se zelosamente ao cuidado da sua família e, sobretudo, ao cuidado da educação de seu filho João tanto que inspirou a admiração de um dos seus mestres, provavelmente Libânios, o qual exclamou: “Que notáveis mulheres entre os cristãos!”. Cf. Ad vitam iun. 2 (PG 48.601). Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 7. Cf. Peuch, *San Giovanni Crisostomo...*, 12.

velha de João que, na opinião de alguns, provavelmente, morreu muito nova dada a ausência de informações acerca dela.<sup>32</sup>

Em relação à primeira educação escolástica recebida por João não temos qualquer informação, mas podemos supor que ele foi formado de acordo com o programa escolástico do mundo greco-romano, fundamentalmente mantido inalterado desde o século IV a.C..<sup>33</sup> Segundo este sistema, o menino de classe média começava, aos sete anos, a escola de primeiras letras enquanto os meninos da aristocracia eram entregues aos cuidados dos pedagogos. Por volta dos doze anos, os estudantes do sexo masculino, entravam na escola de *grammaticus* onde aprendiam os fundamentos da retórica, da eloquência e da literatura clássica, onde os principais autores estudados eram: Homero, Eurípides, Menandro e Demóstenes. A terceira etapa do sistema educativo era a escola de *retor*, na qual se entrava por volta dos quinze anos de idade, cujas cadeiras principais eram as de gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria, música, astronomia e filosofia. De entre estas, a retórica era considerada a mais importante e nela aprendia-se a dominar as regras de expressão e exposição oral e escrita, a pronúncia correta e a execução dos gestos apropriados.

Os grandes centros do Império, onde era possível frequentar a escola de *retor*, eram Atenas, Alexandria, Gaza, Constantinopla e Antioquia. João não viajou para Atenas, como ao contrário fizeram Basílio e Gregório Nazianzeno, mas permaneceu em Antioquia e estudou na escola de retórica de Libânio e na escola de filosofia de Andragathios. Infelizmente não chegaram até nós quaisquer informações acerca deste último, mas de Libânios, sabemos que foi um brilhante professor de retórica em Antioquia desde 354 até à sua morte.<sup>34</sup> Neste percurso escolar Crisóstomo encontrou a válida ajuda e a profunda amizade de um tal Basílio, com o qual partilhava a paixão pela retórica, o mesmo estatuto social, os mesmos mestres e professores. Basílio, porém, foi mais precoce ao deixar-se

---

<sup>32</sup> Cf. Paládio, *Diálogo sobre a Vida...*, 129; Cf. Eliana Thoma-Hadjioannou, *John Chrysostom's Educational Ideas with special reference to his book «ΠΕΡΙ ΚΕΝΟΔΟΞΙΑΣ ΚΑΙ ΟΠΨΩΣ ΔΕΙ ΤΟΥΣ ΓΟΝΕΙΣ ΑΝΑΤΡΕΦΕΙΝ ΤΑ ΤΕΚΝΑ»*, (Mth(R) theses, Glasgow, University of Glasgow, 2017), 33. <http://theses.gla.ac.uk/id/eprint/71503>

<sup>33</sup> Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 6.

<sup>34</sup> Libânios (314-394) manteve-se fiel ao paganismo helénico e foi admirador e amigo do Imperador Juliano o Apóstata. O próprio Crisóstomo define-o “o mais supersticioso de todos os homens” (Cf. *Ad viduam iun.* PG 48.601). Segundo o relato de Sozomeno, Crisóstomo deixou grande admiração no filósofo tanto que, no leito de morte, teria afirmado que o sucessor da sua escola teria sido Crisóstomo se “os cristãos não nos tivessem roubado”. Sozomeno, *Historia Ecclesiastica*, 8,2; (PG 7,1513); Para um estudo mais completo sobre o filósofo, Cf. André-Jean Festugière, *Antioche Païenne et Chrétienne: Libanius, Chrysostome et les moines de Syrie*, (Pais: Éditions E. de Boccard, 1959), 91-119.

cativar pela vida contemplativa, num momento em que, segundo relata o próprio Crisóstomo, ele ainda se encontrava oprimido por fantasias juvenis como o tribunal e o teatro.<sup>35</sup>

De acordo com o relato de Paládios, a radical mudança de atitude deu-se, no nosso autor, por volta dos dezoito anos de idade, momento em que abandonou a escola de retórica com a reta intenção de viver junto do seu querido amigo, que já tinha abraçado a vida monástica e a verdadeira filosofia.<sup>36</sup> Crisóstomo teve, porém, que atrasar a realização das suas intenções por causa dos rogos insistentes da sua mãe, pedido que ele reportou na sua obra sobre o sacerdócio, onde nos transmitiu toda a ternura da relação livre e direta entre mãe e filho:

«Assim que ela percebeu o que eu queria fazer, apertando-me com a mão direita, ela me levou para seu quarto isolado. Ela fez-me sentar ao seu lado, na cama onde ela me deu à luz, chorando amargamente, ela acrescentou palavras mais compassivas do que lágrimas, reclamando assim: “Meu filho, disse ela, fui impedida de desfrutar das virtudes de teu pai por muito tempo. Isto agradou a Deus: a sua morte, que veio logo após o teu nascimento, fez de ti um órfão e de mim uma viúva, com todos os males da viuvez, que só aqueles que sofreram podem verdadeiramente compreender. [...] não acredite que estou dizendo isso para censurá-lo; mas, de acordo com todas estas coisas, peço-lhe o único favor de não me lançar numa segunda viuvez, nem de despertar em mim a dor já adormecida. Espere até à minha morte; talvez eu vá embora em breve».<sup>37</sup>

Começa assim um período de intensa formação cristã que, segundo Paládios, se prolongou por três anos, durante o qual duas figuras principais marcaram fortemente o seu espírito: Melécio, o Confessor, bispo de Antioquia de 360 a 386, e Diodoro, mais tarde bispo de Tarso, chefe da escola de Antioquia cujo enfoque era o sentido histórico e moral das Escrituras.<sup>38</sup> Melécio, intuindo a boa índole e a potencialidade do jovem,

---

<sup>35</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre o Sacerdócio...*, 28.

<sup>36</sup> O próprio Crisóstomo no texto confirma esta decisão de deixar a casa materna persuadido pelo amigo. Devemos entender a intenção de deixar cada um a sua casa para viver em comum como o desejo de aprofundar o estudo da Sagrada Escritura e da doutrina cristã. Cf. João Crisóstomo, *Sobre o Sacerdócio...*, 28.

<sup>37</sup> João Crisóstomo, *Sobre o Sacerdócio...*, 28-30. Tradução própria.

<sup>38</sup> Cf. Paládio, *Diálogo sobre a Vida de João Crisóstomo...*, 130; Cf. Peuch, *San Giovanni Crisostomo...*, 20.

acompanhou de perto o jovem João,<sup>39</sup> tendo-o batizado, provavelmente na noite de Pascoa de 368. Não sabemos descrever melhor esta proximidade entre o bispo Melécio e Crisóstomo, por falta de mais informação, mas os peritos atrevem-se a pensar numa possível colaboração, enquanto secretário, com possíveis encargos litúrgicos, pastorais ou administrativos.<sup>40</sup>

Diodoro, por sua vez, introduziu Crisóstomo na vida ascética através da fundação, juntamente com Cartérios, de uma escola chamada *ασκητηρίων*. Apesar de alguns investigadores terem avançado a hipótese de se tratar de um mosteiro, será mais provável assumir que se tratasse de jovens zelosos que se reuniam para levar uma vida completamente dedicada à oração, à contemplação, ao estudo das Escrituras, aceitando regras de desprendimento,<sup>41</sup> mas, vivendo cada um nas suas próprias casas.

Depois de cerca três anos, Crisóstomo foi ordenado leitor, provavelmente por Melécio no ano 371. Pouco tempo depois da ordenação aconteceu um facto, por muitos considerado pouco verídico, mas contado pelo próprio Crisóstomo:

«De repente, houve uma notícia que nos chocou aos dois. A notícia era que íamos ser elevados à dignidade de plenitude sacerdotal. [...] Examinando-me, descobri que não tinha nada que merecesse essa dignidade. [...] Há pouco tempo, chegou aquele que deveria ter-nos consagrado. Eu estava escondido, mas o outro, nada sabendo disso, foi levado para lá por outro motivo. Alguns dos presentes, vendo-o triste pela captura, enganaram-no dizendo que era estranho que aquele que parecia a todos mais impetuoso (aludiam-me), com tanta submissão, tivesse cedido ao julgamento dos padres, enquanto o outro, mais sensato e moderado, persistir na vanglória como agitar, fugir e se opor».<sup>42</sup>

O historiador J. N. D. Kelly refere que uma das consequências da fuga de Crisóstomo foi uma certa indignação e um ressentimento da comunidade de Antioquia

<sup>39</sup> Cf. Paládio, *Diálogo sobre a Vida de João Crisóstomo...*, 130; em grego “πλησιάζω”: estar perto de.

<sup>40</sup> Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 18.

<sup>41</sup> Esta conclusão deve-se ao facto de, por um lado, Diodoro ter sido designado como o substituto de Melécio durante o seu exílio e, portanto, devido aos seus encargos não poderia se responsabilizar por um mosteiro; pelo outro, a mãe de Crisóstomo ainda se encontrava em vida. Cf. Festugière, *Antioche Paienne et Chrétienne...*, 183; Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 18-19.

<sup>42</sup> João Crisóstomo, *Sobre o Sacerdócio...*, 30-31. Tradução própria.

para com ele, sentimento que transparece no texto citado.<sup>43</sup> Este clima poderia, de certa forma, ter impellido a decisão de Crisóstomo de se retirar para a vida solitária dos monges. Tal decisão, com toda a certeza, fundamentava-se na mais pura intenção e dedicação, cujos três últimos anos da sua vida são clara prova. Além disso, Paládios esclarece que Crisóstomo tinha duas motivações: por um lado, o zelo de viver uma vida cristã mais intensa, por outro, a vontade de dominar as suas paixões: «Sob a pressão de sua alma, não se soube adaptar ao trabalho permitido na cidade, até porque o fervor da juventude era exuberante nele, sempre vivo em sua inteligência, decidiu ir para as montanhas próximas».<sup>44</sup>

O jovem antioqueno partiu, portanto, para as montanhas vizinhas – o monte Silpios<sup>45</sup> – nas quais se submeteu à guia de um velho siríaco experiente na vida ascética, com o qual permaneceu ao longo de quatro anos.<sup>46</sup> J. N. D. Kelly, pelo confronto de várias homilias de Crisóstomo e a partir das suas descrições da vida dos monges, deduziu que a experiência monástica de Crisóstomo não deve ter sido de completa solidão, mas de tipo comunitário. Tratou-se, provavelmente, de um eremitério composto de várias cabanas ou grutas dedicadas a cada eremita, onde permanecia durante a maior parte do dia e toda a noite. Antes do amanhecer, os monges eram acordados pelo superior e, permanecendo cada um na sua cela, elevavam cânticos a Deus; o dia era dividido em quatro partes, em que se dedicavam ao estudo das Escrituras e à contemplação em silêncio, mas também a trabalhos manuais como o cuidado dos cultivos, o tecer roupa ou a cópia de textos. A única refeição era tomada em conjunto, normalmente à tarde, e tratava-se de simples pão e sal, aos quais os mais debilitados era permitido acrescentar algumas verduras.<sup>47</sup>

Crisóstomo permaneceu neste modo de vida durante quatro anos para, depois, passar a outro mais rigoroso, com a intenção de lutar mais ardentemente contra os desejos sexuais,<sup>48</sup> ao retirar-se na completa solidão e intensificando a disciplina ascética, reduzindo o mais possível o sono e as refeições. O regime ao qual o Crisóstomo se

---

<sup>43</sup> Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 28. Este ressentimento e indignação da comunidade de Antioquia para com o Crisóstomo pode ser entrevista no texto *Sobre o Sacerdócio*. Cf. João Crisóstomo, *Sobre o Sacerdócio...*, 32.

<sup>44</sup> Cf. Paládios, *Diálogo sobre a Vida de João Crisóstomo...*, 130; Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 28.

<sup>45</sup> Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 28.

<sup>46</sup> J. N. D. Kelly sugere a data de 371/372, quando o Crisóstomo tinha cerca de 23 anos, como plausível para a tentativa de ordenação e que, pouco tempo depois, o Crisóstomo tomou a decisão de partir para as montanhas. Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 28.

<sup>47</sup> Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 30-31.

<sup>48</sup> Cf. Paládios, *Diálogo sobre a Vida de João Crisóstomo...*, 130.

submeteu durante dois anos causou-lhe consequências graves ao nível do estômago, dos rins e deixando-o particularmente sensível às baixas temperaturas: Crisóstomo levou consigo durante toda a vida estas consequências.

No ano 378, teve de deixar definitivamente a experiência monástica, para retornar a Antioquia, certamente devido à sua saúde, mas também como consequência da sua reflexão sobre os Escritos Paulinos, que o impeliam a tornar-se apóstolo no mundo.<sup>49</sup> Reintegrado na comunidade eclesial, serve como leitor por mais dois anos, foi ordenado, em seguida, diácono, em 381, pelo bispo Melécio e, depois de mais cinco anos, presbítero, por Flaviano, em 386. Inicia para Crisóstomo a década descrita por muitos como o período mais feliz da sua vida enquanto pastor e pregador, no qual deu à luz a grande maioria dos seus escritos, homilias e tratados, até ao ano 397 em que foi designado, bispo de Constantinopla.

Em Constantinopla, a atitude reformadora de Crisóstomo não será bem aceite e encontrará a oposição de parte do clero e da aristocracia até ao ponto de esta tomar a forma num sínodo, chamado do Carvalho, convocado por Teófilo, bispo de Alexandria, que com falsas acusações conseguirá condená-lo com a deposição do seu encargo. O Imperador aceitará o veredito e Crisóstomo é condenado ao exílio. Um ano mais tarde a pena é confirmada e em 404 Crisóstomo parte para a Ásia Menor numa viagem que percorrerá 340 quilómetros até chegar à Costa Oriental do Mar Negro. Provado pela desgastante marcha, Crisóstomo morre em Comana do Ponto no dia 14 de setembro de 407.

A partir da biografia que acabamos de expor, podemos notar como o processo de formação da personalidade de Crisóstomo do ponto de vista humano, cultural e religioso ocupou um intervalo de tempo bastante longo, cerca de 36 anos se considerarmos o ano 350 d.C. como o ano do seu nascimento e a data da ordenação presbiteral em 386 d.C. como começo da sua missão pastoral. O que é mais digno de nota, além do mero fator temporal, é o facto de podermos facilmente notar que cada época do crescimento de Crisóstomo foi caracterizada pela presença de exemplos fundamentais que o formaram sob diferentes aspetos. Neste sentido, durante a infância, a adolescência e até à idade adulta, a figura materna foi um exemplo fundamental para Crisóstomo de perseverança e de fé perante as dificuldades, como ele próprio nos relata, apesar da perda da figura paterna

---

<sup>49</sup> Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 16.

desde a infância. O mesmo podemos dizer do seu amigo Basílio com o qual partilhou, num primeiro momento, o amor pela literatura, e a seguir, a dedicação e a escolha de uma vida cristã comprometida.

Podemos notar, ainda, como apontamos anteriormente, a importância de elevados modelos nos outros aspetos fundamentais da vida do Crisóstomo: é o caso de Libânio para a sua formação literária; de Melécio e de Diodóro para a sua primeira formação cristã e ascética e da guia siríaca que o conduziu durante os anos de retiro para a vida monástica.

## Capítulo II

### *De inani gloria et de educandis liberis*

#### **2.1. De Inani Gloria et De Educandis Liberis no contexto da obra reformadora de Crisóstomo**

No âmbito do nosso estudo, consideramos importante contextualizar a obra *DIG* na sua relação com a cultura clássica e com o ensino escolar preconizado na época. Procuraremos fazê-lo de forma sintética, focando-nos nos aspetos que nos parecem essenciais.

##### **2.1.1. A formação moral dos jovens segundo João Crisóstomo**

Crisóstomo é “filho” do seu tempo e cultura, mesmo quando contesta muitos aspetos da *paideia* clássica e grande parte dos costumes da vida social e doméstica da Grécia Antiga.

Fundamentalmente, o que Crisóstomo valoriza da cultura clássica é a sua forma expressiva, nomeadamente as técnicas de retórica que se aprendiam no percurso escolástico de então, rejeitando, em contrapartida, os conteúdos dos poemas mitológicos e as ideias dos filósofos.<sup>50</sup> A mesma posição é aplicada relativamente ao ensino escolar: Crisóstomo, como a maioria dos Padres da Igreja, não rejeita a estrutura escolar pré-existente, mas sim os conteúdos contrários ao cristianismo transmitidos através do estudo dos clássicos.

O percurso escolar herdado da cultura clássica é, por ele, inicialmente, considerado sacrificável, sendo posteriormente aceite com algumas reservas. Esta mudança está em sintonia com o seu percurso pessoal, primeiramente marcado por uma forte vivência monástica-radical, que posteriormente foi mitigada pela sua experiência pastoral, enquanto presbítero e mais tarde arcebispo de Constantinopla.

---

<sup>50</sup> Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 194. Este tema será abordado em: 2.2.9 A comparação entre a alma e uma cidade.

A corroborar este percurso pessoal está a obra *Contra os impugnadores da vida monástica*,<sup>51</sup> onde Crisóstomo defende a prática de enviar os jovens para os mosteiros, com o objetivo de estes receberem uma firme formação moral, mesmo que esta estadia, que pode ser longa, atrase a sua instrução e, posterior, inserção profissional:

«Não retiremos os nossos filhos antes do tempo da sua vida solitária, deixemos que se assentem bem os ensinamentos e que a planta coloque raízes. Se eles precisam de passar dez, vinte anos no mosteiro, não nos precipitemos, porque quanto mais tempo no ginásio, mais força vão adquirir».<sup>52</sup>

Posteriormente, no tratado DIG, encontramos uma postura diferente, que poderemos qualificar de compromisso, depois de ver o seu ideal inicial confrontar-se com a realidade e com a relutância da sua comunidade:

«Não quero com isto dizer que o afastes do matrimónio, que o encaminhes para o deserto e o prepares para escolher a vida dos monges. Não é isso que quero dizer. Naturalmente que o desejo, e costumava rezar para que todos assumissem esta vida, mas, visto que parece ser um peso, não o quero forçar».<sup>53</sup>

Crisóstomo sonhava, portanto, com uma formação moral dos cristãos transmitida em ambiente monástico, séria e rigorosa, que na opinião do patrólogo Ottorino Pasquato, teria compensado, não só as falhas e carências educativas dos pais, mais preocupados com os negócios que com os seus próprios filhos, mas também as influências negativas do meio ambiente urbano.<sup>54</sup>

As propostas pedagógicas na obra DIG não visam somente a preparação moral e religiosa do jovem para enfrentar o ensino escolar com os seus conteúdos pagãos, mas procuram ser um antídoto também contra aquelas influências negativas presentes fora do

---

João Crisóstomo, *Adversus oppugnatores vitae monasticae*, PG 47, 355-356.

<sup>52</sup> João Crisóstomo, *Contra los impugnadores de la vida monástica*, in *Obras de San Juan Crisóstomo: Tratados Ascéticos*, Vol. 3, ed. D. Ruiz Bueno (Madrid: BAC, 2011), 514. Citação por nós traduzida.

<sup>53</sup> João Crisóstomo, *Sobre a vanglória e sobre como os pais devem educar os filhos*, §19. Com este tipo de citação indicaremos, de agora em diante, a tradução apresentada no terceiro capítulo do presente trabalho.

<sup>54</sup> Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 131.

ambiente familiar: é o que Gilvan Ventura da Silva designa de “pedagogia informal”,<sup>55</sup> entendendo, com esta expressão, todos os hábitos e expressões da vida urbana, que veiculam um *modus vivendi*, julgado incompatível com a mensagem cristã, e que, no quotidiano das interações sociais, produzem grande impacto sobre a população no seu todo.<sup>56</sup> Na Antioquia do século IV, essas expressões tinham origem na tradição das cidades helenísticas, no Império Romano e na antiga religião.<sup>57</sup>

Nas suas homilias, Crisóstomo analisa todos os aspetos da vida quotidiana – os negócios, os espetáculos teatrais, os jogos, as canções, a forma de vestir, de calçar as sandálias, de fazer penteados e o tipo de conversas entre amigos – identificando os comportamentos pecaminosos ou as atitudes conducentes ao pecado. No seu estudo, Jaclyn Maxwell fornece-nos um elenco destas atitudes e comportamentos, destacando o hábito dos antioquenos de recorrer quotidianamente aos juramentos;<sup>58</sup> o recurso a amuletos ou a marcas de lama nas frentes das crianças para afastar o mau olhado;<sup>59</sup> a forma como os pais escolhem o nome das crianças;<sup>60</sup> a excessiva atenção dada à exterioridade através da decoração das sandálias;<sup>61</sup> os inúmeros costumes para celebrar o novo ano;<sup>62</sup> e as atitudes dos cristãos na vivência das celebrações do matrimónio e dos funerais.<sup>63</sup>

Ao intuir a grande força coercitiva dos hábitos, enquanto «núcleo de ideias que estão subjacentes às escolhas e atitudes de comportamentos de senso comum, que por sua vez reforçam o estatuto social e económico»<sup>64</sup>, João Crisóstomo decide investir grandes esforços na sua reforma. Ao mesmo tempo, intuiu que o momento privilegiado para

---

<sup>55</sup> Cf. Gilvan Ventura da Silva, «A formação dos cidadãos dos céus: João Crisóstomo e a *Christon paideia*», *Acta Scientiarum Education* 32/1 (2010): 15. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=303324733002>

<sup>56</sup> Cf. Da Silva, «A formação dos cidadãos dos céus...», 14.

<sup>57</sup> Cf. Jacklyn L. Maxwell, *Christianization and communication in Late Antiquity: John Chrysostom and his Congregation in Antioch* (New York: Cambridge University Press, 2006), 148.

<sup>58</sup> Cf. Maxwell, *Christianization and communication...*, 149-151.

<sup>59</sup> Cf. Maxwell, *Christianization and communication...*, 151-152; Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §22.

<sup>60</sup> Cf. Maxwell, *Christianization and communication...*, 152; Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §48.

<sup>61</sup> Cf. Maxwell, *Christianization and communication...*, 153.

<sup>62</sup> Cf. Maxwell, *Christianization and communication...*, 154-157.

<sup>63</sup> Cf. Maxwell, *Christianization and communication...*, 157-161; Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §88.

<sup>64</sup> Maxwell, *Christianization and communication...*, 147.

intervir e produzir uma reforma duradoura era, como veremos, a infância. É neste contexto que, na nossa perspectiva, deverá ser entendido o pequeno tratado do DIG.

### 2.1.2. O reformador

O caráter reformador é uma das características mais conhecidas e estudadas do nosso autor. Quase todas as biografias de João Crisóstomo contemplam um capítulo sobre os aspetos reformadores da sua pregação, e identificam como alvo principal dos seus sermões a transformação dos costumes da comunidade que lhe é confiada.<sup>65</sup>

O seu projeto reformador encontrou concretização, principalmente, em Constantinopla quando, ao assumir o cargo episcopal, dispôs de condições e de autoridade para atuar. O desejo de viver a radicalidade evangélica levou-o a introduzir maior austeridade na casa episcopal: interrompeu os sumptuosos jantares, que se tinham tornado muito comuns com o bispo anterior e eliminou os objetos preciosos e o mobiliário que embelezava a sua casa.<sup>66</sup> Em seguida, quis infundir a mesma radicalidade e austeridade nas diferentes classes sociais da sua cidade, a começar pelo clero, passando pela Corte, para chegar a todo o povo que estava ao seu cuidado. Exortava os clérigos a viver verdadeiramente o espírito evangélico de ascese e moderação, a renunciar ao luxo e ao excesso das casas dos ricos e proibiu severamente a prática, comum em Constantinopla, dos clérigos conviverem com virgens consagradas.<sup>67</sup>

Na mesma cidade, a sua voz ergueu-se para corrigir parte do movimento monacal que se tinha configurado como movimento urbano, pouco disciplinado e acostumado às livres saídas dos mosteiros.<sup>68</sup> A partir da autoridade do púlpito, o pastor de Constantinopla não mostrou qualquer temor em corrigir o luxo exagerado das damas da Corte, não admitindo os seus hábitos de interferência na Igreja.<sup>69</sup>

---

<sup>65</sup> Cf. John Norman Davidson Kelly, *Golden Mouth: The Story of John Chrysostom -Ascetic, Preacher, Bishop*, (New York: Cornell University Press, 1995), 115-157; Zandonella, *Un grande perseguitato...*, 54-72; Peuch, *San Giovanni Crisostomo...*, 52-62; Rudolf Brändle, *Giovanni Crisostomo: vescovo, riformatore, martire*, (Roma: Borla, 2007), 67-70 e 101-105.

<sup>66</sup> Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 118; Zandonella, *Un grande perseguitato...*, 54.

<sup>67</sup> Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 121; Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 165.

<sup>68</sup> Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 122-123; Zandonella, *Un grande perseguitato...*, 64-67.

<sup>69</sup> Cf. Zandonella, *Un grande perseguitato...*, 67-69; Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 165.

As reformas que João Crisóstomo introduziu em Constantinopla estão estreitamente ligadas ao período inicial da sua vida presbiteral, aos dez anos de sacerdócio, que o biógrafo J. N. D. Kelly chama de “década de desenvolvimento”<sup>70</sup> do seu pensamento, comumente reconhecido como o período mais feliz da sua vida e no qual se pode entrever, a partir das suas homilias, “o que sonhou e desejou”.<sup>71</sup>

O estudo geral das homilias e dos tratados de Crisóstomo confirma-nos a sua atitude e intenção reformadoras. Podemos afirmar que toda a sua pregação é de intervenção. Não constitui, portanto, surpresa que as suas homilias apresentem características de ocasionalidade, uma vez que o pregador estava sempre atento às circunstâncias e aos destinatários a quem se dirigia. A grande maioria das suas intervenções, embora tendo a Escritura como valor perene, responde a acontecimentos e situações práticas, sobre as quais quer intervir com o seu espírito reformista. É o grande reformador moral do povo, e ninguém fica alheado a esta sua profunda intenção.

Com este intuito, ele relaciona constantemente a vida, os pecados e os vícios da comunidade que está sob o seu cuidado, com a Escritura, que ele perscruta com a intenção de descobrir nela uma aplicação prática.<sup>72</sup> Intervém, por exemplo, frequentemente contra o mau hábito dos antioquenos de fazerem juramentos:

«Bem, examinemos a categoria dos artesãos e dos trabalhadores manuais. Estes aparecem viver, mais que todos os outros, das suas justas fadigas e do seu próprio suor, mas eles também, quando não prestam atenção a si próprios, obtêm muitos males das suas atividades. De facto, ao fruto das justas fadigas acrescentam a injustiça que decorre da venda e, muitas vezes à cobiça acrescentam juramentos, perjúrios e mentiras, preocupando-se só dos negócios e vivem agarrados à terra».<sup>73</sup>

Lembrando a palavra da Escritura, insiste, noutra homilia:

---

<sup>70</sup> Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 83-103.

<sup>71</sup> Cf. Peuch, *San Giovanni Crisostomo...*, 62.

<sup>72</sup> Cf. Inmaculada Delgado Jara, «*El período antioqueno de la vida de san Juan Crisóstomo*», *Helmantica* 52/157 (2001): 35 e 45.

<sup>73</sup> Giovanni Crisostomo, *Omèlie sul Vangelo di Matteo, Vol. 2, (26-61)* (Roma: Città Nuova Editrice, 2003), 516.

«Mais uma vez, ouviram que foi dito aos antigos: “não jureis falsamente, mas cumpri os votos que fizeste ao Senhor”. Mas eu digo-vos, não jureis de todo. Porque [Jesus] não passou diretamente ao furto, mas ao falso testemunho? Porque quem rouba, às vezes jura também, mas, ao contrário, quem não sabe dar falso testemunho, com maior razão não quer roubar».<sup>74</sup>

Outra prova de que a sua atenção está centrada em beneficiar, com o seu serviço, a assembleia, é a utilização de uma linguagem pura, mas simples, para que todos a possam entender.<sup>75</sup> Na opinião de Gilvan Ventura da Silva, João Crisóstomo atua com uma “pedagogia dos detalhes”; isto é, ele pronuncia-se, entrando, nos pormenores acerca de todos os comportamentos da vida quotidiana, com o objetivo de criar o *homo christianus*, um homem que pelas suas virtudes e comportamentos, se distinga no meio de pagãos, judeus e oponentes religiosos.<sup>76</sup> Apesar de partilharmos esta posição, ao identificar-nos com a interpretação de Ottorino Pasquato, reconhecemos que o *homo christianus* não constitui o objetivo final de Crisóstomo, mas somente o pressuposto para um ideal superior: a construção de uma “cidade governada por princípios evangélicos”,<sup>77</sup> que possa conduzir os seus cidadãos de forma coletiva, à salvação.<sup>78</sup>

O mundo clássico tinha grandemente idealizado a πόλις. Esta idealização pode ser considerada o *húmus* ou o terreno comum do qual o pensamento de Crisóstomo se nutre. Por outro lado, como mostram os estudos de Ottorino Pasquato, o ideal urbano bíblico constitui outro elemento de grande influência no pensamento do Santo de Antioquia. Como sabemos, a cidade bíblica é caracterizada por bipolaridades: a Jerusalém terrena é relativa à Jerusalém celeste, e, nela residem em conjunto a santidade e o pecado; o indivíduo cristão, redimido por Cristo, adquire antecedência frente à πόλις, continuando a viver nela. Na comunidade eclesial inaugura-se a tensão entre lei externa, porque os

<sup>74</sup> Giovanni Crisostomo, *Omélies sul Vangelo di Matteo, Vol. 1, (1-25)* (Roma: Città Nuova Editrice, 2003), 330-331. Para outras intervenções de Crisóstomo sobre o mesmo tema ver: Iohannes Chrysostom, *De Anna 1,1* (PG 54.634).

<sup>75</sup> Cf. Delgado Jara, «*El período antioqueno...*», 46; Cf. Maxwell, *Christianization and communication...*, 93.

<sup>76</sup> Cf. Gilvan Ventura da Silva, «Homilia e educação cristã na Antiguidade Tardia: a relação corpo, igreja e cidade segundo João Crisóstomo», *Acta Scientiarum Education* 36/1 (2014): 8. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4864739.pdf>

<sup>77</sup> Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 166.

<sup>78</sup> Cf. Maxwell, *Christianization and communication...*, 147.

primeiros cristãos permanecem fiéis à autoridade, e a lei interna, que são as disposições interiores, pessoais. Por este motivo, a cidade ideal de Crisóstomo, além dos elementos já referidos, inclui também uma importante dimensão escatológica, que está presente no texto bíblico, mas que ele especifica e aprofunda.<sup>79</sup>

Como mostra Pasquato, a reforma social da cidade e a sociedade por ele proposta inspira-se sobretudo na vida da Igreja Primitiva, tal como é descrita nos *Atos dos Apóstolos*, sendo também moldada pela sua experiência monástica. Esta proposta tem, no entanto, a particularidade de ser globalizante, acessível a todos e de abranger a transformação da realidade em todos os aspetos da vida urbana.<sup>80</sup> O Pastor de Antioquia coloca a piedade e a virtude num patamar superior relativamente à lei imperial, de tal maneira que um homem virtuoso não precisaria da correção da lei. Idealmente, uma sociedade de homens virtuosos não necessitaria de ter estruturas imperiais, porque a soberania estaria devolvida à humanidade em si, segundo o projeto divino.<sup>81</sup> Porém, a realidade, inevitavelmente leva a que João Crisóstomo reconheça a bondade da autoridade imperial, necessária para a correção e a ordenação da vida social.<sup>82</sup>

É também conhecida a atenção que ele dedica à justiça social e às relações de desequilíbrio entre ricos e pobres, tão notada na sua cidade. Investiu, de facto, como poucos, na reforma da ética social, com vista à construção de uma comunidade-família fundada sobre a solidariedade, na qual os ricos tomam a seu cargo as necessidades dos pobres, sem que estes possam reivindicar o direito de serem assistidos.<sup>83</sup> Crisóstomo vislumbra nestes pobres, Cristo faminto. A construção de uma comunidade-família implica, também, uma transformação na relação entre homens livres e escravos.

Como a generalidade dos Padres da Igreja, sem colocar em causa a escravidão como regime social vigorante por todos aceite, São João Crisóstomo prega a igual dignidade entre todos os homens, associando o atual estado da escravidão ao pecado original. Sendo assim, a condição de servidão não corresponde ao plano e vontade de Deus, mas é resultado de uma perturbação desse plano que, originariamente, era o de

---

<sup>79</sup> Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 166-168.

<sup>80</sup> Cf. Dante Gemmiti, *La Chiesa nascente ideale di vita cristiana, Interpretazioni patristiche dei primi quattro secoli*, (Napoli-Roma: LER, 1999), 146-168.

<sup>81</sup> Giovanni Crisostomo, *Omèlie al popolo Antiocheno* (Roma: Libreria Città Ideale, 1958), PG 49,82.

<sup>82</sup> Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 177-178

<sup>83</sup> Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 178-180.

igual dignidade para todos. A escravidão não se reduz, agora, a uma dominação social, isto é, ao domínio de uma classe social sobre outra, mas assume uma dimensão transcendental: é escravo aquele que peca, que se deixa dominar pelas paixões. O advento de Cristo, aquele que livra do pecado, garante a possibilidade de todos se tornarem livres, independentemente da classe social de pertença, porque só o homem virtuoso é verdadeiramente livre.<sup>84</sup>

O reconhecimento da igualdade de dignidade entre homens livres e escravos anda de mãos dadas com uma nova visão do trabalho, que se inspira na análise atenta das atitudes de Deus, de Cristo e de Paulo, que constituem os seus verdadeiros modelos.<sup>85</sup> O trabalho não é considerado motivo de vergonha, nem visto de forma negativa, como castigo resultante do pecado: «Não digas: ‘este é um operário de bronze, um calceteiro, um agricultor... não o desprezes! Deixemos de olhar para o trabalho como uma vergonha!».<sup>86</sup>

Em vez disso, o trabalho é uma forma de imitar Deus Criador, o primeiro “trabalhador”, que continua o seu trabalho de domínio sobre o mundo «para desenvolver as virtualidades latentes no universo».<sup>87</sup> O exercício da caridade para com o próximo é outra das razões positivas do trabalho, que aí encontra a sua verdadeira finalidade: «não para pôr fé no seu trabalho, o homem trabalha, mas para dar àqueles que precisam».<sup>88</sup>

O mistério da vida oculta de Cristo, ocupada no diligente trabalho manual, a escolha dos seus discípulos entre pescadores e outros trabalhadores e o incansável trabalho apostólico de Cristo, constituem argumentos fundamentais para a nova valorização do trabalho manual.<sup>89</sup> João Crisóstomo encontra, mais uma vez, no apóstolo São Paulo, o modelo do trabalhador cristão nestas duas peculiares vertentes: por um lado

---

<sup>84</sup> Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 185-188.

<sup>85</sup> Cf. Jean Chrysostome. *Panegyriques de S. Paul, Sources Chrétiennes* Vol. 300, (Paris: Les Éditions du Cerf, 1982); L. Brottier, *Jean Chrysostome au miroir de saint Paul: esquisse d'une passion spirituelle*, *Connaissance des Pères de l'Église*, Vol. 113, (2009), 16-28;

M. Mitchell, «The archetypal image: John Chrysostom portraits of Paul», *The Journal of Religion* 75/1 (1995): 15-43. <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9h&AN=9502214934&lang=pt-pt&site=ehost-live> Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 188-192.

<sup>86</sup> João Crisóstomo, *In Prisc. Et Aquil.* 1,5.

<sup>87</sup> Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 189.

<sup>88</sup> Comm. Vangelo Giovanni, *Omelia*, 44,1: PG 59, 249.

<sup>89</sup> «Somos discípulos de pecadores, publicanos, de fabricantes de tendas, daquele que foi nutrido na casa de um carpinteiro» (*Ad pop. Ant.* XIX,2).

o trabalho manual,<sup>90</sup> por outro a evangelização incansável. Inspirado neste modelo, Crisóstomo repreende não só os fiéis leigos que não investem tempo e forças na evangelização, mas também aqueles que vivem da esmola, sem querer trabalhar.<sup>91</sup>

## 2.2 A Análise do *De Inani Gloria et De Educandis Liberis*

É agora altura de nos concentrarmos mais diretamente no texto que constitui objeto da nossa tradução. Inicialmente enfrentaremos as questões relacionadas com a transmissão do texto, os manuscritos através dos quais o texto chegou até nós, a questão da autenticidade, a datação da obra, o género literário e os destinatários para, em seguida, tratarmos da terminologia da educação e da metáfora central do Tratado.

### 2.2.1 Transmissão do texto

Ao que parece, o tratado DIG não gozou de grande popularidade durante a Idade Média, tendo permanecido esquecido até 1656,<sup>92</sup> quando François Combefis<sup>93</sup> descobre este tesouro, definido por ele próprio como *liber aureus*.<sup>94</sup> Combefis publica a *Editio principes* a partir do manuscrito da coleção do Cardeal Giulio Raimondo Mazzarino,<sup>95</sup> atualmente conhecido como o manuscrito *Parisinus Graecus 764*. A edição e a tradução de Combefis baseia-se neste único manuscrito e apresenta-se estruturada em duas colunas, o texto grego e a sua tradução latina, sem divisão numerada, mas estruturada em

---

<sup>90</sup> Cf. At 18, 1-3; At 20, 33-34; 1 Ts 2,9; 2 Ts 3,7-9; 1 Ts 11-12; 1 Cor 4, 12.

<sup>91</sup> Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 191-192.

<sup>92</sup> Cf. Max Ludwig Wolfram Laistner, «The Lesbos Manuscript of Chrysostom's "De Inani Gloria"», *Vigiliae Christianae* 5/3 (1951): 179. <https://www.jstor.org/stable/1582454>. Anne-Marie Malingrey ao tratar a questão da datação da obra, oferece-nos uma possível explicação para este "esquecimento": os manuscritos eram realizados por copistas em ambiente monástico para responder a necessidades específicas e, portanto, este texto, cheio de conselhos muito direcionados aos pais e às mães de família, não fazia parte do conjunto de textos que podiam interessar na vivência monástica. Cf. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire et L'Éducation des Enfants*, Sources Chrétiennes, Vol. 188 (Paris: Les Éditions du Cerf, 1972), 43.

<sup>93</sup> François Combefis (1605-1679), patrologista Dominicano de origem francesa.

<sup>94</sup> Cf. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 11.

<sup>95</sup> Giulio Raimondo Mazzarino (1602-1661) foi cardeal, político e diplomático italiano que exerceu principalmente em França sob o reinado de Luís XIV.

parágrafos, cujo título é: *Sancti Ioannis Chrysostomi De Educandis Liberis Liber Aureus*<sup>96</sup>.

Somente em 1914, quase três séculos mais tarde<sup>97</sup>, Franz Schulte publica uma outra edição do texto grego: *S. Ioannis Chrysostomi De Inani Gloria et De Educandis Liberis, Edidit Franciscus Schulte (prog. Gaesdonk n° 764) Monasterii Guestfolorum*. Esta edição também se apoia no manuscrito *Parisinus Graecus 764* e na edição publicada por Combefis, cujo texto tinha integrado algumas correções no grego, muitas delas julgadas não legítimas por Schulte.<sup>98</sup> Laistner relata-nos um facto de particular interesse: parece que Franz Schulte procurava encontrar outro manuscrito e, nesta busca, perguntou a Chrysostom Baur (1876-1962) se ele tinha tido conhecimento da existência de um segundo manuscrito. C. Baur respondeu negativamente, no entanto, na sua obra *Des hl. Joh. Chrysostomus Und Seine Zeit*, afirmou ter encontrado um segundo manuscrito, o chamado *Lesbiacus 42*, referindo que uma descrição deste exemplar já tinha sido impressa cerca de 50 anos antes.<sup>99</sup> O próprio Laistner esclarece que o manuscrito fazia parte da coleção *Mavrogordati*, encontrada num mosteiro, o chamado Μονή Λειμῶνος, localizado a cerca de 50 km de Mytilene na Grécia.

Em 1940, D. N. Moraïtis publica uma nova edição do texto grego antigo, acompanhada de uma introdução em grego moderno, na qual indica apenas nove variações entre o *Parisinus gr. 764* e o *Lesbiacus 42*. Anne-Marie Malingrey, na sua *introdução*, define a edição de Moraïtis decepcionante do ponto de vista científico.<sup>100</sup> Mais tarde, em 1954, B. K. Exarchos publica uma nova edição, *Johannes Chrysostomos Uber Hoffard und Kindererziehung Mit Einleitung und Kritischem Apparat*, amplamente

---

<sup>96</sup> O título completo é o seguinte: *Sancti Ioannis Chrysostomi de Educandis Liberis Liber Aureus. Eisdem Tractatus alii quinque qua festiui, qua paraeneticis. Seueriani Gabalorum Episcopi de Cruce; Basilli Seleucia de S. Stephano, eiusque Reliquiis. Zachariae Hierosolymorum Antistitis as suae plebis reliquias. Epistola e Perside, Incertique aequalis de eadem captiuitate, ac sanctae Urbis excidio. Ex uetustis Eminentissimi Cardinalis Mazarini Graecis Codicibus noua prouident, eidem Eminentissimo Principi inscripta; R. P. Francisco Combefis ordinis F. F. Praedicatorum congregationis Sancti Ludouici producente interprete. Parisiis, Sumptibus A. Bertier, 1656* Cf. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 55.

<sup>97</sup> Este enorme hiato entre estas duas edições em língua grega pode ser explicado pelos ataques à autenticidade da obra posta em causa por numerosos estudiosos. A questão da autenticidade será abordada neste capítulo.

<sup>98</sup> Cf. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 56; Laistner refere que Combefis aportou cerca de sessenta correções ao texto grego e destas, quarenta e nove não foram aceites por Schulte. Cf. Laistner, «The Lesbos Manuscript...», 182.

<sup>99</sup> Cf. Laistner, «The Lesbos Manuscript...», 180.

<sup>100</sup> Cf. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 57.

elogiada pelos especialistas e que serviu para muitas traduções posteriores,<sup>101</sup> mesmo que, mais tarde, Anne-Marie Malingrey tenha revelado a existência de algumas confusões e omissões que a levaram a fazer uma recompilação dos dois manuscritos.<sup>102</sup>

Analisando a edição de Exarchos, Anne-Marie Malingrey, professora da Universidade de Lille, reconhece o grande contributo que a obra trouxe para o estudo do manuscrito, destacando: as razões que validam a sua autenticidade; o estudo detalhado onde se explicitam as diferenças entre os dois manuscritos; e a preciosa lista de *Loca paralela*, com indicação das outras obras de Crisóstomo. No entanto, a autora identifica falta de rigor científico, tanto no texto como no aparato crítico, e constata uma forte predileção de Exarchos pelo manuscrito *Lesbiacus*.<sup>103</sup>

Em 1972, Anne-Marie Malingrey publicou, na *Sources Chrétienne (SC)*, o texto crítico grego completo, antecedido de uma importante introdução, na qual é feita uma análise crítica do texto, em que se aborda a problemática da autenticidade da obra de Crisóstomo: a questão da datação e a história das várias edições.<sup>104</sup> Esta edição constitui a base do nosso estudo e uma fonte insubstituível de consulta.

### 2.2.2. Os dois manuscritos

Como já foi referido, o texto do nosso Tratado chegou até nós através de dois manuscritos: o *Parisinus graecus 764 (P)*<sup>105</sup> e o *Lesbiacus Leimon (L) 42*.<sup>106</sup> Anne-Marie Malingrey apresenta-nos um importante estudo comparativo, aproveitando os trabalhos

<sup>101</sup> Cf. D. Ruiz Bueno, «Introducción» in Juan Crisóstomo, *De la Vanagloria y de la Educación de los Hijos*, in *Obras de San Juan Crisóstomo: Tratados Ascéticos*, Vol. 3 (Madrid: BAC, 2011), 101.

<sup>102</sup> Cf. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 59.

<sup>103</sup> Cf. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 59.

<sup>104</sup> Cf. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 7-62.

<sup>105</sup> *Parisinus graecus 764*, Biblioteca nacional de Paris, 365x275mm., 441 fol., 2 col., 26 li., ff. 314<sup>v</sup>-343<sup>v</sup> De inani gloria. Para os textos contidos no manuscrito: H. Mont, *Inventaire sommaire des manuscrits grecs de la Bibliothèque nationale*, Paris 1898.

<sup>106</sup> *Lesbiacus Leimon 42*, Mosteiro de Leimon, 330x240mm., 338 fol., 2 col., 26 li., ff. 92<sup>v</sup>-118 De inani gloria. Para os textos contidos no manuscrito: A. Papadopoulos-Kèrameus, Κατάλογος τῶν ἐν ταῖς βιβλιοθήκαις τῆς νήσου Λέσβου ἐλληνικῶν χειρογράφων, ἐν ᾧ ἐν Κωνσταντινουπόλει Ἑλληνικὸς Φιλολογικὸς Σύλλογος, Μαθηρογορδάτειος Βιβλιοθήκη, τ. I. Ἀρῆνδρις ἀο τ. XVI, 1885, 52-53.

anteriores sobre P e tendo nas suas mãos uma reprodução fotográfica do manuscrito L.<sup>107</sup> Limitamo-nos a reportar as suas conclusões.

Embora os dois manuscritos apresentem, inicialmente, semelhanças notáveis, como a divisão em duas colunas, bom como as letras capitais à margem e as mesmas abreviações,<sup>108</sup> constata-se que os dois manuscritos são de qualidade diferente. O manuscrito P segue as regras clássicas, mas o mesmo não se poderá dizer do manuscrito L, que, por causa de alguns detalhes, como a confusão entre  $\upsilon$  e  $\beta$ ,  $\omicron$  e  $\omega$ ,  $\eta$  e o ditongo  $\epsilon\iota$ , parece ter sido escrito sob audição.<sup>109</sup> Por estas razões, pode concluir-se que os dois manuscritos dificilmente seriam a cópia um do outro, mas tem-se colocado a hipótese de existir um anterior possível modelo, que tenha sido comum,<sup>110</sup> mas de que se desconhece a existência.

Esta mesma hipótese parece explicar a disparidade de textos contidos nos manuscritos L e P, uns comuns e outros diferentes. Não tendo acesso aos manuscritos, não conhecemos a totalidade dos textos contidos nos dois documentos. Temos apenas acesso a uma pequena parte, apresentada por Anne-Marie Malingrey e que reportamos neste quadro:<sup>111</sup>

<i>Tabela 1 – Tabela comparativa de textos contidos nos manuscritos P e L</i>	<b>P</b>	<b>L</b>
<b><i>De fide et lege</i>, PG 48, 1081-1088</b>	---	ff. 23-33
<b><i>In epist. Ad Cor., hom. IX</i>, PG 61, 75-82</b>	ff.198 <sup>v</sup> -207 <sup>v</sup>	---
<b><i>De fut. Uit. Del.</i>, PG 51, 347-354</b>	ff.208-215 <sup>v</sup>	ff.33-40
<b><i>In illud: Attendite</i>, PG 59, 571-574</b>	ff. 215 <sup>v</sup> -221 <sup>v</sup>	---
<b><i>Contra eos qui subintr.</i>, PG 47, 495-514</b>	ff. 222-251	ff. 40-66
<b><i>Quod regulares</i>, PG 47, 514-532</b>	ff. 251 <sup>v</sup> -278	---

<sup>107</sup> Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 59, nota de rodapé 2.

<sup>108</sup> Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 49.

<sup>109</sup> Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 49.

<sup>110</sup> Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 51.

<sup>111</sup> Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 50.

<b><i>In martyr. Aegypt.</i>, PG 50, 693-698</b>	ff. 279-284	ff. 66-71
<b><i>In illud: Diligent. Deum</i>, PG 51, 195-172</b>	ff. 285 <sup>v</sup> -294 <sup>v</sup>	ff. 71-78
<b><i>Quod mari similis sit</i>, PG 64, 19-22</b>	ff. 294 <sup>v</sup> -298	---
<b><i>Expos. in ps. XLI</i>, PG 55, 155-167</b>	ff. 298 <sup>v</sup> -314	ff. 78 <sup>v</sup> -92
<b><i>De inani gloria</i></b>	ff. 314 <sup>v</sup> -343 <sup>v</sup>	ff. 92 <sup>v</sup> -118
<b><i>De virgin. (des. Mut: ἀνθρωπίνην)</i>, PG 48, 533-595</b>	ff. 344-439	---

Como é possível constatar no manuscrito P, o *DIG* situa-se entre o *Expos. in ps. XLI* e o tratado *De virgin.*, com o qual termina o manuscrito. Também no manuscrito L, o *DIG* situa-se a seguir ao *Expos. in ps. XLI*, mas Malingrey não esclarece qual é o texto seguinte, somente afirma que o manuscrito L tem continuidade com mais dezassete textos. Observando a localização dos textos nos manuscritos, a partir do número das linhas, verificamos que em P o grupo de textos comuns se situa na parte final e em L na parte inicial.<sup>112</sup> Aceitando a hipótese da existência de um modelo anterior, que tenha sido comum à redação dos manuscritos L e P, permanece obscura a razão pela qual uns textos tenham sido copiados e outros não.

No que respeita à datação dos manuscritos, existem dois estudos fundamentais que devem ser considerados: *The Lesbos Manuscript of Chrysostom's De Inani Gloria*<sup>113</sup> de M. L. W. Laistner e o estudo de F. Schulte, na sua edição do *De Inani Gloria*, cujas conclusões são referidas por Malingrey. Laistner afirma que o manuscrito L terá sido escrito durante a segunda metade do século X ou no início do ano 1000 d.C.<sup>114</sup> Quanto ao manuscrito P, este parece ter sido escrito um pouco mais tarde, durante o século XI, segundo a opinião de Schulte que baseia a sua afirmação na grafia e na acentuação do

<sup>112</sup> Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 50.

<sup>113</sup> Cf. Max Ludwig Wolfram Laistner, «The Lesbos Manuscript of Chrysostom's "De Inani Gloria"», *Vigiliae Christianae* 5/3 (1951): 179. <https://www.jstor.org/stable/1582454>

<sup>114</sup> Cf. Laistner, «The Lesbos Manuscript...», 182.

manuscrito.<sup>115</sup> Parece-nos importante sublinhar que entre a data da obra original, que remonta ao final século IV e os nossos manuscritos, passaram mais de seiscentos anos.

### 2.2.3 A questão da autenticidade

O debate acerca da atribuição a João Crisóstomo do tratado DIG é caracterizado por vozes discordantes que, inclusive nos nossos dias, estão longe de considerar a querela plenamente resolvida. Na nota explicativa que antecede o texto grego realizado por Anne-Marie Malingrey, esta especialista lembra que o conjunto das notas que acompanham o texto tem como objetivo ajudar o leitor a fazer uma ideia própria acerca da atribuição da autoria a João Crisóstomo, enriquecendo a edição com textos paralelos, muitos deles considerados autênticos, sem considerar, portanto, a autenticidade como algo definitivamente assumido.<sup>116</sup>

Esta situação de incerteza deve-se à falta de provas evidentes e testemunhos inquestionáveis da autenticidade. Por conseguinte, as provas apresentadas, quer a favor, quer contra, baseiam-se na análise interna do texto, na comparação intertextual com outras obras de Crisóstomo e têm, ainda, em conta os indícios histórico-culturais pelos quais se tem situado a obra na segunda metade do século IV. O problema deste tipo de provas é que dependem fundamentalmente do conhecimento específico que cada estudioso tem de Crisóstomo, da sua personalidade, da sua visão cristã da realidade e do conhecimento das formas características de expressão na língua grega. Este tipo de provas, possuindo sempre um matiz subjetivo, não nos permite dissipar completamente as dúvidas quanto à autenticidade do manuscrito.

Em 1656, ao publicar pela primeira vez o texto em latim, F. Combefis não tinha dúvidas: o texto pertencia a Crisóstomo.<sup>117</sup> Porém, esta afirmação assertiva não era fundamentada por provas bem estruturadas, mas somente pelos seguintes factos: o título que na tradição manuscrita atribui a Crisóstomo esta obra, situada no manuscrito entre o

---

<sup>115</sup> Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 53.

<sup>116</sup> Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire et l'Éducation des Enfants*, ed. A.-M. Malingrey, Sources Chrétiennes, Vol. 188 (Paris: Cerf, 1972) 65, §1, nota de rodapé 2.

<sup>117</sup> Em “*Ne Chrysostomo Abdicem Decadis Huius Tractatum Primum atque Principem...*” Combefis fala de dez textos, mas parece ter publicado primeiramente seis, e, posteriormente, os outros quatro, dos quais o primeiro é o De Inani Gloria. Não tendo acesso à edição de Combefis: Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 13, nota de rodapé.

tratado *Sobre a coabitação* e o tratado *De virginitate*<sup>118</sup> as semelhanças e paralelos com outras obras do autor; a polémica contra os espetáculos e os comportamentos aí decorrentes, ideias tão próximas do pensamento de Crisóstomo; a preocupação de explicar a Escritura; a ausência de explicações alegóricas e de outras expressões não familiares à escrita de Crisóstomo.<sup>119</sup>

Exatamente cinquenta anos mais tarde, em 1706, Tillemont<sup>120</sup> afirma que não encontra motivos para declarar a obra não autêntica,<sup>121</sup> no entanto, insinua uma primeira dúvida ao afirmar que duas das seis homilias publicadas por Combefis não podem ser atribuídas a Crisóstomo.<sup>122</sup> Em 1722, Casimir Oudin exprime-se pela primeira vez a favor da não-autenticidade do manuscrito, ao encontrar uma semelhança, na sua opinião notável, entre o *DIG* e outros dois textos *De Arrogantia et Vana Gloria* e *De Liberatorum Educatione*, que o levou a considerar o texto *DIG* como sendo uma simples égloga, isto é, um conjunto de retalhos de obras consideradas autênticas. D. Ruiz Bueno considera que a afirmação de C. Oudin é fruto de um grave erro de avaliação, facilmente solucionável pela leitura das églogas.<sup>123</sup>

As considerações de C. Oudin terão consequências duradouras e negativamente marcantes para o tratado *DIG* que assim permanecerá no esquecimento durante 185 anos, até 1907. Quer D. Ruiz Bueno, quer Anne-Marie Malingrey atribuem ao juízo erróneo de C. Oudin a exclusão do tratado “De Inani Gloria et De Educandis Liberis – Sobre a vanglória e sobre como os pais deve educar os filhos” da edição das obras completas de

<sup>118</sup> Afirmação errônea, tendo em conta a tabela apresentada no capítulo 2.3 sobre os dois manuscritos.

<sup>119</sup> Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 13.

<sup>120</sup> O Padre Louis-Sébastien le Nain de Tillemont (Paris 1637-1698) é sobretudo famoso por duas obras que fazem parte da sua historiografia: *Histoire des empereurs et des autres princes qui on regné durant les six premiers siècles de L'Église* (6 vol.; 1690-1697 os primeiros quatro, póstumos os outros: 1701, 1738) e *Mémoires pour servir à l'histoire ecclésiastique des six premiers siècles* (16 vol.; 1693-1697 os primeiros quatro, póstumos os restantes: 1698-1712).

<sup>121</sup> Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 14; Cf. D. Ruiz Bueno, «Introducción» in Juan Crisóstomo, *De la Vanagloria...*, 102.

<sup>122</sup> Trata-se da *Homilia sobre a Santa Natividade de Cristo* e da *Homilia sobre os recém batizados e sobre a Páscoa*.

<sup>123</sup> Em relação à terminologia apropriada, D. Ruiz Bueno usa o termo églogas, do grego ἐγλογία. Cf. D. Ruiz Bueno, «Introducción» in Juan Crisóstomo, *De la Vanagloria...*, 102. Anne-Marie Malingrey reporta, ao contrário, o termo ἀπάνθισμα. Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 15, nota de rodapé 1. Parece-nos importante esclarecer que o reconhecimento de uma obra como égloga não ataca diretamente a sua autenticidade. De facto, as suas diferentes partes são reconhecidas como autênticas, mas não a sua junção num único texto. O conteúdo e as ideias seriam próprios do Crisóstomo, mas não o seria a forma pela qual chegaram até nós.

Crisóstomo publicadas por Montfaucon<sup>124</sup> e, conseqüentemente, da *Patrologia Graeca* de J.-P. Migne,<sup>125</sup> do qual este reproduz a edição.<sup>126</sup>

Somente em 1907, S. Haidacher trará uma mudança de rumo à questão. Após a realização de uma investigação séria e pioneira, demonstrará que o texto não pode ser considerado uma égloga e realiza uma tradução alemã a partir do texto grego de Combefis. A tradução alemã é precedida de um importante prefácio no qual se defende a autenticidade do tratado, valendo-se, principalmente, de numerosas comparações com outras obras de Crisóstomo, nomeadamente com o tratado *Adversus oppugnatores vitae monasticae*, com a homilia *De Anna* e com as homilias *In Matthaëum* 49 e 59.

Em 1914, F. Schulte apresenta ao público uma edição bilingue do tratado *De Inani Gloria*, projeto que Haidacher não tinha conseguido realizar antes de morrer. Na introdução defende novamente a autenticidade da obra, sem aceitar a totalidade das provas de Haidacher, mas acrescentando outras provas importantes. Ao examinar o texto grego, confirma o estilo expressivo que julga análogo ao de Crisóstomo, nomeadamente na riqueza da eloquência e na repetição de palavras entre o fim de uma frase e o começo da outra. Sublinha, também, o modo como o autor utiliza os textos sagrados como fonte moral, uso que está em perfeita sintonia com o pensamento e escrita de Crisóstomo.<sup>127</sup>

Neste estudo é também colocada a questão da unidade da obra. De facto, facilmente nos apercebemos que ela é divisível em duas partes.<sup>128</sup> Esta dualidade e unidade é, porém, justificada por Schulte, atribuindo-a à capacidade expressiva de

---

<sup>124</sup> Bernardo de Montfaucon (1655-1741), frade beneditino, editou as obras de João Crisóstomo: *Sancti Patris Nostris Ioannis Chrisostomi Opera Omnia* (1718-1738). Ruiz Bueno atribui a culpa da exclusão aos colaboradores de Montfaucon que se deixaram levar pela opinião de Oudin e convenceram o frade beneditino de 83 anos a excluir o texto. Cf. D. Ruiz Bueno, «Introducción» in Juan Crisóstomo, *De la Vanagloria...*, 101.

<sup>125</sup> Jacques Paul Migne, biógrafo, presbítero e editor francês, é conhecido sobretudo por ter cuidado da edição e publicação da *Patrologia Latina* e da *Patrologia Graeca* que contém os escritos dos Padres da Igreja.

<sup>126</sup> Cf. D. Ruiz Bueno, «Introducción» in Juan Crisóstomo, *De la Vanagloria...*, 102. Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 15.

<sup>127</sup> Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 19. Schulte refere-se principalmente à releitura da história de Caim e Abel (§39-40) e de Jacob e Esaú (§43-52).

<sup>128</sup> O texto pode ser facilmente dividido em duas partes: uma sobre a vanglória (§1-15) e outro sobre a educação dos filhos (§16-90). A passagem entre as duas partes é efetivamente muito repentina: “Τὸ δὲ αἴτιον πάντων τῶν κακῶν ἐξ ἀρχῆς τοῦτο γίνεται, καὶ πῶς, ἐγὼ λέγω”. “Mas, a causa de todos os males, esta surge desde o princípio, e eu digo-te de que modo”.

Crisóstomo, que nas suas homilias costumava contrapor e apresentar diferentes argumentos.

Como conclusão, Schulte apresenta duas hipóteses para corroborar a autenticidade do Tratado: por um lado, deficiências no trabalho do revisor e cita F. Dübner, que tinha atestado o mau estado do texto do *De virginitate*, «gravemente interpolado por um revisor ignorante».<sup>129</sup> Schulte pensa que o mesmo possa ter acontecido com o tratado em estudo; por sua vez, Schulte afirma que o *De Inani Gloria* poderia ter sido taquigrafado sob audição, sem ter sido posteriormente revisto pelo Pastor de Antioquia. Desta forma, ficariam explicadas as deficiências textuais e salvaguardada a autenticidade do manuscrito.

Poder-se-ia pensar que o debate estaria resolvido, mas, em 1939, D. N. Moraïtis avança com novos indícios a favor da não-autenticidade do manuscrito. Rejeitando completamente as provas apresentadas pelos estudiosos anteriores, como por exemplo, a tese relativa à localização do texto no interior do manuscrito e as tentativas de atribuir a obra a Crisóstomo, situando-a no século IV d.C., este estudioso sustenta que, mesmo que assim fosse, Crisóstomo não seria o único autor possível. Além disso, Moraïtis apresentou provas de tipo sintático contra a autoria crisostomiana, elencando uma lista de dezasseis termos estranhos ao vocabulário de Crisóstomo. Anota, ainda, uma certa desordem no desenvolvimento das ideias (§47-51) e uma interrupção do desenvolvimento (entre §39-51) que não parecem ser habituais em Crisóstomo. A argumentação é muito clara: as obras autênticas do Crisóstomo são perfeitas sob todos os aspetos. *De Inani Gloria*, ao contrário, contém particularidades, quer nos vocábulos, quer na sintaxe, o que obriga a atribuí-la a outro autor que não Crisóstomo. Moraïtis ataca também alguns conteúdos do tratado: a comparação da alma do jovem com uma cidade fortificada; a teoria das sensações descrita no desenvolvimento central (§27-63); alguns conselhos educativos;<sup>130</sup> e a divisão tripartida da alma (§65). Todos estes seriam conceitos estranhos a Crisóstomo.

Ao mesmo tempo, porém, o próprio Moraïtis não pode negar afinidades entre as ideias contidas no *De Inani Gloria* e as de Crisóstomo presentes nas demais obras.

---

<sup>129</sup> Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 20.

<sup>130</sup> Por exemplo: a contemplação da natureza como distração dos espetáculos teatrais (§ 78), uma excessiva dureza educativa (§63), falar-lhe do inferno e de Sodoma (§ 58), dar explicações baseadas em mentiras (§ 57), o uso da emulação e os ataques ao amor próprio do jovem (§77).

Reconhecer esta correlação levá-lo-á a formular duas hipóteses: o tratado, que chegou até nós, pode ser fruto de um autor que desenvolveu uma ideia principal de Crisóstomo,<sup>131</sup> ou, então, a junção de dois textos, o primeiro sobre a vanglória e o outro sobre a educação, escritos por dois autores diferentes e em seguida unidos ou pelo autor da segunda parte ou por um terceiro.<sup>132</sup> Parece-nos, na nossa opinião, uma tese demasiado rebuscada e que, talvez por este motivo, não encontrou seguidores.

Também B. K. Exarchos, intervindo seriamente neste debate, publicou, durante oito anos, de 1941 a 1948, vários artigos sobre esta temática, procurando sempre responder e rebater as alegações de Moraïtis. Como corolário, publicou, em 1954, a sua edição crítica. Nesta, depois de provar que catorze dos dezasseis termos julgados estranhos a Crisóstomo por Moraïtis, na verdade não o eram, reconhece que o estilo do tratado não respeita sempre as regras da retórica. Contudo, também ele encontra na liberdade de improvisação de Crisóstomo uma possível explicação. Pensa que a comparação da alma do menino com uma cidade é própria de Crisóstomo, mas considera que não deve ser-lhe atribuído um alcance filosófico. Exarchos considera também que esta mesma lógica está presente nas ideias pedagógicas de Crisóstomo<sup>133</sup> e no conceito de divisão tripartida da alma, considerada como um lugar-comum do tempo e em parte usado na *Homilia V sobre a Carta aos Hebreus* (V, 5). Para Exarchos, nem as afinidades com outros tratados pedagógicos, nem a questão da unidade da obra, são relevantes para declarar a sua não autenticidade.

Podemos afirmar que o trabalho de Exarchos marcou um ponto de viragem na atribuição da autoria da obra *De Inani Gloria* a João Crisóstomo.<sup>134</sup> Esta afirmação é certamente válida para Daniel Ruiz Bueno que, em 1958, publica o nosso tratado juntamente com outros tratados ascéticos e que, de forma muito entusiasta, fundamenta as suas notas introdutórias no estudo de Exarchos. Na perspetiva de Daniel Ruiz Bueno a autenticidade da obra pode ser verificada no paralelismo de conceitos e ideias existentes

---

<sup>131</sup> Moraïtis indica também um possível texto: ο Πρὸς πιστὸν πατέρα, a terceira parte dos tratados conhecido como *Adversus Oppugnatores Vitae Monasticae*.

<sup>132</sup> Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 21-24.

<sup>133</sup> Exarchos confronta as ideias pedagógicas com textos paralelos apresentados por Haidacher. Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 8.

<sup>134</sup> Temos notado que, no âmbito da literatura inglesa sobre o assunto, a grande referência é constituída por M. L. W. Laistner na sua obra *Christianity and Pagan Culture in the Later Roman Empire*, obra publicada pela Cornell University em 1951. Infelizmente não foi possível termos acesso à obra, muito embora os nossos esforços para a conseguir.

entre *De Inani Gloria* e outras obras de Crisóstomo: nomeadamente, a primeira e a segunda *Homilia sobre Ana* e a 59<sup>a</sup> *Homilia sobre o Evangelho de São Mateus*.

Em 1972, Anne-Marie Malingrey, publica uma edição crítica que tem em conta os dois manuscritos. Na longa e elucidativa introdução, esta especialista resume todo o debate existente acerca da autenticidade, da datação e da tradição manuscrita. Embora Malingrey opte por não se pronunciar declaradamente sobre a autenticidade do documento, parece-nos que, de facto, ela não deixa ao leitor outra escolha que não a de atribuir a obra a Crisóstomo. Sem pretender ser exaustivos, parece-nos suficiente observar o frontispício da edição que atribui a obra a Crisóstomo. Além disso, grande parte das notas presentes ao longo do texto apresentam referências e paralelos a outras obras do autor que tratam dos mesmos temas. São pouquíssimas, para não dizer inexistentes, as referências a obras que lhe não pertençam. Na nossa perspectiva parece-nos óbvio que se possa atribuir a autoria da obra a João Crisóstomo.

#### **2.2.4. Datação da obra**

Para compreendermos o que diz o autor, torna-se fundamental conhecer o contexto histórico-social e o ambiente cultural que influenciaram o autor que redigiu esta obra, ela própria, filha do ambiente em que veio à luz. Consequentemente, a definição de uma data precisa possui um valor relativo, sendo suficiente o estabelecimento de um período ou datação aproximada, na qual a obra, com muita probabilidade, possa ter sido redigida.

Esta contextualização, requerida para qualquer obra do passado, parece-nos ser ainda mais importante no caso do *DIG*, tendo em conta o tema tratado e as questões à volta da sua autenticidade. Sucede, porém, que a análise interna do texto não nos oferece indícios que nos permitam resolver com facilidade a questão da datação. De facto, os conselhos pedagógicos que nela encontramos possuem um carácter tão geral que podem ser aplicados a qualquer época e, por este motivo, são válidos ainda hoje. Os pormenores da vida quotidiana são comuns a várias cidades do Império Romano do século III e IV, como Antioquia e Constantinopla, cidades onde Crisóstomo viveu. Por estas razões

alguns especialistas recusaram pronunciar-se acerca da datação da obra.<sup>135</sup> A maioria dos estudos concorda, porém, em afirmar que a obra foi redigida durante o período antioqueno de Crisóstomo, ou seja, antes de 26 de fevereiro de 398.<sup>136</sup>

A partir do contributo dos autores já citados, pensamos ser possível fixar um intervalo de tempo suficientemente delimitado no qual é possível situar a criação do nosso tratado. Já vimos como Crisóstomo expõe o seu pensamento pedagógico através de dois tratados: o *Adversus Oppugnatores vitae monasticae*, com forte teor monástico/radical e, por isso, certamente posterior ao ano 378, ano do seu regresso das montanhas – onde vivia como eremita – à cidade de Antioquia<sup>137</sup>; o *De Inani Gloria*, que manifesta uma evolução em relação com o primeiro tratado, sendo este último mais realista, devido à sua experiência pastoral. Neste contexto, pode colocar-se uma questão de difícil resposta: quanto tempo terá durado este processo de adaptação à realidade, que levou Crisóstomo a uma mudança conceptual do seu pensamento pedagógico? Ottorino Pasquato, consciente desta evolução pedagógica, refere uma “sofrida gradação”,<sup>138</sup> que o leva a situar a obra no limite superior temporal, pouco antes da partida de Crisóstomo de Antioquia para Constantinopla: o ano 396-397.<sup>139</sup>

Autores como Peuch<sup>140</sup> e J. N. D. Kelly<sup>141</sup> estão de acordo em identificar a década de 387-397 como sendo um período pacífico, de trabalho incessante e de profundo desenvolvimento pastoral que permitiu a Crisóstomo definir e expor o seu ideal de reforma da sociedade segundo os valores evangélicos. Este ideal, como vimos, está presente na obra do *De Inani Gloria* e encontra no papel da família a sua fonte principal.

Outros autores como Haidacher, Exarchos e Malingrey identificam nos primeiros parágrafos do nosso Tratado, onde é descrita a deplorável condição do corpo da Igreja,<sup>142</sup>

---

<sup>135</sup> Entre estes autores assinalamos Schulte e Laistner. Cf. B. W. HARE, «St John Chrysostom on education», *Prudentia* 6/2 (1974): 1-2. <https://prudentia.auckland.ac.nz/index.php/prudentia/article/view/136/125>

<sup>136</sup> Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 46.

<sup>137</sup> Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 36.

<sup>138</sup> Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 131.

<sup>139</sup> Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 114

<sup>140</sup> Cf. Peuch, *S. Giovanni Crisostomo...*, 67-121.

<sup>141</sup> Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 83-87.

<sup>142</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §1.

uma alusão à crise cismática que ocorreu na cidade de Antioquia antes e depois da morte do Bispo Evágrio, provavelmente nos anos 393/394.<sup>143</sup>

A partir destes estudos, pensamos que é possível afirmar que a obra *De Inani Gloria* foi provavelmente escrita durante o período mais profícuo de atividade pastoral de Crisóstomo, que ocorreu desde 387 até 397. Este intervalo temporal pode, quanto a nós, ser ainda mais reduzido, tendo em conta alguns extratos do texto que parecem aludir ao cisma de Antioquia. No início do Tratado, Crisóstomo descreve o corpo da Igreja como ferido e longe de se encontrar saudável, tendo desenvolvido por este motivo uma pedagogia, cujo objetivo é oferecer uma cura. Esta vivência eclesial ocorreu no fim da vida de Evágrio, ou imediatamente após a sua morte, quando o cenário de uma nova eleição cismática era plausível. Pensamos que foi neste período que *De Inani Gloria* foi escrito e atrevendo-nos a indicar um intervalo de tempo curto, de três anos, por volta do ano 393 como data provável da conceção da obra.

### 2.2.5 O género literário

Qualquer leitor que se detenha na leitura do DIG ficará, inevitavelmente, com a sensação de se encontrar perante uma obra caracterizada por uma grande espontaneidade e liberdade, pelo facto de o autor não apresentar um esquema premeditado de discurso e proceder por associações de ideias. Além disso, ao longo do texto, são muitas as repetições, as improvisações e as interrupções repentinas que nos transmitem a ideia de nos encontrarmos perante um discurso improvisado que está a ser proclamado perante uma assembleia.

Inúmeras vezes, no decorrer do texto, Crisóstomo repete expressões ou ideias, com o objetivo de imprimir a sua mensagem nos ouvidos e nos corações dos ouvintes. São expressões espontâneas, que excluem a possibilidade de o texto ter sido revisto. Damos alguns exemplos destas expressões repetidas: nos §§ 11 e 13 repete-se “ἐνὸς καὶ δευτέρου” e, a seguir, apresentam-se exemplos de vaidades mais comuns; no § 19 repete-

---

<sup>143</sup> Na verdade, a Igreja de Antioquia enfrentou desde 327 até 413 vários momentos de crise cismática, mais ou menos intensos. Para um maior esclarecimento consultar: M. Simonetti, «Antioquia de Síria» em, Angelo di Bernardino (Dir.), *Diccionario Patrístico Y De La Antigüedad Cristiana*, I (Salamanca: Sigueme, 1991), 142.

se a expressão “ἀθλητὴν τῷ Χριστῷ”, duas vezes em poucas linhas; nos §§ 26 e 27 repete-se a expressão “Τίθει τοίνυν νόμους”.

Há também ideias e conceitos educativos repetidos ao longo do texto. É o caso dos §§28 e 31, nos quais o autor exorta os pais a velar sobre a linguagem do filho. Esta mesma exortação é repetida brevemente no § 62. Nos §§ 53, 62 e 79 reitera o conselho de que nenhuma rapariga se deve aproximar do menino, mas que ele se cruze, apenas com uma senhora idosa, a mãe ou uma escrava. Também entre os §§ 47-50 há uma excessiva repetição do conselho de dar nomes de santos aos filhos: isso é dito no § 47 e no § 48, onde os pais são alertados contra os costumes gregos, e também nos §§ 49 e 50, onde se repete esta ideia do nome a dar aos filhos.

No § 52 o autor oferece-nos conselhos pedagógicos para os jovens de diferentes idades, mas apresenta uma ordem arbitrária: primeiro, aconselha os jovens de quinze anos, depois os de oito e, a seguir, novamente os jovens mais velhos. Na última seção do texto, em que se aborda a tripartição da alma, o autor não respeita a ordem comum de alma concupiscente, alma irascível e alma racional; trata primeiro da alma irascível e a seguir da alma concupiscente.

Encontramos no texto duas improvisações muito claras: no § 15 temos uma interação com a assembleia: “Καὶ ἀκούω πολλῶν ἐπὶ τούτῳ θαυματομένων” e no § 36 o autor dá-se repentinamente conta de que o seu discurso deveria ter seguido uma ordem diferente, ao afirmar: “Καὶ τάχα περὶ ταύτης προτέρας ἐχρῆν ἅπαντα εἰπεῖν καὶ προτέραν ἀποφράξαι τὴν εἴσοδον”.<sup>144</sup> Algo parecido acontece no § 47, onde Crisóstomo, no meio da narração adaptada da história de Jacob e Esaú, lembra-se quão importante é a questão do nome: “Εὐκαίρως δὲ ἀνεμνήσθην καὶ με νῦν ὑπῆλθεν ἀπὸ τοῦ ὀνόματος καὶ ἕτερόν τι νόημα”.<sup>145</sup> É na leitura das narrações adaptadas de Caim e Abel e de Jacob e Esaú que, com mais clareza, nos apercebemos da espontaneidade expressa no texto, tão cheio de conselhos à medida que a narração progride, apresentando também, novas sugestões para tornar a narração mais ajustada à capacidade do menino.

<sup>144</sup> João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 36: “E por isso teria sido necessário falar primeiro deste portão, e, assim, bloquear logo a entrada”.

<sup>145</sup> João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 47: “No momento oportuno lembrei-me e veio-me outra reflexão a partir do nome”.

O estilo espontâneo poderia levar-nos a pensar que estamos perante uma homilia que o pastor João de Antioquia pronunciou diante da assembleia dominical ou em qualquer outra ocasião. Há, porém, que ter em conta dois fatos: a grande maioria das homilias do pregador de Antioquia começam normalmente com uma citação bíblica sobre a qual ele discorre, e o texto do *DIG* apresenta-se muito mais comprido do que qualquer outra homilia atribuída ao Santo.<sup>146</sup> Ora, no caso do texto em estudo, a motivação da sua intervenção encontra-se na forma como Crisóstomo analisa a realidade que observa e vive, que o leva a colocar na vanglória a causa dos problemas da Igreja de Antioquia,<sup>147</sup> para a qual vislumbra uma solução: a firme educação cristã das crianças, baseada na moderação, no desprezo da glória, da estima dos outros, das coisas humanas e na valorização da pobreza e das virtudes.<sup>148</sup>

Por outro lado, a extensão do texto leva-nos a descartar a possibilidade de se tratar de uma homilia. Será mais adequado seguir a opinião de A. Malingrey,<sup>149</sup> pensando num discurso improvisado frente a vários pais, que foi taquígrafado no momento e que não foi revisto e corrigido pelo autor.<sup>150</sup> Se estas considerações coincidirem com a verdade, como parece, estaremos perante um *liber aureus*, apropriando-nos da expressão de F. Combefis, tendo a oportunidade de estar mais próximos da personalidade de Crisóstomo e da sua forma de se expressar oralmente, uma vez que não há qualquer tipo de revisão.

## 2.2.6. Estrutura

O texto original grego, além do título, não apresenta outras divisões ou subtítulos, sendo que todas as estruturas propostas nas diferentes traduções foram feitas livremente

---

<sup>146</sup> Esta afirmação foi feita tendo em conta as *Homilias* sobre as Cartas de São Paulo. Cf. São João Crisóstomo, *Comentário às cartas de São Paulo*, Vol. 1-3 (São Paulo: Paulus, 2014).

<sup>147</sup> Esta constatação levou alguns autores, como Haidacher, a considerar o *De Inani Gloria et De Educandis Liberis* como a continuação natural da *Homilia X* de João Crisóstomo sobre a Epístola aos Efésios. De facto, na parte final desta homilia Crisóstomo compara a vanglória a um fogo que tudo queima, exatamente como no princípio do texto em estudo. Cf. São João Crisóstomo, *Comentário às cartas de São Paulo*, Vol. 1 (São Paulo: Paulus, 2014) 357.

<sup>148</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 15.

<sup>149</sup> Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 39.

<sup>150</sup> Anne-Marie Malingrey avança a hipóteses de tais negligências se deveram ao taquígrafo. De facto, os autores estão de acordo em afirmar que no texto se encontram várias negligências de estilo, como por exemplo o uso de diferentes tempos verbais, indicativo, optativo e conjuntivo no §2. Essas negligências podem ser explicadas em parte pelo carácter espontâneo da obra e, em parte, pela possível inexperiência do taquígrafo. Cf. A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 37-38.

pelos tradutores. O esquema que aqui propomos é de nossa autoria, procurando entender a estrutura da obra:

§§ 1-15 Sobre a vanglória:

- §§ 1-3 Os estragos da vanglória na Igreja
- §§ 4-10 O evérgeta
- §§ 11-15 A vanglória é comum a muitos

§§ 16-90 Sobre a educação dos filhos e como os pais devem educar os filhos:

- §§ 16-18 A necessidade de educação
- §§ 19 O objetivo da educação
- §§ 20-27 A alma do menino é comparada
  - § 20 Comparação com a cera mole
  - § 21 Comparação com uma pérola
  - § 22 Comparação com um estatua
  - §§ 23-27 Comparação com uma cidade
- §§ 28-35 O portão da língua
- §§ 36-53 O portão do ouvido
  - §§ 39-42 A história de Caim e Abel
  - §§ 43-51 A história de Jacob e Esaú
  - §§ 52-53 Outras histórias
- §§ 54 O portão do olfato
- §§ 55-62 O portão da vista
- §§ 63 O portão do tato
- §§ 64-65 Os cidadãos
  - §§ 66-75 O ânimo
  - §§ 76-84 O desejo

## § 90 Conclusão

A obra apresenta-se ao leitor fundamentalmente com dois temas principais: a vanglória e os seus efeitos na Igreja e a educação dos filhos. No entanto, o aprofundamento que o autor dedica a cada tema é notoriamente diferente: além do indicador quantitativo (quinze parágrafos dedicados à vanglória e setenta e cinco dedicados à educação dos filhos), encontramos, na segunda parte da obra, um esforço notável de transmitir aos pais a necessidade de educar, apresentando os benefícios que isso traz, primeiro, aos filhos, em segundo lugar aos próprios pais e, finalmente, à sociedade em geral.

É também de realçar a progressão na comparação que é feita entre a alma da criança e vários elementos: primeiro com a cera mole, depois com uma pérola e também com uma estátua, para, finalmente, chegar à comparação da alma com uma cidade, cujo desenvolvimento ocupará grande parte do texto. A transição entre as duas seções principais da obra é, efetivamente, muito breve e concisa: “Τὸ δὲ αἴτιον πάντων τῶν κακῶν ἐξ ἀρχῆς τοῦτο γίνεται, καὶ πῶς, ἐγὼ λέγω”.<sup>151</sup>

Esta passagem repentina constitui uma das razões pelas quais alguns colocam em causa a unidade da obra. Se, por um lado, dificilmente poderemos dissipar totalmente as dúvidas, que também são de tipo retórico e sintático, por outro, poderemos afirmar que é comum na escrita de Crisóstomo, a passagem rápida de um argumento a outro, consequência da sua grande espontaneidade e criatividade.

### 2.2.7. Os destinatários

O título grego do texto em questão indica claramente os pais, τούς γονέας, como destinatários do discurso, mais concretamente, o termo γονεύς deriva do verbo γίγνομαι que, utilizado para falar de pessoas, possui um valor causativo e deve ser traduzido por

---

<sup>151</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §15: “Digo-te, porém, o que causa todos estes males, o que está na sua origem e qual o seu modo de agir”.

“fazer nascer, gerar”. O texto é dirigido àqueles que “geraram” e têm a responsabilidade de educar os “gerados”.<sup>152</sup>

Na análise do texto, verificámos que Crisóstomo apenas se refere diretamente aos pais a partir do § 16, pois nos primeiros quinze parágrafos dirige-se indistintamente aos seus interlocutores no geral. A comprovar esta ideia, verifica-se no texto o uso do pronome indefinido τις: Ἄρα τις ἐποίησεν ὅπερ ἠξίωσα; ε ἄρα τις ἐδεήθη τοῦ Θεοῦ;<sup>153</sup> e também a utilização de um número considerável de verbos conjugados na primeira pessoa do plural, que incluem o orador e toda a assembleia presente.

A partir do § 16, o destinatário torna-se claramente o pai, ὁ πατήρ, enquanto que o termo mãe, ἡ μήτηρ, aparece pela primeira vez no § 22, embora tenha havido referência indireta no §19: Οὐ παύομαι παρακαλῶν ὑμᾶς καὶ δεόμενος καὶ ἀντιβολῶν, ὥστε πρὸ τῶν ἄλλων ἀπάντων τέως ὑμῶν ρυθμίζειν τοὺς παῖδας.<sup>154</sup>

Ao nível das ocorrências dos dois termos, verificámos, também, disparidade: o termo πατήρ aparece 31 vezes, 15 das quais são utilizadas para indicar um papel ativo na educação dos filhos e o termo μήτηρ aparece 13 vezes, 7 das quais relacionadas com a educação.

O pai é o primeiro a ser corrigido pelo pastor antioqueno, porque, segundo o autor, muitas vezes, na educação que este dá, orienta o filho para a vaidade das aparências pelo facto de embelezá-lo com joias e penteados, em vez de se preocupar com a sua formação, escolhendo um pedagogo metuculoso.<sup>155</sup> O pai deve, portanto, auxiliar-se de um pedagogo ou de um homem virtuoso, ἄνδρα ἐνάρετον,<sup>156</sup> mas, em última instância, ele é sempre o responsável principal pela educação do menino, porque é o pai que escolhe o pedagogo, que o exorta<sup>157</sup> a discutir com o filho e que até poderá dispensá-lo do seu trabalho, se este

---

<sup>152</sup> Cf. «γονεύς», in *Vocabolario della Lingua Greca*, ed. Franco Montanari (Milano: Loescher, 2003) 453; Cf. «γίγνομαι», in *Vocabolario della Lingua Greca...*, 444.

<sup>153</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §1.

<sup>154</sup> João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 19: “Não deixo de vos exortar, de vos rogar e de vos suplicar, para que, antes de qualquer outra coisa, eduqueis as vossas crianças.” Notar os pronomes pessoais declinados na segunda pessoa do plural.

<sup>155</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §16.

<sup>156</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 38.

<sup>157</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §32.

conseguir inculcar no filho o temor de Deus,<sup>158</sup> tal como Jacob.<sup>159</sup> A história de Jacob e Esaú traz, entre outros aspectos, o ensinamento que inculca nos filhos o respeito pelo pai e o desejo de poder receber a sua bênção.<sup>160</sup> Se o nome das crianças não deve ser escolhido em função dos antepassados, mas sim dos santos, para que dele a criança retire bom ensinamento, o mesmo acontece ao pai que recebe auxílio e inspiração ao pensar que está a educar um santo.<sup>161</sup> Algo semelhante se poderia pensar da mãe. Ela própria, diríamos nós, poderia progredir na santidade ao pensar que gerou e é a mãe de João, de Elias e de Jacó,<sup>162</sup> mas, na verdade, Crisóstomo não estabelece esta relação da santidade dos filhos com a figura materna.

O papel do pai na educação adquire grande importância, porque é capaz de docilizar a animosidade natural que existe na criança, isto é, ὁ θυμός, vocábulo que estudaremos mais a frente. Nesta questão, Crisóstomo refere que “seja o pai a autoridade (κύριος)”,<sup>163</sup> porque ao pai é pedido que seja severo, χαλεπός, e intolerante, ἀφόρητος, e que não conceda ao filho tudo o que este deseja, de forma que este aprenda a controlar a cólera. Ao mesmo tempo, o pai deverá ser também afável, μείλιχος, e amável, προσηνής, para que o seu ardor não seja arrasado.<sup>164</sup> Na tarefa de treinar a criança a controlar a animosidade, o pai poderá ser auxiliado por um irmão mais velho e pelos servos,<sup>165</sup> uma vez que a autoridade do pai pode intimidar o filho. A centralidade do papel do pai nesta questão fará com que ele próprio se sinta impulsionado a progredir na virtude e na santidade, sendo a figura que o menino imitará.<sup>166</sup>

O pai é chamado de forma especial a ajudar o filho a controlar o desejo do corpo, ἡ ἐπιθυμία, questão que, posteriormente, estudaremos com mais detalhe. Para fomentar a temperança, capaz de vencer o desejo do corpo, Crisóstomo indica, entre outros conselhos, o da imitação de figuras próximas bem-sucedidas como a proximidade com algum coetâneo continente ou o exemplo dos santos. Para melhor justificar estes comportamentos, o pai, como exemplo, deverá, à saída do teatro, escarnecer dos jovens e

---

<sup>158</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 40.

<sup>159</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 46.

<sup>160</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 44.

<sup>161</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 50.

<sup>162</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 50.

<sup>163</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 67.

<sup>164</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 67.

<sup>165</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 68.

<sup>166</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 70.

dos velhos por estes se terem deixado dominar pela paixão.<sup>167</sup> E se o filho praticar a continência, o pai deverá gabar-se diante daqueles que o escutam.<sup>168</sup>

O papel da mãe na educação das crianças prende-se especialmente com a capacidade, própria do ser feminino, de suscitar e ensinar a empatia e a comunicação. A mãe, exortada pelo pai, deverá ensinar o filho a ser manso e amável com todos, pois se aprender a sê-lo com os escravos, com maior razão sê-lo-á com os homens livres.<sup>169</sup> A mãe deverá colaborar na formação da alma do menino através dos contos bíblicos, ao repetir e confirmar as narrações do pai.<sup>170</sup> Além de mulheres ou escravas idosas, a mãe é uma das poucas mulheres que tem permissão de se aproximar do menino, a fim de prevenir os estragos provocados pelas paixões.<sup>171</sup> Este seu papel essencial, assumirá, inevitavelmente, maior relevância na educação das meninas,<sup>172</sup> embora Crisóstomo não dê grande importância a este tema.

Em conclusão, pensamos que, não obstante Crisóstomo atribuir maior destaque à figura do pai,<sup>173</sup> em detrimento da figura da mãe, para ele, ambos são fundamentais na educação dos filhos, porque a ambos pertence a tarefa fundamental de cuidá-los e formá-los. Para falar dos pais, Crisóstomo utiliza umas das comparações mais expressivas e tocantes do texto: os pais, quer o pai quer a mãe, são comparados a pintores ou escultores, que constante e zelosamente dão forma às suas obras de arte.<sup>174</sup>

A obra dirige-se, portanto, aos pais cristãos em geral, que não devem de modo algum, rejeitar as suas responsabilidades como primeiros educadores dos seus filhos. Rejeitar esta responsabilidade é uma grave negligência que constitui um dos pecados mais graves que pode cometer.

---

<sup>167</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §79.

<sup>168</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §83.

<sup>169</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §32.

<sup>170</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §39-40.

<sup>171</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 62.

<sup>172</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 90.

<sup>173</sup> A centralidade da figura paterna encontra as suas raízes nos Livros Sapienciais e nas Cartas de Paulo, por exemplo em 1 Tim 3,4; Ela é afirmada pelo Crisóstomo em outros seus escritos e homilias. Sobre o assunto: Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 135-138; Ottorino Pasquato, «Rapporto tra genitori e figli: eredità giudaica e famiglia cristiana» *Augustinianum* 28 (1988): 391-404; S. Abenicochea, «Ideas Pedagógicas de San Juan Crisóstomo» *Helmantica* 38 (1961): 344-345.

<sup>174</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 22.

## 2.2.8 Terminologia da “educação”

A tarefa própria dos agentes educadores é, com toda a certeza, uma ação poliédrica, isto é, ela realiza-se de formas diferentes e complementares, porque o educar pode implicar o guiar, o conduzir, o disciplinar, ou ainda, o instruir no sentido de transmitir um conhecimento ou fazê-lo crescer, alimentando-o, tanto no sentido fisiológico como no sentido ético.

Ao longo do texto, a ação de educar é expressa através de quatro formas verbais:

- o verbo παιδεύω (20 ocorrências);
- ῥυθμίζω (10 ocorrências);
- διδάσκω (10 ocorrências);
- τρέφω (6 ocorrências, às quais acrescentamos 3 ocorrências com os prefixos συν-, ἀνα-, ἐν).

Apesar destas formas verbais estarem associadas à mesma ideia de educar, elas possuem matizes próprias.

O verbo παιδεύω pertence ao mesmo grupo lexical de παιδεία (processo educativo), παιδευμα (o que se educa, que se instrói e, portanto, o aluno, discípulo) e παιδευσις (instrução, educação, método didático ou pedagógico). Ambos encontram a sua origem no termo παιδ- / παις- (menino/a ou criança, rapaz/rapariga, servo/a). Deste modo, παιδεύω significa ocupar-se, intensamente ou profissionalmente de uma criança, e, portanto, este “ocupar-se” indica não só o percurso que a educação e a formação completa do menino devem percorrer, mas também a meta a alcançar.<sup>175</sup> Consequentemente, o conjunto de ideias, métodos pedagógicos e finalidades associadas a estes termos, são extremamente complexas e assumiram conotações diferentes ao longo da história, como vimos no capítulo anterior. Os significados deste verbo na nossa língua podem mover-se

---

<sup>175</sup> G. Bertram, «παιδεύω», *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, Vol. 9 in G. Kittel, G. Friederich, ed., (Brescia: Paideia, 1965-1984): 106.

entre o simples “criar” e “nutrir”;<sup>176</sup> ou “corrigir” e “emendar”<sup>177</sup> ou “educar” e “instruir”.<sup>178</sup> De entre os verbos em questão, o verbo παιδεύω possui, portanto, um caráter muito geral e indica a educação na sua globalidade.

O verbo ῥυθμίζω está associado à ideia de determinar uma medida ou uma ordem e está etimologicamente ligado à palavra ρυθμός, que significa “ritmo”, “tempo”, “cadência”.<sup>179</sup> Conseqüentemente, ao nível educativo este termo pode assumir um significado mais específico do que simplesmente educar, indicando a tarefa concreta de disciplinar, de conduzir a vida de alguém para um caminho preciso e desejado.

O verbo δίδάσκω deriva da raiz de δα(ς), cujo significado é “ensinar” ou “aprender” no sentido mais amplo de transmitir ou receber uma informação, um conhecimento ou uma habilidade. Não se reduz, portanto, à simples área cognitiva, mas estende-se, também, à prática. Neste processo há que ter-se em conta a relação entre o agente e o recetor. Este processo não se reduz a uma simples transferência por parte do agente e à simples imitação por parte do recetor do conhecimento. O objetivo é que o aluno desenvolva o maior número de talentos, e, como consequência, o seu crescimento pessoal em todas as suas dimensões não é nivelado ao nível do progenitor, mas sempre num patamar mais elevado.<sup>180</sup> Encontramos ecos da especificidade deste verbo no § 22, no qual Crisóstomo compara a tarefa educativa dos pais à realização de uma obra de arte, nomeadamente a pintores e escultores, e exorta-os à observação atenta para desenvolver nos meninos os temperamentos positivos, removendo os temperamentos negativos. Para além do significado de “instruir”, o verbo pode adquirir também o sentido de “demonstrar” ou “provar”. O significado de “atuar”, por exemplo, para um espetáculo ou de “treinar” alguém para alcançar um objetivo não foram encontrados no texto em estudo.

---

<sup>176</sup> Este é o significado mais primitivo do termo παιδεία, que deriva de παίδευω. Aparece pela primeira vez no Séc V a.C. na obra de Ésquilo, *Sete contra Tebas*,<sup>18</sup> onde o significado do termo é o de criar, criar um menino, no sentido mais físico do que ético-moral. Na tradução procuramos não atribuir este sentido ao verbo porque este sentido é mais típico do verbo τρέφω.

Cf. G. W. H. Lampe, ed., *A Patristic Greek Lexicon*, (Oxford: Clarendon Press, 1961) 996.

<sup>177</sup> Na tradução atribuímos este sentido somente duas vezes no §30, num contexto muito claro de correção, que pode ser apenas ameaça ou violência física, embora no mesmo parágrafo, Crisóstomo tenha alertado contra o excesso de castigo corporal.

<sup>178</sup> Na grande maioria das vezes é este o sentido que o verbo assume no texto.

<sup>179</sup> Cf. «ῥυθμίζω», in *Vocabolario della Lingua Greca...*, 1790.

<sup>180</sup> Cf. K. H. Rengstorf, «διδάσκω» in *Grande Lessico del Nuovo Testamento...*, Vol. 2, 1095.

O verbo τρέφω indica principalmente a ação de “criar” ou “alimentar”, fornecendo alimento no sentido material. Neste contexto, pode indicar a ação de criar ou nutrir os animais. Se for aplicado nas crianças assumirá o sentido de educar, mas se for aplicado a uma mulher, pode indicar a ação de amamentar. Em alguns contextos pode também indicar a ação de manter ou dar apoio a um exército ou a uma frota. Ao longo do texto, o verbo τρέφω aparece quase sempre (cinco de seis vezes), relacionado com a ideia de ajudar a desenvolver as capacidades de um atleta, que explícita ou implicitamente é um atleta para Cristo ou para o Reino dos Céus. O verbo aparece também com o prefixo συν- que sublinha a criação/educação juntamente com algo ou alguém. É o caso do §25: Οἱ μὲν γὰρ κακῆ πολιτείας συντραφέντες.<sup>181</sup> Outra ocorrência importante que observamos: no título aparece o prefixo ἀνα-, que indica um movimento para o alto, apontando para a ideia “de fazer crescer”. Para finalizar, o verbo τρέφω aparece também com o prefixo ἐν-, manifestando a ideia de que a criança deve ser criada num determinado contexto ou de uma determinada forma: ἀλλὰ τούτοις ἐντρέφεται.<sup>182</sup>

### 2.2.9 A comparação entre a alma e a cidade

A comparação da alma do menino com uma cidade constitui o corpo central do texto e da argumentação, ao ocupar cerca de 67 parágrafos. É nesta parte que se encontra a maioria dos conselhos pedagógicos de Crisóstomo. A forma de chegar a esta comparação, tão fecunda, não é repentina, mas é preparada por outras três comparações progressivamente mais complexas e que nela culminam.<sup>183</sup>

Inicialmente, a alma do menino é comparada à cera, κηρός, porque segundo o autor, é necessário que esta formação ocorra desde a primeira infância, momento considerado propício para a aprendizagem. O caráter indelével dos ensinamentos transmitidos neste período da vida, funciona como um selo impresso na cera que se torna, ao arrefecer, duro e inextinguível.<sup>184</sup> Com as mesmas intenções, a alma do menino é equiparada a uma “pérola”, μαργαρίτης, para sublinhar que na tarefa de educar há

<sup>181</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §25: “Os que foram criados numa má constituição.”

<sup>182</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §55: “mas será educado neste modo”.

<sup>183</sup> Cf. Esquema da obra.

<sup>184</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 20. No § 20 se encontram indicadas obras paralelas que mostram o caráter comum desta comparação entre a alma do menino e a cera quer no mundo antigo quer entre os Padres da Igreja.

continuidade e responsabilidade. A tarefa de educar está relacionada com a arte de cuidar e moldar a alma. Para Crisóstomo é também necessário que o trabalhador destas “pérolas” seja um perito, conhecedor da natureza e dos tempos oportunos para atuar e, assim, fazer desenvolver a pérola mais bela.<sup>185</sup>

Em seguida, tornando, ainda, mais complexa a imagem evocada, a criança é equiparada a uma obra de arte, nomeadamente a uma estátua, ἄγαλμα. Os pais são agora os artistas e já não apenas profissionais ou técnicos, como no exemplo precedente. Para além do profissionalismo, necessário para criar um objeto artístico, há uma ligação afetiva com a obra de arte, à qual se dedicam incansavelmente, retirando e acrescentando, de acordo com o temperamento da criança. Nesta comparação, um outro elemento fundamental é acrescentado: as estátuas, as belas e harmoniosas estátuas, são assim trabalhadas, não para a admiração dos homens, mas realizadas para Deus. Embora os pais beneficiem do resultado da boa educação dos seus filhos, Crisóstomo atribui à tarefa educadora uma dimensão vertical, porque, se por um lado, a boa educação visa uma dimensão social, por outro, a boa educação cumpre o projeto divino dos pais para com os filhos que lhes foram naturalmente confiados por Deus.<sup>186</sup> Tendo-se tornado “atletas para Cristo”, as crianças serão capazes de realizar as obras próprias de um cristão.

Na sequência do texto, Crisóstomo propõe aos seus interlocutores que imaginem que os seus filhos albergam dentro de si uma cidade, rodeada por muralhas, que é o corpo, e os portões, que são os cinco sentidos, pelos quais entram e saem os cidadãos, isto é, as intenções, δίανοια, e os pensamentos, λογισμοί.<sup>187</sup> Os educadores devem identificar-se com o rei soberano desta cidade e ter a firme intenção de impor leis para que os maus pensamentos sejam exilados ou para que não assumam o controlo sobre os bons pensamentos. A ligação entre a cidade interior e o mundo exterior realiza-se através dos

<sup>185</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 21.

<sup>186</sup> Crisóstomo, como nota justamente Abengochea, defende a doutrina de que é a própria lei natural a impor o direito e a obrigação à família de educar os filhos. S. Abengochea, «Ideas Pedagógicas...», 344; *Enc. Divini Illus Magistri*, n 2; *Gaudium et Spes*, n 48.

<sup>187</sup> A pesquisa acerca da possível influência de outros autores ou obras paralelas para o desenvolvimento desta comparação, permanece algo indefinida. De facto, Ottorino Pasquato é muito vago ao afirmar que tal comparação é oriunda dos moralistas pagãos. Cf. Pasquato Ottorino, «'La vanagloria e l'educazione dei figli' di Giovanni Crisostomo. Pedagogia tra deculturazione e inculturazione nel Tardoantico» *Orientamenti Pedagogici* 38 (1991): 104. T. M. Christou defende uma dependência direta de Platão: “Here, as with the reinterpretation of Plato’s notion of the tripartite soul, Chrysostom demonstrates that his classical education included readings of *The Republic*. In book 8 and 9 of that text, Plato describes a set of corrupt manifestations of the soul and of the cities.” Cf. Theodore Michael Christou, «*Raising an athlete for Christ: Saint John Chrysostom and Education in Byzantium*» *Akropolis* 2 (2018): 113.

cinco sentidos. É exatamente para estes que Crisóstomo dirige a sua atenção e a dos seus ouvintes. Boa parte do texto, do §23 ao §64, é investido na educação dos sentidos, de entre os quais a audição, a visão e a chamada porta da língua se encontram mais profundamente desenvolvidos.<sup>188</sup>

De entre os numerosos conselhos pedagógicos, queremos sublinhar a centralidade, atribuída à Escritura, ao temor de Deus e ao papel dos educadores na educação cristã. As crianças de pais cristãos devem desenvolver grande afinidade com a Escritura. À Palavra de Deus é conferido um importantíssimo papel protetor e curativo perante os estragos provocados pelos discursos arrogantes, insolentes e mundanos.<sup>189</sup> As Escrituras proporcionam mais ensinamentos do que as histórias frívolas e os poemas épicos, que ele define como sendo charlatanarias, *τερατεία*.<sup>190</sup> Neste campo, Crisóstomo assume uma postura muito radical, que nos faz lembrar mais Tertuliano do que a maioria dos Padres da Igreja, mormente os de tradição alexandrina, que reconheciam o papel positivo dos saberes profanos na paideia cristã. Esta intransigência de Crisóstomo, face aos “perigos da paideia grega”<sup>191</sup> surpreende-nos ainda mais, se tivermos em conta a excelente educação escolástica que recebeu e da qual continuou a tirar partido durante toda a sua vida.<sup>192</sup>

Se alguns Padres da Igreja, como os Capadócijs e Agostinho, atribuíam ao estudo da literatura clássica um papel propedêutico com o objetivo de desenvolver as faculdades

---

<sup>188</sup> Na verdade, Crisóstomo aborda quatro sentidos (a visão, a audição, o tato e o olfato) sem desenvolver o sentido do gosto. O texto trata da língua no sentido da linguagem, do que é proferido pela criança enquanto manifestação de raciocínios e pensamentos. Em sentido estrito, Crisóstomo não desenvolve o sentido do gosto, se assim fosse, teria de ter falado, por exemplo, da influência negativa que pode ter a procura de alimentos muito elaborados ou, então, do excesso de comida.

<sup>189</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §28.

<sup>190</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §39 e nota do mesmo parágrafo. Uma afirmação similar pode ser encontrada em *Hom. In Acta Apost.* 38, 2. PG 60,270: “junta todo o que filosofou Platão sobre Deus, tudo o que filosofou Epicuro, e tudo isso são futilidades (λῆρος) comparado ao que filosofaram aqueles (os Apóstolos)”. Crisóstomo considera o ensino dos Apóstolos, e, por este motivo, a Escritura, superior à dos filósofos e a toda a mitologia e poemas.

<sup>191</sup> Cf. A. J. Festugière, *Antioche Païenne et chrétienne. Libanius, Chrysostome et les moines de Syrie*, (Paris: Éditions de Boccard: 1959), 225-240.

<sup>192</sup> Crisóstomo provavelmente estudou, na escola de γραμματικός, a literatura grega que tinha como autores centrais Homero, Eurípides, Menandro e Demóstenes. Frequentou também a escola de retórica. Estudou, provavelmente, filosofia junto de Andragathius e retórica junto de Libânio, pagão convencido, que foi o mais famoso professor da época. Imaculado Delgado afirma que, junto de Libânio, Crisóstomo estudou Platão, Tucídides e Isócrates. Porém, da sua cultura clássica permanece somente a forma expressiva; Crisóstomo nutre o povo que lhe é confiado somente com a Escritura. Cf. Delgado Jara, «*El período antioqueno...*»: 27. 26-35; Cf. Kelly, *Golden Mouth...*, 6-7; Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 194.

mentais, assumindo a necessidade de ter uma boa maturidade para aprofundar os mistérios da fé,<sup>193</sup> Crisóstomo propõe, ao contrário, que a Palavra de Deus seja tornada inteligível, que seja narrada com forte tom familiar, de forma breve e agradável e rica de referências à quotidianidade dos ouvintes. Considera também que se deve aproveitar a enorme imaginação das crianças para uma escuta da palavra de Deus profícua.<sup>194</sup> Na opinião de A. Marti, Crisóstomo inaugura assim um «movimento original na pedagogia cristã».<sup>195</sup>

A preocupação de ajudar os pais cristãos a educar os filhos, o desejo de que estes conheçam a Escritura e a necessidade de gravar os seus ensinamentos desde a infância, concretizar-se-ão na sugestão de um programa de transmissão das narrações bíblicas, adaptadas à capacidade de entendimento da criança.

No § 37 Crisóstomo fala de crianças que precisam de boas amas para crescerem com bons fundamentos. Não indica uma idade precisa, mas entende-se que se trata de crianças pequenas, às quais podem ser narradas as histórias de Caim e Abel e de Jacob e Esaú. Da narração da história de Caim e Abel, o pastor de Antioquia retira ensinamentos importantes sobre vários aspetos: a doutrina da ressurreição;<sup>196</sup> o temor de Deus; as consequências do pecado da gula e da inveja; e a onisciência divina.<sup>197</sup> Com estes ensinamentos a criança entende que não é necessário ter medo do sofrimento.<sup>198</sup> Da narração da história de Jacob e Esaú ensina-se: a respeitar o pai;<sup>199</sup> a estar alerta contra o pecado da gula;<sup>200</sup> o estatuto social que não depende do sangue e da família, mas de uma vida virtuosa;<sup>201</sup> a esperar no Senhor suportando as desgraças;<sup>202</sup> igualdade de dignidade

---

<sup>193</sup> Cf. Delgado Jara, «*El período antioqueno...*»:27; Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 196.

<sup>194</sup> Estas atitudes parecem contrárias: por um lado propõe-se uma elevação das faculdades humanas para poder penetrar nos mistérios da Escritura e da fé e, por outro, Crisóstomo propõe o exato movimento contrário, é a Escritura que é feita próxima da criança para a elevar e conduzir aos ensinamentos divinos. Digno de nota é o facto de que Crisóstomo utilize, para indicar a ação de ajustar a narrativa à capacidade de entendimento da criança, o termo συγκατάβασις, condescendência, tão importante na teologia para indicar o movimento de aproximação de Deus ao homem, culminado na Encarnação. Um interessante estudo acerca desta questão podemos encontrá-la em: C. Scaglioni, *Synkatabasis, La condiscendenza divina in Giovanni Crisostomo*, (Trapani: Il pozzo di Giacobbe, 2011).

<sup>195</sup> A. Marti, «La Sagrada Escritura fundamento de la Pedagogía Cristiana en San Juan Crisóstomo» *Helmantica* 37/39 (1961): 47.

<sup>196</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 39.

<sup>197</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 40.

<sup>198</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 42.

<sup>199</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 44.

<sup>200</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 44.

<sup>201</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 44.

<sup>202</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 51.

de todos os homens;<sup>203</sup> e a não se envergonhar da frugalidade.<sup>204</sup> Exorta também os pais a darem nomes de santos aos filhos para que deles retirem bom exemplo.<sup>205</sup> Será necessário esperar que a criança cresça, que tenha oito ou dez anos, para que se possa falar do Dilúvio, de Sodoma e do Egito, histórias “tão cheias de castigos” terrenos.<sup>206</sup> Somente, quando tiver quinze anos ou mais, é que deverá ouvir falar do Novo Testamento, da Graça e da Geena.<sup>207</sup> Crisóstomo demonstra grande sensibilidade psicológica ao querer adiar histórias que possam incutir na criança uma visão de Deus demasiado castigadora, referindo que ela tem um espírito delicado e que não se pode correr o risco de atemorizar definitivamente a sua forma de pensar.<sup>208</sup>

A Sagrada Escritura é, para Crisóstomo, fonte e norma para o seu pensar e agir pedagógico. Em primeiro lugar, porque pode encontrar em “Deus (que) governa o mundo com o temor (φόβος) da Geena e com a promessa (ἐπαγγελία) do Reino”,<sup>209</sup> o modelo pedagógico para o agir do pai em relação à sua casa e aos seus filhos. Refere que «em tudo isso seja o pai a autoridade, sendo severo e intolerante para com aqueles que transgredirem as leis, mas afável e amável para com os que são íntegros, premiando o filho com muitas recompensas». <sup>210</sup> O temor e a promessa, quer de recompensas, quer do Reino, constituem os dois princípios pelos quais o espírito da criança deve ser conduzido e plasmado, de forma a levar uma vida virtuosa. A criança deve aprender a recear o olhar,<sup>211</sup> temendo as correções físicas «sem as receber». <sup>212</sup>

Crisóstomo rejeita uma educação baseada na correção física. Se exagerar nesta, o pai pode perder a autoridade e o respeito que a criança lhe tem: «se for educado continuamente com esta disciplina, aprenderá a desprezá-la e estará tudo arruinado». <sup>213</sup>

---

<sup>203</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 51.

<sup>204</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 51.

<sup>205</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 47-50.

<sup>206</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 52.

<sup>207</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 52.

<sup>208</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 52.

<sup>209</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 67.

<sup>210</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 67.

<sup>211</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 20.

<sup>212</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 30.

<sup>213</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 30. Reidar Aasgaard esclarece que os estudos sobre a condição das crianças na Antiguidade e nos primórdios do Cristianismo têm dado a conhecer uma realidade mais completa e positiva. Se, inicialmente pensava-se nestas épocas como sendo épocas negras para as crianças, cada vez mais os estudos demonstram que a atenção dada às crianças e ao seu desenvolvimento pedagógico eram maiores do que o esperado. Indubitavelmente, *De Inani Gloria et De*

Quanto aos educadores, estes devem incutir na criança, não só o temor ao pai, mas, sobretudo, devem ensinar o temor de Deus, fonte de toda a sabedoria.<sup>214</sup> Devem também recorrer ao auxílio dos relatos bíblicos.<sup>215</sup>

### 2.2.10. Os cidadãos: θυμός, ἐπιθυμία, λογιστικός

A terceira parte deste Tratado, dos § 65 até ao § 89, dedica-se à educação dos cidadãos que habitam na cidade, onde é essencial verificar os pensamentos, raciocínios, virtudes ou vícios que têm origem e se desenvolvem nos três movimentos da alma: ó θυμός, ἡ ἐπιθυμία, ὁ λογιστικός. A divisão tripartida da alma, descrita assim por Crisóstomo, fora já proposta por Platão na *República*, foi, em seguida, acolhida pela filosofia até fazer parte do património cultural comum da época de Crisóstomo.<sup>216</sup>

O nosso autor aborda primeiramente o termo θυμός, que se situa no coração e que já no § 24 tinha sido associado à coragem dos soldados.<sup>217</sup> A palavra θυμός possui um vasto leque de significados que tornam muito difícil a sua identificação e tradução.<sup>218</sup> O seu significado mais antigo está relacionado com “sopro vital, vida, alma e espírito”, e pode ser utilizado tanto para os seres humanos como para os animais. Neste sentido, o termo distingue-se de ψυχή, que pode indicar a alma que permanece para além da

---

*Educandis Liberis* constitui uma fonte importante, que traz contributos positivos sobre esta questão. Cf. Reidar Aasgaard, «Children in Antiquity and Early Christianity: Research History and Central Issues» *Familia* 33 (2006): 30.

<sup>214</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 85 e 87.

<sup>215</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 44. Os relatos bíblicos, como referido, devem ser continuamente relacionados com as experiências vividas pelas crianças. Notável é o exemplo que encontramos no §39, no qual se concretiza na mente da criança o temor vivido por Caim, quando este é equiparado ao temor experimentado por ela diante do seu mestre.

<sup>216</sup> São vários os autores que defendem, neste contexto, a dependência de Crisóstomo a Platão. Platão afirma esta divisão da alma na *República*, 436<sup>a</sup>: “a alma, mantendo a sua unidade, se divide em alma racional, específica do homem e, portanto, a mais nobre, em alma irascível, parte mediana, lugar da vontade e da impulsividade, e em alma concupiscível, lugar dos desejos materiais”. Cf. Pasquato Ottorino, «‘La vanagloria e l’educazione dei figli...»: 101. Cf. Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Glorie...* 163, nota de rodapé 5. Cf. John Chrysostom, *An Address on Vainglory and The right way for Parents to Bring Up Their Children*, in M. L. W. Laistner, *Christianity and Pagan Culture in the Later Roman Empire* (New York: Cornell Press University, 1951), 20, nota 36. Cf. G.R.F. Ferrari, *City and Soul in Plato’s ‘Republic’*, (Chicago-London 2005).

<sup>217</sup> A sua identificação e associação com os guerreiros corresponde à visão de Platão.

<sup>218</sup> Anne-Marie Malingrey decidiu, na versão francesa do texto, não traduzir o termo e manter a palavra grega no corpo do texto em francês; Laistner traduziu por “spirit”. No nosso texto, temos optado traduzir por “ânimo”.

morte.<sup>219</sup> O vocábulo pode, porém, adquirir significados mais específicos, como por exemplo: desejo físico; desejo de carne ou de leite; temperamento positivo de uma pessoa, indicador da sua coragem; temperamento negativo, em que a cólera, a ira ou a fúria aparecem como consequência da impaciência, de uma irritação, ou de um sentimento de vingança.<sup>220</sup> Estes são os significados utilizados por Crisóstomo no texto em análise.

Como podemos observar por este leque de significados e pelo próprio texto, o termo θυμός não indica uma realidade negativa em si mesma, porque o θυμός é útil em muitas circunstâncias, mas torna-se inútil quando se recorre a ele para defesa de si próprio.<sup>221</sup> Os pais devem, conseqüentemente, ter muito cuidado com o seu comportamento educativo para não «o retirar completamente ao jovem, nem lhe conceder tudo o que deseja».<sup>222</sup> Verificamos também que em Crisóstomo, o termo θυμός se utiliza perante uma situação de injustiça, pois a criança deve ser educada a suportar com temperança e mansidão uma injustiça por ele sofrida, mas deverá agir corajosamente e de forma equilibrada, se for outro a sofrê-la.<sup>223</sup>

Surpreendentemente, João Crisóstomo ensina que a criança deverá aprender a ser ponderada nas suas reações, independentemente da condição social da pessoa que comete a injustiça. Ele afirma claramente que a origem da escravidão se encontra no pecado e que ela não faz parte da vontade divina. Por este motivo, os pais deverão ensinar a criança a respeitar e a tratar os servos como se fossem irmãos, porque é a virtude que torna o homem livre e não a sua condição social.<sup>224</sup>

Depois de ter afirmado as suas ideias, enquanto homem pragmático que é, o nosso autor indica formas de concretização das mesmas. A criança será posta à prova, exercitada a reagir moderadamente pelas provocações que lhe serão feitas, a começar pelos que vivem na sua casa: seu pai, irmãos e servos. Deverá ser-lhe inculcado o hábito do exame de consciência, especialmente nas situações em que a criança tiver reagido violentamente perante um erro cometido por alguém que vive em sua casa: «homem livre ou escravo

---

<sup>219</sup> Cf. «ψυχή», in Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque: Histoire des mots, Vol. IV-2 (Paris: Éditions Klincksieck, 1968) 1294;

<sup>220</sup> Cf. «θυμός» in G. W. H. Lampe, ed., *A Patristic Greek Lexicon...*, 657.

<sup>221</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §69.

<sup>222</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, §66.

<sup>223</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 69.

<sup>224</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 71.

que seja, não terá ela nunca errado?».<sup>225</sup> O nosso autor não descarta a atitude que a criança deverá ter perante os bens materiais, especialmente se algo lhe é tirado ou se for perdido ou quebrado: «os filhos ficam intratáveis com este tipo de perdas e prefeririam perder a vida do que deixar impune o mal que daí advém».<sup>226</sup> Os pais deverão firmemente opor-se aos choros e às reações veementes, ensinando-lhes a não sobrepor o objeto perdido à dignidade do servo, mas a ser compreensivos e indulgentes. Deverão ser ensinados a resistir à tentação de adquirir algum objeto para acalmar a irritação causada por alguma perda, pois «quando vires que já não sente a sua falta e não sofre com isso, então, darás remédio à sua irritação».<sup>227</sup>

Estas soluções pedagógicas são aconselhadas enquanto válidas no seu todo e inseridas num programa e itinerário progressivo de educação. A partir das coisas pequenas, a criança é ensinada a ser moderada e, uma vez adulta, mais facilmente suportará as contrariedades maiores.<sup>228</sup> Desta maneira, o θυμός bem orientado, facilmente conduzirá à virtude, isto é, à temperança, σωφροσύνη e à mansidão, ἐπιείκεια. Ao contrário, se for descuidado, o θυμός poderá levar ao vício, isto é, à arrogância, θρασύτης e à aspereza de caráter, χαλεπότης.

Num segundo momento, Crisóstomo trata da ἐπιθυμία, situada, segundo a antropologia biológica, no fígado e está relacionada com os desejos corporais, principalmente os desejos sexuais, indicando frequentemente a concupiscência da carne ou a luxúria.<sup>229</sup> É este o sentido que Crisóstomo atribui ao termo ἐπιθυμία, que compara a uma fera dificilmente acorrentável. Surpreendente e interessante é o recurso de Crisóstomo à informação científica, ao interrogar os médicos acerca deste impulso do corpo: «segundo o parecer dos médicos este desejo impõe-se ardentemente depois dos quinze anos de idade».<sup>230</sup>

Para domar tal fera o nosso pedagogo desaconselha energicamente que a criança seja colocada em situações em que tenha de ouvir ou ver coisas inoportunas. Esta ideia já

<sup>225</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 69.

<sup>226</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 73.

<sup>227</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 73.

<sup>228</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 73.

<sup>229</sup> Cf. «ἐπιθυμία» in G. W. H. Lampe, ed., *A Patristic Greek Lexicon...*, 524-525; Cf. F. Büchsel, «ἐπιθυμία», in *Grande Lessico del Nuovo Testamento...*, 593.

<sup>230</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 76.

tinha sido amplamente defendida nas questões: das «portas do ouvido e da vista»; no recurso ao temor da condenação eterna; na exaltação de exemplos próximos da criança, como cristãos ou pagãos virtuosos ou da cabeça da Igreja. Tudo isto para suscitar um espírito competitivo, que sendo mais forte que o temor, leve à imitação.<sup>231</sup> As palavras do pai são, nesta temática, importantíssimas: com os seus discursos transmitirá ao jovem o desprezo pela devassidão e a admiração pelo proceder virtuoso.<sup>232</sup> É aconselhável entreter o jovem com outras distrações, como: recompensas pelo bem proceder; sensibilização para a beleza; leitura de bons contos; contemplação da natureza e de obras de arquitetura.<sup>233</sup> No entanto, Crisóstomo considera o desejo sexual tão forte que aconselha os pais a deixar-se auxiliar pela graça divina ao transmitir ao jovem a prática do jejum,<sup>234</sup> da oração,<sup>235</sup> defendendo o valor da virgindade conservada até ao matrimónio, para que este seja verdadeiramente puro e abençoado por Deus.<sup>236</sup> Através destes meios educativos, a ἐπιθυμία será conduzida até à virtude da temperança, σωφροσύνη e não degenerará no vício da devassidão, ἀσέλγεια.

Chegados a este momento, poder-se-ia esperar que Crisóstomo, seguindo o modelo platónico, tratasse do λογιστικός, a parte racional da alma, como sendo a mais nobre e própria do filósofo. Mas, pelo contrário, escolhe falar da sua virtude, isto é, da φρόνησις. Esta palavra, que pode indicar o intelecto e a capacidade de juízo, na filosofia moral e no ensinamento cristão designa a sabedoria, enquanto atitude prudente.<sup>237</sup> Enquanto tal, é empregue no governo do mundo e na gestão dos negócios, assumindo o significado de sabedoria prática e prudência.<sup>238</sup>

O nosso autor afirma a centralidade da φρόνησις, enquanto princípio que ordena tudo, e cita o livro dos Provérbios: «O princípio da sabedoria é o temor do Senhor» (Prov

<sup>231</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 79.

<sup>232</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 78.

<sup>233</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 78.

<sup>234</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 79.

<sup>235</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 80.

<sup>236</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 81-84. A conceção de Crisóstomo acerca do matrimónio, mesmo que não sistemática, distingue-se pela ênfase que ele dá a este sacramento como sendo o remédio da concupiscência, que é explicável pela sua formação monástica. A referência ao matrimónio no contexto da educação, da ἐπιθυμία, confirma esta finalidade do matrimónio. Acerca do matrimónio cristão em São João Crisóstomo: Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 99-107.

<sup>237</sup> Cf. «φρόνησις» in G. W. H. Lampe, ed., *A Patristic Greek Lexicon...*, 1490.

<sup>238</sup> Cf. «φρόνησις» in Henry George Liddell, Robert Scott, *A Greek-English Lexicon*, (Oxford: Clarendon Press, 1996), 1956.

1,7). O temor do Senhor concretiza-se na investigação acerca de Deus, do Reino e da Geena. Manifesta-se também no conhecimento das realidades humanas, como a riqueza, πλοῦτος, a glória, δόξα e o poder, δυναστεία, menosprezadas pelo homem sábio em favor de realidades maiores.<sup>239</sup> Este princípio habitará no jovem e moldará a sua conduta. Fiel ao seu estilo didático e concreto, Crisóstomo apresenta-nos dois exemplos: no dia das núpcias o homem sábio não se regozijará com danças, cítaras e flautas, mas chamará os discípulos de Cristo<sup>240</sup> e, confirmado o significado de φρόνησις enquanto ação sábia no mundo, o homem sábio, que se dedicou à cargos públicos, não tirará proveito injustamente e será suporte e defesa dos que sofrem injustiças.<sup>241</sup>

---

<sup>239</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 87.

<sup>240</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 88.

<sup>241</sup> Cf. João Crisóstomo, *Sobre a vanglória...*, § 89.

## Capítulo III

### Do Nosso Pai João Crisóstomo que está entre os Santos: Sobre a vanglória e sobre como os pais devem educar os filhos

ΤΟΥ ΕΝ ΑΓΙΟΙΣ ΠΑΤΡΟΣ ΗΜΩΝ ΙΩΑΝΝΟΥ

ΤΟΥ ΧΡΥΣΟΣΤΟΜΟΥ

ΠΕΡΙ ΚΕΝΟΔΟΞΙΑΣ ΚΑΙ ΟΠΩΣ ΔΕΙ ΤΟΥΣ

ΓΟΝΕΑΣ ΑΝΑΤΡΕΦΕΙΝ ΤΑ ΤΕΚΝΑ

1. Ἄρά προς ἐποίησεν ὅπερ ἠξίωσα; ἄρα προς ἐδεήθη τοῦ Θεοῦ καὶ ὑπὲρ ἡμῶν καὶ ὑπὲρ τοῦ παντὸς σώματος τῆς ἐκκλησίας, ὥστε σβεσθῆναι τὴν πυρὰν τὴν ἀπὸ τῆς κενοδοξίας τεχθεῖσαν, τὴν τῷ σώματι παντὶ λυμαινομένην, τὴν ἐν σῶμα εἰς πολλὰ διαροῦσαν μέλη καὶ διασχίζουσαν τὴν ἀγάπην; Καθάπερ γὰρ θηρίον ἐμπεσὼν εἰς σῶμα εὐγενὲς καὶ ἀπαλὸν καὶ ἀμύνασθαι μὴ δυνάμενον, οὕτω τοὺς ὀδόντας ἐνέπηξεν τοὺς μιαροὺς καὶ τὸν ἰὸν ἐναφῆκεν καὶ τῆς πολλῆς δυσωδίας ἐνέπλησεν καὶ τὰ μὲν ἀποκόψασα ἔρριψεν, τὰ δὲ διέξανεν, τὰ δὲ καὶ διεμασήσατο. Καὶ εἴ γε ἦν ὀφθαλμοῖς ἰδεῖν προς τε κενοδοξίαν καὶ τὴν ἐκκλησίαν,

Do Nosso Pai João Crisóstomo que está entre os Santos:

Sobre a vanglória e sobre como os pais devem educar os filhos

#### Os estragos da Vanglória na Igreja

1. Já alguém fez o que eu considere correto?<sup>242</sup> Já alguém implorou a Deus, quer por nós<sup>243</sup> quer por todo o corpo da Igreja, para que se apague o fogo gerado pela vanglória,<sup>244</sup> que ultraja todo o corpo, que o divide em muitas partes e que dilacera o amor? Tal como uma fera que se lança sobre um corpo nobre e delicado, que não é suficientemente forte para afastar a vanglória, assim esta cravou nele os seus dentes imundos, injetando-lhe o veneno e espalhado o seu odor pestilento; a uns ela despedaçou e desmembrou, a outros fez em pedaços, a outros mastigou. Se fosse possível ver com os próprios olhos, quer a vanglória quer a Igreja, veríamos um espetáculo lamentável, muito mais miserável

<sup>242</sup> O *incipit* do tratado remete para um pedido precedentemente dirigido aos seus interlocutores, provavelmente a Igreja local. Haidacher identifica a *Homilia sobre a Epístola aos Efésios* como possível texto de ligação, na qual aparece a comparação da vanglória com uma fera. Cf. *In epist. Ad Ephes.*, hom. X, 3, PG 62, 78. Surge, portanto, a questão: porque os dois textos não foram conservados juntos nos manuscritos?

<sup>243</sup> A expressão “ὑπὲρ ἡμῶν” parece ser, neste contexto, um plural majestático e menos uma referência ao inteiro corpo sacerdotal do qual João Crisóstomo faz parte.

<sup>244</sup> Cf. *In epist. Ad Ephes.*, hom. X, 3, PG 32,80. O Crisóstomo descreve a vanglória como um fogo devorador; a ligação com esta homilia é, assim, reforçada. A situação deplorável da Igreja, devastada pela vanglória é também descrita em *In epist. Ad Ephes.*, hom. XI, 5, PG 62, 86.

εἶδεν ἄν προς θέαμα ἔλεινόν καὶ πολλῶ τῶν ἐν τοῖς σταδίοις γενομένων χαλεπώτερον· τὸ μὲν σῶμα ἐρριμένον, ἐκείνην δὲ ἄνωθεν ἐφροσῶσαν καὶ πανταχοῦ ἀποβλέπουσαν καὶ τοὺς ἐμπεσόντας κατέχουσιν καὶ οὐδέποτε ἀφισταμένην οὐδὲ φειδομένην. Τίς οὖν ἡμῶν τὸ θηρίον ἀποσοβήσει τοῦτο; Τοῦ τὸν ἀγῶνα θέντος ἐστὶν ἔργον ὑφ’ ἡμῶν παρακαλουμένου πέμψαι τοὺς ἀγγέλους αὐτοῦ καὶ καθάπερ προσὶ σχοινίοις τὸ ἰταμὸν αὐτῆς καὶ ἀναίσχυντον στόμα ἐμφράξαντας, οὕτως ἀπαγαγεῖν. Ἀλλὰ τότε ὁ τὸν ἀγῶνα θεὶς τοῦτο ποιήσει, ὅταν αὐτὴν ἀπαχθεῖσαν μὴ ἐπιζητῶμεν· ἂν δὲ πέμψη μὲν κελεύων ἀποστῆναι τὸ δεινὸν ἡμῶν θηρίον, ἡμεῖς δὲ μετὰ τὸ διασωθῆναι καὶ εἰς τὸν ἴδιον ἀπαχθῆναι φωλεὸν ἀναστάντες μετὰ μυρίων τραυμάτων πάλιν αὐτὸ ζητῶμεν καὶ κρούωμεν καὶ ἀνατρέπωμεν, ὥστε αὐτὸ ἐξαγαγεῖν, οὐκέτι ἡμᾶς ἐλεήσει λοιπὸν οὐδὲ φείσεται. «Τίς γὰρ ἐλεήσει, φησὶν, ἐπαιδὸν ὀφιοθήκτον καὶ πάντας τοὺς προσάγοντας θηρίοις;»

2. Τί οὖν; πῶς ἂν ἀπαλλαγείημεν τοῦ κακοῦ καὶ πονηροῦ δαίμονος; δαίμων γὰρ ὄντως ἐστὶν ὄψιν ἔχων ἐπέραστος. Καθάπερ γὰρ εἰ δαίμων προς εἰς ἐταίραν ἑαυτὸν διατυπώσας καὶ πολλὰ μὲν περιθέμενος τὰ χρυσία καὶ ἱμάτια ἐνδὺς μαλακὰ καὶ πολλῶν ὄζων τῶν ἀρωμάτων ὑπέλθοι πάνυ λαμπρὰν εἰκόνα γυναικὸς καὶ πάσης εὐμορφίας ὑπερβολὴν ἀποκρύψας· ἔπειτα δὲ καὶ ἐν

do que os que têm lugar nos estádios: veríamos o corpo prostrado da Igreja, a fera deitada por cima, olhando em todas as direções, enquanto segura com força os que estão presos, sem nunca ceder terreno ou recuar. Quem, pois, afugentará esta fera de nós? É tarefa d’Aquele que organizou o combate enviar, ao ser invocado por nós, os seus anjos que eles, depois de terem atado com cordas a sua ousada e impudente boca dela, a levarem assim para longe. Aquele que organizou o combate fará sempre isto, assim que já não a desejarmos, ao rejeitá-la. Mas, se Ele a expulsar, ordenando que a terrível fera se mantenha longe de nós e, depois de termos sido salvos, a afugentar para o seu antro, se, ainda assim, mesmo depois de nos termos levantado com inumeráveis feridas, continuarmos a procurá-la e a provoca-la de novo, de tal forma que ela novamente saia, nunca mais Ele terá piedade de nós nem nos poupará, pois, como se diz: “*Quem terá piedade de um encantador mordido por uma serpente ou daqueles que se aproximam das feras* (Cf. Sir 12,13)”?

2. Pois, então? Como poderemos ser salvos deste malvado e vil demônio? Sem dúvida que é um demônio de um aspeto amável. Seria como se um demônio tivesse tomado a forma de uma cortesã, enfeitando-se com muitas jóias de ouro, vestindo delicadas vestes e cheirando a muitos perfumes; e assumisse plenamente a aparência radiosa de uma mulher, ocultando-se atrás de toda a sua beleza; e se se mostrasse

ἡλικία φανείη τοιαύτη ἢ μάλιστα τὰς τῶν νέων ἀναπτεροῖ ψυχάς, αὐτὸ τῆς νεότητος φέρων τὸ ἄνθος, ζώνη χρυσεῖ διαζωσάμενος καὶ βοστρύχους ἀπὸ τῆς κεφαλῆς δείξας ποικίλως ἐμπελεγμένους, κρωβύλω περσικῶ προσεοικότας· εἶτα διάδημα περιθοῖτο περὶ τὴν κεφαλὴν γυμναῖς ταῖς θριξὶ πολὺν τὸν κόσμον ἐπιθεῖς καὶ περὶ τὸν τράχηλον ἀπαστράπτοντα χρυσοῦν καὶ λίθους τιμίους δεικνύς, καὶ ἐστήκοι ὁ πόρνης τινὸς πολὺ νέαν ἡλικίαν ὑπελθὼν ἐπ’ ἐρημίας πρὸ τοῦ τέγουσ, εἶτα καὶ πολλὴν τὴν αἰδῶ ἐπιδεικνύοιτο, τίνα οὐκ ἂν ἔλοι τῶν παριόντων; Καὶ μετὰ τοῦτο εἰς τὸν οἶκον εἰσαγαγὼν πᾶσαν μὲν ἐκείνην τὴν ὥραν ἀποθοῖτο, δείξας δὲ ἑαυτὸν μέλανά τινα καὶ πυρώδη καὶ ἄγριον, οἷον εἰκὸς δαίμονα, ἐκστήσειεν μὲν τὸν ἄθλιον τὸν ἐμπεσόντα, ἐναλλόμενος δὲ καὶ τῆς ψυχῆς κατασχὼν βακχεύοι τὴν ἐκείνου διάνοιαν, τοιοῦτόν τι τῆς κενοδοξίας ὁ πονηρὸς δαίμων ἐστίν. Τί γὰρ αὐτῆς ὠραιότερον εἶναι δοκεῖ; Τί δὲ ἐπεραστότερον; Ἄλλ’ ἐὰν ἴδωμεν ὅτι φαντασία τὸ πρᾶγμα ἐστίν καὶ ὅτι ὑπόκρισις, οὐχ ἄλωσόμεθα τοῖς δικτύοις οὐδὲ περιπεσούμεθα τῇ σκηνῇ· ὁ γὰρ περὶ τῆς πόρνης εἴρηται, τοῦτο καὶ περὶ τῆς ταύτης εἰκότως ἂν πρὸς εἴποι· «Μέλι γὰρ ἀποστάζει ἀπὸ χειλέων γυναικὸς πόρνης»· τὸ αὐτὸ καὶ

naquela idade que mais excita os espíritos dos jovens, na flor da juventude, cingida por um cinto de ouro e mostrando na cabeça os caracóis cuidadosamente entrançados, como num carrapito persa; e cingisse em volta da cabeça um diadema, exponenciando a beleza dos seus cabelos nus, e mostrando em volta do pescoço ouro brilhante e pedras preciosas; e se colocasse, assumindo a idade de uma jovem prostituta, sozinha num canto de um bordel, mostrando um grande pudor. Quem dos presentes ela não seduziria?<sup>245</sup> E se, depois disso, introduzindo-se na sua casa, ela se despojasse de toda aquela elegância, mostrando a sua verdadeira imagem: um demónio negro, inflamado e selvagem? Confundiria, então, o infeliz aprisionado e, assaltando-o e tomando posse da sua alma, levaria a sua mente ao delírio.<sup>246</sup> Assim é o malvado demónio da vanglória. O que poderá parecer ser mais gracioso do que ela? Ou mais amável? Mas se nos apercebêssemos de que tal realidade é, sim, uma fantasia ou uma ficção, não seríamos apanhados nas suas redes, nem cairíamos nas suas encenações. De facto, o que foi dito acerca daquela prostituta, o mesmo poderia ser dito acerca desta: «*O mel destila dos lábios de uma mulher prostituta*» (Cf. Prov 5,3).<sup>247</sup> Não erraríamos ao dizer o mesmo da vanglória.

<sup>245</sup> Cf. Sir 9,7 e *Ad Olymp. Epist.* X, 12b sobre a relação entre um canto solitário e a sedução.

<sup>246</sup> O termo “βακχεύοι” que foi traduzido por “delírio” transmite a imagem dos ritos e dos festins dedicados a Baco, fortemente licenciosos.

<sup>247</sup> Este versículo do livro dos Provérbios é amplamente citado por Crisóstomo: *Ad pop. Ant.*, hom. XIV, 4; *In illud: Propter fornicationes uxorem* 5; *In Matth.*, hom., LXXIII al. LXXXIV, 4; *In Epist. I ad Thess.*, hom. V, 3.

περι τῆς κενοδοξίας οὐκ ἂν προς ἀμάρτοι λέγων.

3. Καθάπερ γὰρ ὁ Σοδόμων καρπός, τοιοῦτον ἢ κενοδοξία· καὶ γὰρ ἐκεῖνος τὴν μὲν ἐπιφάνειαν ἔχει λαμπρὰν καὶ καρπῶν ὑγιαινόντων τοῖς ὀρῶσιν ἐντίθησιν ἀπὸ τῆς ὄψεως τὴν ὑπόνοιαν. Ἐὰν δὲ λάβῃς κατὰ τῆς χειρὸς ἢ ῥοιὰν ἢ μῆλον, εἶκει τε τοῖς δακτύλοις εὐθέως καὶ διατρυφθὲν τὸ ἔξωθεν ἐπικείμενον λέπος ἀφήσιν αὐτοὺς εἰς τὴν κόνιν καὶ τὴν τέφραν ἐμπεσεῖν. Τοιοῦτόν τι καὶ ἡ κενοδοξία ἐστίν· ὀρωμένη μὲν δοκεῖ μεγάλη τις εἶναι καὶ θαυμαστή, κατασχεθεῖσα δὲ ὑπὸ τῶν ἡμετέρων χειρῶν εἰς τὴν κόνιν εὐθέως τὴν ψυχὴν ἡμῶν ἐνέβαλεν. Καὶ ὅτι τοιοῦτόν ἐστιν ἡ κενοδοξία, πολλαχόθεν δῆλον. Τί γάρ; βούλεσθε πρῶτον ἀπὸ τῶν ἔξωθεν ἀρξώμεθα;

4. Πληροῦται τὸ θέατρον καὶ πᾶς ὁ δῆμος ἄνω κάθηται ὅσιν πολὺ παρεχόμενος λαμπρὰν καὶ ἀπὸ τοσοῦτων συγκειμένην ὄψεων, ὡς πολλάκις καὶ τὸ τέγος αὐτὸ καὶ τὸν ὑπερκείμενον ὄροφον καλυφθῆναι τοῖς σώμασι τῶν ἀνδρῶν καὶ οὔτε κεραμίδας οὔτε λίθους ἔστιν ἰδεῖν, ἀλλὰ πάντα ὄψεις ἀνθρώπων καὶ σώματα. Πρὸ δὲ πάντων

3. De facto, tal como é o fruto de Sodoma, assim é a vanglória; este tem magnífica aparência e aos que o veem inspira, à primeira vista, a ideia de um fruto em boas condições. Mas, se tomares na mão uma romã ou uma maçã, logo ele cede aos teus dedos, e a casca, que a envolve por fora, tendo sido desfeita, deixa que os dedos agarrem pó e cinza.<sup>248</sup> A vanglória é algo parecido: quando a vemos, parece ser alguém grande e maravilhoso, mas, quando a tomamos em nossas mãos, logo atira a nossa alma para as cinzas. E que a vanglória é algo do género pode ser demonstrado de diversas formas. Porque não começamos, pois, pelos pagãos?<sup>249</sup>

### O evérgeta

4. Enche-se o teatro e todo o povo é conduzido acima, oferecendo um espetáculo verdadeiramente magnífico, composto de rostos tão numerosos que frequentemente a galeria superior e o seu teto ficam cobertos por corpos de homens, sendo impossível ver nem as telhas nem as pedras, pois tudo o que se vê é corpos e faces humanas. Em primeiro lugar, entra o

<sup>248</sup> “ἡ τέφρα καὶ ἡ κόνις” é expressão privilegiada para indicar a inconsistência e o carácter passageiro das coisas deste mundo. Cf. §5, §6, §9. A expressão encontra-se também em outras obras do Crisóstomo: *In epist. Ad Hebr.*, hom. IX, 5; *In Matth.*, hom. XXX; *In Jo.*, hom. L, al. XLIX; *De prudential*, 7. Cf. Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Glorie...*, 128.

<sup>249</sup> O termo “τα ἔξωθεν” literalmente significa “desde fora”, termo que, no contexto cristão, adquiriu o sentido de “profano” e também de “pagão” no sentido de indicar os que estão fora da comunhão eclesial. Cf. G. W. H. Lampe, ed., *A Patristic Greek Lexicon...*, 503.

εἰσελθόντος τοῦ συναγαγόντος αὐτοὺς ἄνδρὸς φιλοτίμου, διαναστάντες εὐθέως ὥσπερ ἐξ ἑνὸς στόματος μίαν ἀφῆσι φωνήν, συμφώνως ἅπαντες κηδεμόνα καλοῦντες καὶ προστάτην τῆς κοινῆς πόλεως καὶ τὰς χεῖρας ἐκτείνοντες. Εἶτα μεταξὺ τῶν πάντων μείζονι παραβάλλουσιν αὐτὸν ποταμῷ τὸ τῆς φιλοτιμίας ἄδρὸν καὶ ἐκκεχυμένον τῇ τῶν Νειλώων ὑδάτων ἀφθονία συγκρίνοντας, καὶ Νεῖλον αὐτὸν εἶναί φασι τῶν δωρεῶν. Οἱ δὲ μᾶλλον αὐτὸν κολακεύοντες μικρὸν νομίσαντες εἶναι τοῦτο τὸ ὑπόδειγμα, τὸ τοῦ Νείλου, ποταμοὺς μὲν ἀφῆσι καὶ θαλάσσας, τὸν δὲ Ὠκεανὸν εἰς μέσον ἀγαγόντες, τοῦτο αὐτὸν εἶναί φασιν, ὅπερ ἐκεῖνον ἐν ὕδασι, τοῦτον ἐν ταῖς φιλοτιμίαις· καὶ οὐδὲν ὄλωσ ἐῖδος εὐφημίας ἀπολιμπάνουσιν. Λαμπρὰ τῆς κενοδοξίας ἢ ὄψις· ἀλλ’ ὑμεῖς μοι τοῦ τύπου τῆς κόρης ἀναμνήσθητε, εἰς ὃν διερρυθμίσαμεν τὸν δαίμονα, χρυσία περιθέντες αὐτῷ καὶ εἰς ἡλικίαν ἀγαγόντες ἑταίρας τινός, καὶ ὄψεσθε ὅτι οὐ πολὺ τὸ μέσον τῆς εἰκόνας.

5. Τί δὴ μετὰ τοῦτο; προσκυνήσας αὐτοὺς καὶ ταύτη τιμήσας καὶ αὐτός, κάθηται μὲν μακαριζόμενος ὑπὸ πάντων ἐκείνων, ἐκάστου αὐτῶν εὐχομένου τοῦτο γενέσθαι ὅπερ ἐκεῖνος τότε, καὶ εὐθέως ἀποθανεῖν. Μετὰ δὲ τὸ πολὺ δαπανῆσαι χρυσίον καὶ ἀργύριον, ἵππους, ἱμάτια, παῖδας καὶ πάντα ἐκεῖνα καὶ κενῶσαι πολλὰς οὐσίας,

homem pródigo que os reuniu e, imediatamente todos se levantam, lançam um só grito como de uma só boca, numa só voz: chamam-no protetor e chefe da cidade comum, estendendo as mãos em oração.<sup>250</sup> De seguida, comparam-no ao maior dos rios, equiparando a generosidade e a abundância da sua prodigalidade às copiosas águas do Nilo, e dizem dele que é o Nilo das dádivas. Outros, adulando-o ainda mais, considerando pequeno o exemplo, o do Nilo, mencionam rios e mares, evocam o oceano, e afirmam que ele, na sua prodigalidade, é como o oceano perante as simples águas. Não omitem absolutamente nenhuma forma de louvor. Soberbo é o aspeto da vanglória: vós, porém, recordai-vos da imagem da jovem, com a qual definimos o demónio, cobrindo-o de ouro e considerando-o uma jovem cortesã, e vereis que não há grande diferença entre essa imagem e esta.

5. O que acontecerá depois? Fazendo-lhes a vénia e reverenciando deste modo, ele senta-se, exaltado por todos, cada um deles desejando tornar-se aquilo que ele é naquele momento, para logo depois morrer. Depois de ter gastado muito ouro e prata, cavalos, vestes, servos e todo o tipo de bens, e de perder uma grande fortuna, despedem-se dele novamente

<sup>250</sup> O título “προστάτης” literalmente significa “aquele que está à frente” e por isso pode indicar um campeão, um protetor, um chefe. Cf. G. W. H. Lampe, ed., *A Patristic Greek Lexicon...*, 1182.

παραπέμπουσι πάλιν αὐτὸν μετὰ πολλῆς τῆς εὐφημίας, τοσοῦτοι μέντοι οὐκέτι λυθέντος γὰρ τοῦ θεάτρου πρὸς τὰ οἰκεῖα ἕκαστος ἐπέιγεται. Εἶτα ἐπὶ τῆς οἰκίας ἄριστα πολυτελεῖ καὶ πολλὴ ἢ εὐωχία καὶ μεγάλη τῆς ἡμέρας ἢ λαμπρότης. Περὶ δεῖλην μεσημβρίαν πάλιν τὰ αὐτὰ καὶ ἐπὶ δύο καὶ τριζὶν ἡμέραις οὕτως. Ἐπειδὴν οὖν πάντα κενώσῃ καὶ μυρία χρυσίου τάλαντα, τότε λοιπὸν δείκνυται ἢ σποδὸς τῆς φωνῆς ταύτης καὶ ἡ τέφρα καὶ ἡ κόνις.

6. Ὄταν γὰρ ἐπὶ τῆς οἰκίας τοὺς λόγους ζητῆ καὶ τῆς δαπάνης τὴν ὑπερβολὴν ἐννοήσῃ, τότε ὀδύρεται. Ἔως μὲν γὰρ ἂν ἀπολαύῃ τῆς ἐπιθυμίας, καθάπερ ὑπὸ τινος μέθης τῆς κενοδοξίας ληφθεὶς καὶ ἑαυτὸν ἂν προσαναλώσειεν, οὐδὲ μικρὰν αἴσθησιν τῆς ζημίας λαβεῖν δύναται. Ἐπειδὴν δὲ οἶκοι γενόμενος, ἔνδον εἰς τὴν οἰκίαν τοῦ δαίμονος τούτου, τὴν μὲν ὥραν ἀπελθοῦσαν ἴδη τῆς συνελεύσεως λυθείσης καὶ εἰς τὸ θέατρον ἰδὼν εὖρη κενὸν ἀνδρῶν ὃν καὶ οὐδένα οὐδὲν φθειγόμενον, τὴν δὲ ζημίαν οὐκ ἐπὶ φαντασίας, ἀλλ' ἐπὶ χρημάτων ἤδη γεγενημένην, τηνικαῦτα αἰσθάνεται τῆς τέφρας.

7. Ἄν δὲ καὶ πέρα τῆς οὐσίας ἀναλώσας δέηται καὶ ἀπὸ ποδῶν ἐξαρθεὶς ἐν μέσῃ ἐπαιτῆται τῇ ἀγορᾷ, εἶτα τῶν τότε προστάτην βοώντων μηδεὶς παραγίνηται

com muitos elogios, mas já não tantos: de facto, acabado o teatro, cada um se apressa para casa. A seguir, em sua casa, decorrem sumptuosas refeições, é grande o festim e grande é o esplendor do dia. À tarde ocorre o mesmo, e assim durante dois ou três dias. Quando, pois, tudo acabar, e acabarem também os inumeráveis talentos de ouro, naquele momento revelar-se-á o pó e a cinza desta fama.<sup>251</sup>

6. Então, quando já está em casa, examina as contas e reflete acerca do exagero do gasto, e aflige-se. Enquanto desfruta do desejo, e estiver tomado pela embriaguez da vanglória, ele continuará a esbanjar tudo e não poderá ter senão uma percepção reduzida do dano. Mas, dar-se-á conta das cinzas quando, já em casa, isto é, na casa daquele demónio, vir acabada a sua hora gloriosa, dispersa a multidão, e, ao olhar para o teatro, descobrir que este está vazio e que nenhum som se ouve, sendo o dano gerado não apenas na sua imaginação, mas também nas suas bolsas.

7. Se, pois, tendo gasto para além das suas possibilidades, se encontra agora em apuros e, pondo-se de pé, mendiga caminhando no meio da praça, então, nenhum daqueles que o

<sup>251</sup> “ἡ τέφρα καὶ ἡ κόνις”: Cf. § 5.

μηδὲ χεῖρα ὀρέγη, ἀλλὰ καὶ εὐφραίνονται τοῖς γινομένοις – καὶ γὰρ καὶ τότε, ὅτε εὐφόμενοι, καὶ τῷ φθόνῳ ἐδάκνοντο καὶ παραμυθίαν ἠγοῦντο τῶν οικείων κακῶν τὸ ἐκεῖνον, τὸν οὕτω γενόμενον λαμπρόν, πάντων ἀτιμότερον μέλλειν ἔσεσθαι –, ὅταν οὐκ μηδεὶς παραγίνεται μηδὲ χεῖρα ὀρέγη, τί τούτων ἐλεεινότερον; Οὐχὶ μᾶλλον δακρῶν ἄξιον; τί δὲ τούτων χαλεπότερον;

8. Τάχα ἴστε τινὰ τοῦτο παθόντα μηδαμῶς; Καὶ εἴθε μὲν οὐκ χεῖρα μὴ ὄρεγον, ἀλλὰ καὶ τούναντίον, κατηγορίας βάλλεται παρ' αὐτῶν τῶν ἐπαινεσάντων. «Διὰ τί γάρ», φησί, «μαινόμενος; Διὰ τί δόξης ἐραστής; Τίνος γὰρ ἕνεκεν πόρναις καὶ μίμοις ἐχαρίζετο;» Ἄνθρωπε ἀγνώμων, οὐχὶ σὺ ἐθαύμαζες; οὐχὶ σὺ ἐπήνεις; οὐχὶ σὺ αὐτὸν εἰς τοῦτο προηγάγου τοῖς κρότοις καὶ ταῖς εὐφημίαις; οὐχὶ Νεῖλον ἐκάλεις; οὐχὶ Ὀκεανόν; οὐχὶ πᾶσαν τὴν ἡμέραν εἰς τὰς εὐφημίας ἀνήλωσας τὰς ἐκεῖνον; Πόθεν οὐκ ἐξαίφνης μεταβέβλησαι; Καὶ ὅτε ἐλεεῖν δεῖ, τότε μάλιστα κατηγορεῖς ἐφ' οἷς καὶ ἐκρότεις πάλαι; Εἰ γὰρ ἐν οἷς κατηγοροῦμεν, ὅταν κολαζόμενον ἴδωμεν, οὐκ ἐσμεν οὕτω λίθινοι ὡς μὴ κατακαμφθῆναι, ὅταν ἐφ' οἷς καὶ ἐπηνέσαμεν ἴδωμεν κακόν τι πάσχοντα, οὐχὶ πολλῷ μᾶλλον κάμπτεσθαι ἐχρήν; Νῦν δὲ

proclamaram chefe o assiste ou estende a mão, alegrando-se, pelo contrário, pelo sucedido. De facto, também antes, quando falavam bem dele, estavam roídos de inveja e consideravam uma consolação para os seus próprios males o facto de que alguém, tendo sido assim ilustre, estivesse agora destinado a tornar-se o mais desonrado de todos. Portando, quando ninguém o assiste nem lhe estende a mão, o que é mais digno de comiseração do que isso? Não é, pois, digno de lágrimas? O que é mais lastimável?

8. Já não tereis vós porventura conhecido alguém que tenha sofrido assim? Aqueles que o aplaudiam, já não só não lhe estendem a mão, como, pelo contrário, lhe lançam acusações. «Por que razão, diz, estava enlouquecido? Porque estava apaixonado da glória? Porque gratificava prostitutas e atores?» Mas, ó homem néscio,<sup>252</sup> tu não o admiravas? Tu não o aplaudias? Tu não o induziste a isso com os aplausos e os louvores? Não o chamavas Nilo? Não o chamavas Oceano? Não gastaste todo o dia nos seus louvores? Porque, então, mudaste repentinamente? E, quando era necessário ter compaixão, sobretudo naquele momento, acusá-lo por causa daquilo pelo qual outrora aplaudias? Se, quando vemos alguém ser punido entre aqueles que acusámos, não somos tão duros que não nos compadecemos, não seria ainda mais necessário deixar-se apiedar quando vemos

<sup>252</sup> O termo “ἀγνώμων” indica aqui uma pessoa dura, sem piedade. Cf. G. W. H. Lampe, ed., *A Patristic Greek Lexicon...*, 22. Fazemos notar a passagem para a segunda pessoa singular que interpela diretamente os ouvintes. Cf. §13.

κατηγορεῖς· ὅτε σε ἔτερπεν τῆ θέα, ὅτε διημέρευες πάντα ἀφεις τὰ σαντοῦ, τί μὴ κατηγορεῖς;

9. Ὁρᾶς οἷα τὰ τοῦ διαβόλου; οἷοι τῆς κενοδοξίας οἱ καρποί; Ἐγὼ μὲν εἶπον τέφραν καὶ κόνιν· ὁρῶ δὲ οὐ τέφραν καὶ κόνιν μόνον, ἀλλὰ καὶ πῦρ καὶ καπνόν· οὐ γὰρ μέχρι τοῦ μηδὲν ἀπόνασθαι τὸ πρᾶγμα ἴσταται, ἀλλὰ καὶ μέχρι τοῦ κακοῦ περιβαλεῖν. Ἐπ' ἐκείνων δὲ ἂν εἶη τέφρα καὶ κόνις, ἐπὶ τῶν ἀναλίσκόντων μὲν πολλά, καρπουμένων δὲ οὐδέν· οὐ μὴν καὶ ἐπὶ τῶν ταῦτα πασχόντων ἄπερ ἄρτι διῆλθον.

10. «Τί οὖν; φησίν, ὅταν διὰ τὰς λειτουργίας ἐκείνας τιμῶνται καὶ θαυμάζονται παρὰ πολλῶν, ἄρα μικρὸς οὗτος ὁ καρπός;» Σφόδρα γε· οὐ γὰρ μεγάλη ἡ τιμὴ αὕτη, ἣν νῦν διῆλθον, τὸ καὶ σκώμμασι βάλλεσθαι καὶ κατηγορεῖσθαι καὶ διαβάλλεσθαι. «Τί δὲ πρὸς τοὺς τιμωμένους;» Οὐ γὰρ διὰ τὰς λειτουργίας ἐκεῖνοι τιμῶνται, ἀλλὰ διὰ τὸ προσδοκᾶν δαπανᾶσθαι πάλιν τῷ πλήθει. Εἰ δὲ διὰ τὰ φθάσαντα, διὰ τί τῶν οὐκ ἐχόντων κατηγοροῦσιν; διὰ τί δὲ μηδὲ προσίασιν, ἀλλὰ καὶ σκόπτουσιν ἀσώτους καὶ μιαροὺς ἄνδρας ἀποκαλοῦντες; Εἶδες ὅτι μανία τίς ἐστιν ἡ κενοδοξία;

sofrer algum mal daqueles que louvamos? Agora acusá-lo: quando ele te deleitava com o espetáculo, quando passavas todo o dia descurando os teus negócios, porque não o acusavas?

9. Vês, pois, quais são as obras do diabo? Quais os frutos da vanglória? Eu chamei-os cinza e pó. Vejo, porém, que não são só cinza e pó, mas também fogo e fumo: de facto, não é algo que se extinga quando já não traz proveito a ninguém; permanece, pelo contrário, na infelicidade. Poderia ser cinza e pó no caso daqueles que gastaram muito e não ganham nada; certamente não no caso daqueles que sofreram tais coisas exatamente como há pouco contei.

10. Diz-se: «Então! É, por acaso, pequeno esse fruto, quando tais homens são honrados e admirados por muitos, por causa deste serviço público?». Com certeza! Mas não é grande esta honra, que apresentei agora, isto é, ser atingido pelos escárnios, acusado e caluniado. «Mas quanto àqueles que são honrados?» Esses não são honrados por causa dos serviços públicos, mas por causa da expectativa de que volte a gastar com a multidão. Bem, se fosse por causa dos serviços já realizados que os honram, porque os censurariam quando já nada têm? Porque nem sequer se aproximam, mas escarnecem-nos,

11. Ἀλλὰ τοῦτο μὲν ἀφείσθω τὸ εἶδος, ἑνός που καὶ δευτέρου ὄν, ἐφ' ἕτερον δὲ ἔλθωμεν. Εἰ δὲ λέγοι πρὸς· «Τί οὖν πρὸς τοὺς σύμμετρα δαπανωμένους ἐν ταῖς τῶν πόλεων τέρψεσιν;» Εἰπέ μοι, παρακαλῶ, τί τὸ κέρδος; καὶ γὰρ καὶ παρ' ἐκείνοις ἐφήμερος ἡ δόξα καὶ ἡ βοή. Καὶ ὅτι τοῦτο οὕτως ἂν ἔχοι, εἴ πρὸς αὐτοῖς αἴρεσιν ἔδωκεν ἀναλαβεῖν ἐκεῖνα τὰ χρήματα ἢ καὶ τὸ τρίτον ἢ καὶ τὸ πολλοστόν, καὶ μηδεμίαν ἀκηκοέναι τοιαύτην φωνήν, νομίζεις οὐχὶ μυριάκις ἂν εἴλοντο; Οἱ γὰρ ὑπὲρ ὀβολοῦ ἑνός μυρία ἀναισχυνοῦντες καὶ ἰταμευόμενοι, τί οὐκ ἂν ἐποίησαν ὑπὲρ τοσοῦτων χρημάτων εἰκῆ κενουμένων;

12. Ἐνταῦθά μοι πρὸς τοὺς παρ' ἡμῖν πιστοὺς ὁ λόγος ἐπιέγεται, οἱ τῷ Χριστῷ πενομένῳ καὶ τῆς ἀναγκαίας ἀποροῦντι τροφῆς οὐδὲ τὸ τυχὸν ὀρέγειν ἐθέλουσιν· καὶ ὅσα ἐκεῖνοι πόρναις καὶ μίμοις καὶ τοῖς ὀρχουμένοις παρέχουσιν ὑπὲρ μιᾶς φωνῆς, ταῦτα οὗτοι ὑπὲρ βασιλείας διηνεκοῦς οὐ δίδόασιν.

chamando-os homens depravados e ímpios?  
Viste que loucura é a vanglória?

### **A vanglória é comum a muitos**

11. Mas deixemos este aspeto da vanglória, sendo característica de apenas uma ou duas pessoas, e passemos a outra. Se alguém dissesse: «O que acontece, então, com aqueles que gastam de forma moderada nos deleites da cidade?» Diz-me, por favor, qual é o proveito? De facto, também para eles efémera é a glória e a aclamação. E que isso é assim, eis a prova: se lhes fosse dada a escolha de recuperar o dinheiro, nem que fosse um terço ou uma mínima parte, mas não ouvir nenhuma das aclamações, não pensas que prefeririam milhares de vezes ficar com o dinheiro? De facto, se se comportam milhares de vezes de forma impudente e descarada por um óbolo apenas, o que não teriam feito por este dinheiro deitado fora sem nenhum propósito?

12. Até agora, este meu discurso aplica-se àqueles fiéis que existem entre nós que não querem oferecer nem um centavo a um Cristo que não tem nem dinheiro nem comida;<sup>253</sup> quanto àqueles que gastam dinheiro com prostitutas, atores e dançarinos por uma só aclamação, não doam tais coisas em benefício do reino eterno.

<sup>253</sup> O Crisóstomo identifica em várias homilias os pobres com Cristo. Cf. *In Matth.*, hom. XLIX, 5; *In epist. I ad Tim.*, hom. XIV, 2; *In Io*, hom., 3, 1 PG 59, 37. Cf. O. Pasquato, *I Laici in Giovanni Crisostomo*, p 53-57.

13. Ἀλλ' ἐφ' ἕτερον ἔλθωμεν εἶδος κενοδοξίας· ποῖον δὴ τοῦτο; ὁ τῶν πολλῶν ἐστὶ καὶ οὐκέτι ἐνὸς καὶ δευτέρου· χαίρομεν ὅταν ἐπαινώμεθα καὶ ἐπὶ πράγμασιν ἐν οἷς οὐδὲν σὺνισμεν ἑαυτοῖς οὐδὲ μικρόν. Καὶ ὁ πένης πάντα ποιεῖ ὥστε ἱμάτια περιθέσθαι καλὰ, δι' οὐδὲν ἕτερον ἀλλ' ὥστε δοξασθῆναι παρὰ τῶν πολλῶν· καὶ πολλὰκις ἑαυτῷ διακονήσασθαι δυνάμενος οἰκέτην ὠνήσατο οὐ χρείας ἕνεκεν, ἀλλ' ὥστε μὴ δόξαι ἠτιμῶσθαι ἑαυτῷ διακονούμενος. Ἐπεὶ τίνος ἕνεκεν, εἰπέ μοι, τὸν πάντα χρόνον ταῖς ἑαυτοῦ χερσὶν ὑπηρετούμενος ταῖς ἄλλου βούλει νῦν ὑπηρετεῖσθαι; Εἶτα, ἂν ἕτερον χρυσίον προσγένηται, καὶ σκευὴ ἀργυρᾶ κτᾶται καὶ οἰκίαν λαμπράν. Τούτων οὐδὲν χρείας ἕνεκεν· εἰ γὰρ χρείας ἕνεκεν ταῦτα ἐγίνετο, τὸ πλεόν ἂν τοῦ γένους τῶν ἀνθρώπων ἀπωλώλει καὶ διέφθαρτο. Οἷόν τι λέγω· ἔστιν ἀναγκαῖα καὶ ὧν ἄνευ ζῆν οὐκ ἔνι, οἷον ἡ τῆς γῆς φορὰ πρᾶγμα ἀναγκαῖόν ἐστιν, καὶ ταύτης μὴ φερούσης καρπὸν οὐκ ἔνι ζῆν· τὰ τῶν ἱματίων σκεπάσματα, ὄροφος καὶ τοῖχοι καὶ ὑποδήματα, ταῦτα τῶν ἀναγκαίων ἐστίν, τὰ μέντοι ἄλλα ἅπαντα περιττά. Ἐπεὶ εἰ κάκεῖνα ἀναγκαῖα ἦν καὶ οὐκ ἦν ἀνθρώπῳ ἄνευ διακόνου ζῆν, ὥσπερ οὐκ ἔστι δυνατόν ἄνευ ἐκείνων ζῆν, τὸ πλεόν ἂν ἀπωλώλει τῶν ἀνθρώπων, ἐπειδὴ τὸ πλεόν τοὺς διακονουμένους οὐκ ἔχουσιν. Εἰ ἀναγκαῖον ἦν ἀργυροῖς σκεύεσι κεχρηθῆναι καὶ ἄνευ τούτων ζῆν οὐκ ἦν, τὸ πλεόν ἂν

13. Mas passemos a outro tipo de vanglória! Qual é este? O que é próprio de muitos, e não de um ou dois. Alegramo-nos cada vez que somos louvados e por causa de ações nas quais não tivemos a mínima participação. Ora, o pobre faz tudo para pôr um bom vestido, por nenhuma outra razão senão para que encontre a glória entre muitos. Muitas vezes, podendo servir-se a si mesmo, compra um servo, não por necessidade, mas para não aparecer desonrado, ao servir-se a si mesmo. Por qual razão, diz-me, tu, que te serves com as tuas próprias mãos todo o tempo, queres agora ser servido pelas de outro? Ou ainda: se alguém adquire ouro, ou possui objetos de prata e uma casa magnífica, nada disso é por necessidade. Se isso acontecesse por necessidade, a maior parte da humanidade pereceria e se extinguiria. Digo isto: há coisas necessárias e sem as quais não é possível viver, como, por exemplo, o produto da terra, que é uma coisa necessária e, se esta não der fruto, não é possível a vida; o cobrir-se de roupa, um teto e paredes, o calçado, todas estas coisas são necessárias. Pois bem, todas as restantes coisas são supérfluas!<sup>254</sup> De facto, se tais coisas fossem necessárias, e não fosse possível ao homem viver sem um servo, tal como não é possível viver sem aquilo que é de facto necessário, a maior parte dos homens faleceria, já que a maioria não tem servos. Se fosse necessário usar objetos de prata e não fosse possível viver sem eles, a maior parte dos homens também morreria, pois, a prata não

<sup>254</sup> Segundo Anne-Marie Malingrey, a distinção entre coisas necessárias e supérfluas seria uma influência estoica, mesmo que nos pareça se trate de noções de sentido comum.

πάλιν διέφθαρτο τῶν ἀνθρώπων, ἐπειδὴ οὐδὲ ἄργυρος παρὰ τοῖς πολλοῖς ἐστίν. Ἐὰν οὖν πρὸς αὐτοῖς τοῖς κεκτημένοις τὸν ἄργυρον εἶπη· Τί δὴ ποτέ σοι τοῦτο βούλεται τὸ σκεῦος; εἰπέ τὴν αἰτίαν καὶ ποίαν τὴν χρῆσιν παρέχεται», οὐδεμίαν <ἄν> ἄλλην ἔχει εἰπεῖν, ἀλλ' ἢ τὴν παρὰ τῶν πολλῶν τιμὴν. «Καὶ κέκτημαι ὥστε θαυμάζεσθαι καὶ μὴ καταφρονεῖσθαι, κρύπτω δὲ πάλιν, ὥστε μὴ φθονεῖσθαι καὶ ἐπηρεάζεσθαι.» Τί ταύτης τῆς ἀλογίας χειρὸν γένοιτ' ἄν; εἰ διὰ τὴν παρὰ τῶν πολλῶν τιμὴν ἔχεις, πᾶσιν ἐπιδείκνυσο, εἰ δὲ τὸν φθόνον δέδοικας, οὐδὲ ὅλως κεκτῆσθαι καλόν.

14. Εἶπω καὶ ἑτέραν ἀλογίαν; Πολλάκις τῶν ἀναγκαίων τινὲς ἑαυτοὺς ἀποστερήσαντες καὶ λιμῶ φθειρόμενοι τούτων οὐκ ἀμελοῦσι τῶν σκευῶν. Κἂν ἐρωτήσης αὐτούς, «τὸ σχῆμά μου, φησίν, ἔχειν ὀφείλω». Ποῖον σχῆμα, ἄνθρωπε; οὐκ ἐστὶ τοῦτο σχῆμα ἀνθρώπου. Ἐπεὶ ἄρα ἀσχημοσύνην ἡσχημόνει μεγάλην ὁ δίκαιος Ἡλίας καὶ Ἐλισσαῖος καὶ Ἰωάννης· ἐπειδὴ τῶ μὲν τῆς μηλωτῆς πλεον οὐδὲν ἦν καὶ χήρας ἔχρηζε γυναικός, καὶ αὐτῆς πενιχρᾶς, καὶ ἐπαιτητικὸν ἕζη βίον πρὸς τὰ πρόθυρα τῆς γυναικὸς τῆς πενιχρᾶς ἐκείνης ἐρχόμενος καὶ τὰ τῶν ἐπαιτῶν φθεγγόμενος ῥήματα.

se encontra ao alcance de muitos. Se alguém dissesse àqueles que possuem a prata: «Porque queres este tipo de objeto? Diz-me a finalidade e que tipo de utilidade oferece», ele teria que dizer: «não tem nenhum valor, exceto o respeito que muitos me têm.<sup>255</sup> Eu adquiro tais coisas para ser admirado e para não ser desprezado, e escondo-as, para não ser envejado e não ser ameaçado». O que poderia haver de pior do que tais absurdos? Se possuis algo para que muitos possam ter respeito por ti, ostenta-o a todos; se, pelo contrário, temes a inveja, é bom não o possuir de todo.

14. Queres que te diga uma outra coisa ilógica?<sup>256</sup> Muitas vezes alguns, estando privados do que é necessário e mesmo consumidos pela fome, não descuidam os seus bens domésticos. E se lhes perguntasses, diriam: «Devo manter a minha dignidade!»<sup>257</sup> Que dignidade, ó homem? Esta não é a dignidade de um homem! Então também o justo Elias se portava indignamente, e de igual forma Eliseu e João! De facto, o primeiro nada possuía para além de uma capa de pele de ovelha, precisava da ajuda de uma viúva, também ela pobre, e vivia a vida mendigando, aparecendo ao portão daquela pobre mulher e proferindo palavras de

<sup>255</sup> Crisóstomo explica da mesma forma a sede de luxo entre os Antioquenos em *In Io.*, hom. III, al. II, 5 PG 59,44.

<sup>256</sup> O Crisóstomo instaura uma relação direta entre o comportamento amoral e a “ἀλογία”, e entre o comportamento virtuoso e a racionalidade.

<sup>257</sup> O termo “σχῆμα” inclui um grande espectro de significados, entre estes o de “forma”, “posição” ou de “vestido” que define um papel secular, monástico ou eclesial. Cf. G. W. H. Lampe, ed., *A Patristic Greek Lexicon...*, 1359.

Ἦσχημόνει δὲ ἄρα καὶ Ἐλισσαῖος αὐτὸς ἀπὸ τῆς πενιχρᾶς ἐστιώμενος. Ἦσχημόνει δὲ καὶ Ἰωάννης οὐδὲ ἰμάτιον ἔχων, οὐδὲ ἄρτον ἕνα. Μία μόνον ἐστὶν ἀσχημοσύνη, τὸ πολλὰ κεκτῆσθαι, καὶ μεγάλη ὄντως ἀσχημοσύνη. Ὡμότητος γὰρ δόξαν λαμβάνει προς, μαλακίας, βλακειίας καὶ τύφου, κενοδοξίας, θηριωδίας. Οὐκ ἐστὶ σχῆμα τὸ καλὰ φορεῖν ἰμάτια, ἀλλὰ σχῆμά ἐστὶ τὸ καλὰς περικεῖσθαι πράξεις.

15. Καὶ ἀκούω πολλῶν ἐπὶ τούτῳ θαυμαζομένων. «Ὁ δεῖνα, φησὶν, ἔχει τὸ σχῆμα αὐτοῦ· ἡ κλίνη ἐξεστρωμένη ἐστὶν καὶ σκευὴ χαλκᾶ ἔχει πολλά· οἰκοδεσπότης ἄνθρωπός ἐστιν.» «Καὶ τί ἡμῖν ἐγκαλεῖς, φησὶν, τοῖς ταῦτα κεκτημένοις, δέον τοῖς τὰ πλείονα ἔχουσιν ἐγκαλεῖν;» Δι' ὑμῶν πολλῶ μᾶλλον ἐκείνων κατηγορῶ· εἰ γὰρ οὐκ ἀφήμι αἰτίας τοὺς τὰ ὀλίγα ἔχοντας, πολλῶ μᾶλλον τοὺς τὰ πλείονα κεκτημένους. Σχῆμά ἐστὶν οὐχὶ οἰκίας λαμπρότης, οὐδὲ ἐπιβλημάτων πολυτέλεια, οὐδὲ στιβάς ἐξεστρωμένη, οὐδὲ κλίνη κεκαλλωπισμένη, οὐδὲ οἰκετῶν

mendigos.<sup>258</sup> Indignamente se portava também Eliseu, ele próprio hospedado por uma pobre.<sup>259</sup> Indignamente se portava também João, pois não possuía nem capa, nem um só pão.<sup>260</sup> A indignidade é somente esta: possuir muitas coisas, essa é que é a verdadeira indignidade. Esta é a que traz ao homem uma reputação de crueldade, de moleza, e de cobardia, de vaidade, de vanglória, de brutalidade. Não é dignidade usar bons vestidos; a dignidade consiste, pelo contrário, em envolver-se em boas obras.

### A verdadeira glória

15. Ouço que muitos ficam admirados por tais coisas. Uns dizem: «Fulano tal tem a sua dignidade: o leito está estendido e possui muitas alfaias de bronze; é um homem dono da sua própria casa!» Outros dizem: «Porque nos acusas a nós, que possuímos estas coisas, quando deverias era acusar os que possuem ainda mais?» Por meio de vós, porém, ainda mais denuncio os outros: ao não deixar de encontrar causas nos que têm pouco, com maior razão denuncio os que possuem em abundância. A dignidade não consiste no esplendor da casa, nem na sumptuosidade dos tapetes, nem numa cama bem

<sup>258</sup> Cf. 1 Re 17, 10ss.

<sup>259</sup> O ciclo de Eliseu, Ἐλισσαῖος, faz parte do Segundo Livro dos Reis, desde o IIº capítulo em que sucede a Elias até à sua morte no XIIIº capítulo. Somente no IVº capítulo aparecem duas mulheres: em 2 Re 4, 1-7 uma mulher viúva suplica o profeta, o qual não é explicitamente acolhido em casa, de a ajudar contra o seu credor; em 2 Re 4, 8-37 e na sequência natural de 2 Re 8, 1-6, Eliseu é efetivamente acolhido por uma mulher, mas se trata de uma mulher rica. Encontramos aqui uma incongruência com os relatos bíblicos, de facto, é Elias, Ηλίας, que é acolhido por uma pobre mulher, a viúva de Sarepta, 1 Re 17, 7-16, da qual também Jesus faz referência em Lc 4, 25-26. A atribuição deste *lapsus* resulta ser dificultosa; certamente é um índice importante do caráter pouco cuidado do texto e poderia ser um indício importante para os defensores da não autenticidade ou, ainda, atribuir o erro a um copiadador inexperto posterior ao Crisóstomo.

<sup>260</sup> Referência provável a João Baptista. Cf. Mt 3, 4.

πλήθος. Πάντα γὰρ ταῦτα ἡμῶν ἐκτὸς καὶ οὐδὲν πρὸς ἡμᾶς. Τὰ δὲ πρὸς ἡμᾶς ἐπιείκεια, ὑπεροψία χρημάτων, ὑπεροψία δόξης, τὸ καταγελαῖν τῆς παρὰ τῶν πολλῶν τιμῆς, τὸ μηδὲν ἡγεῖσθαι τὰ ἀνθρώπινα, τὸ τὴν πενίαν ἀσπάζεσθαι, τὸ τὴν φύσιν ὑπερβαίνειν τῆ τοῦ βίου ἀρετῆ· τοῦτο εὐσχημοσύνη, τοῦτο δόξα, τοῦτο τιμή. Τὸ δὲ αἴτιον πάντων τῶν κακῶν ἐξ ἀρχῆς τοῦτο γίνεται, καὶ πῶς, ἐγὼ λέγω.

16. Τὸ παιδίον εὐθέως ἐτέχθη· πάντα μηχανᾶται ὁ πατήρ οὐχ ὅπως αὐτοῦ τὸν βίον ῥυθμίσειεν, ἀλλ' ὅπως αὐτὸ καλλωπίσειεν καὶ χρυσίοις καὶ ἱματίοις περιβάλοι. Τί δή ποτε τοῦτο ποιεῖς, ἄνθρωπε; Ἔστω, αὐτὸς ταῦτα περικεῖσαι· τί καὶ τὸ παιδίον, τὸ οὐδέπω τῆς μανίας ταύτης πεῖραν λαβόν, παιδεύεις ἐν τούτοις; Τίνος ἔνεκεν περιτιθεῖς κόσμον περὶ τὸν τράχηλον; Παιδαγωγοῦ χρεία ἀκριβοῦς, ὥστε ῥυθμίζειν τὸν παῖδα, χρυσοῦ δὲ οὐκέτι. Καὶ κόμην δὲ ὄπισθεν ἀφίεις εἰς κόρης σχῆμα εὐθέως ἐκθηλύνων τὸν παῖδα καὶ τὸ τῆς φύσεως στερρὸν μαλάσσω, ἐξ ἀρχῆς αὐτῷ χρημάτων ἔρωτα

estendida, nem num leito adornado, nem na grande quantidade de servos. De facto, todas estas coisas são-nos exteriores e nenhum valor têm para nós.<sup>261</sup> São, sim, importantes para nós a mansidão, o desprezo pelas riquezas, o desprezo da glória, o rir-se da honra outorgada pelas multidões, o reputar como nada as coisas humanas, o abraçar a pobreza, o ultrapassar a natureza com a virtude da vida; esta é a verdadeira dignidade, esta é a glória, esta é a honra. Digo-te, porém, o que causa todos estes males, o que está na sua origem e qual o seu modo de agir.<sup>262</sup>

#### **A necessidade da educação**

16. A criancinha ainda mal nasceu e já o seu pai tece tudo o que é plano, não para de algum modo disciplinar a sua vida, mas para embelezá-la e cobri-la com objetos de ouro e roupas. Porque fazes isso, ó homem? Que seja, que te faças rodear de tais coisas! Mas porque educas a criança nestas coisas, ela que ainda não passou pela experiência desta loucura? Com que objetivo colocas um ornamento em volta do pescoço? A criança precisa é de um pedagogo metucioso,<sup>263</sup> que a discipline, e não de ouro. E, assim, deixas que lhe caiam para trás os cabelos, segundo a moda das meninas, tornando imediatamente afeminada a criança, abrandando

<sup>261</sup> Novamente, A.-M. Malingrey sugere aqui uma dependência entre a moral Crisostômica e a moral estoica que vê somente nos bens interiores a riqueza.

<sup>262</sup> Este breve período constitui a única transição entre a primeira parte, que trata da vanglória, e a segunda, na qual se trata da educação.

<sup>263</sup> Frequentemente durante o tratado Crisóstomo alerta para a necessidade de procurar um pedagogo metucioso, moralmente reto e atento, fundamental para a educação dos meninos. Cf. § 32, 38, 59.

περιττὸν ἐντιθεῖς καὶ πείθων περὶ τὰ ἀνόνητα ἐπτοῆσθαι. Τί κατασκευάζεις αὐτῷ μείζονα τὴν ἐπιβουλήν; τί περὶ τὰ σωματικὰ ποιεῖς ἐπτοῆσθαι; «Ἄνῆρ, φησὶν, ἐὰν κομᾶ, ἀτιμία αὐτῷ ἐστίν.» Οὐ βούλεται ἡ φύσις· οὐκ ἐπέτρεπεν τοῦτο ὁ Θεός· τὸ πρᾶγμα κεκώλυται· ἑλληνικῆς ἐστὶ δεισιδαιμονίας ἔργον. Πολλοὶ δὲ καὶ τῶν ὧτων ἐξαρτῶσι χρυσία· εἴθε μηδὲ κόραι τούτων ἀπήλαυον, ὑμεῖς δὲ καὶ ἐπὶ τοὺς ἄρρενας ἄγετε τὴν λύμην.

17. Τάχα πολλοὶ γελῶσιν ἐπὶ τοῖς λεγομένοις, ὡς μικρῶν ὄντων τούτων. Οὐκ ἐστὶ μικρά, ἀλλὰ καὶ σφόδρα μεγάλα. Κόρη ἐν τῷ θαλάμῳ τῷ μητρικῷ παιδευθεῖσα πρὸς κόσμον ἐπτοῆσθαι γυναικεῖον, ἐπειδὴν ἐξέλθη τὴν πατρῶαν οἰκίαν, δυσχερὴς ἔσται καὶ χαλεπὴ τῷ νυμφίῳ καὶ τῶν τοὺς φόρους ἀπαιτούντων φορτικωτέρα. Εἶπον καὶ ἤδη πρὸς ὑμᾶς ὅτι ἐκεῖθεν ἡ κακία δυσανάσπαστος γίνεται, ὅτι οὐδεὶς τῶν παίδων προνοεῖ, ὅτι οὐδεὶς περὶ παρθενίας αὐτοῖς διαλέγεται, οὐδεὶς περὶ σωφροσύνης, οὐδεὶς περὶ ὑπεροψίας χρημάτων καὶ δόξης,

o vigor da sua natureza.<sup>264</sup> Inculcando-lhe desde o princípio um amor excessivo pelas riquezas e induzindo-o a perder-se em coisas vãs, porque lhe armas uma cilada ainda maior? Porque fazes com que se perca nas coisas do corpo? Diz o apóstolo: «Se um homem deixa crescer o cabelo, é para ele uma desonra».<sup>265</sup> Não o quer a natureza; Deus não o permitiu; é coisa proibida; é obra de superstição dos gregos.<sup>266</sup> Muitos também penduram brincos de ouro nas orelhas. Tomara que nem as raparigas se regozijassem com tais coisas; mas vós infligis este ultraje também nos rapazes!

17. Talvez muitos se riam perante isto que acabei de dizer, como se fossem coisas insignificantes. Mas não são insignificantes; pelo contrário são muito importantes. Uma rapariga que foi educada no quarto materno a ficar excitada perante ornamentos femininos, quando deixar a casa paterna, será difícil de controlar, difícil para com o marido, e mais molesta do que os cobradores de impostos. Já vos disse<sup>267</sup> que daí nasce um mal dificilmente curável: que ninguém vele pelas crianças, que ninguém tenha com elas um discurso articulado acerca da virgindade, acerca da moderação, acerca do

<sup>264</sup> Cf. *In Matth.*, hom. XXXVII, al. XXXVIII,6.

<sup>265</sup> Cf. 1 Cor 11,14.

<sup>266</sup> Com o termo “ἑλληνικός” designa-se não somente o que é relativo à cultura grega, mas também a tudo aquilo que é pagão.

<sup>267</sup> Com esta expressão o autor poderia referir-se a quanto já dito anteriormente, por exemplo a transição entre as duas partes do tratado no final do §15, ou a outra obra. No segundo caso, tese defendida por Haidacher, seria uma prova da autenticidade da obra e um indício para a sua datação. Cf A. Malingrey, «Introduction», in Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Gloire...*, 17.

οὐδεις ταῦτα τὰ ἐν ταῖς γραφαῖς παρηγγελμένα.

18. Ὅταν τοίνυν ἐκ πρώτης ἡλικίας διδασκάλων ἀπορήσωσιν οἱ παῖδες, τί ἔσονται; Εἰ γὰρ ἐκ κοιλίας τρεφόμενοι τινες καὶ ἕως γήρωσ παιδευόμενοι οὐπω κατορθοῦσιν, οἱ ἐκ προοιμίων τῆς ζωῆς αὐτῶν τούτοις συνεπιζόμενοι τοῖς ἀκούσμασιν τί οὐκ ἂν ἐργάσωνται δεινόν; Νῦν δὲ ὅπως μὲν τέχνας καὶ γράμματα καὶ λόγους τοὺς αὐτῶν παῖδας παιδεύσειεν, ἅπασαν ἕκαστος ποιεῖται σπουδῆν, ὅπως δὲ τὴν ψυχὴν ἀσκηθεῖη, τούτου οὐκέτι οὐδεις λόγον ἔχει τινά.

19. Οὐ παύομαι παρακαλῶν ὑμᾶς καὶ δεόμενος καὶ ἀντιβολῶν, ὥστε πρὸ τῶν ἄλλων ἀπάντων τέως ὑμῶν ῥυθμίζειν τοὺς παῖδας. Εἰ γὰρ φεῖδη τοῦ παιδός, δεῖξον ἀπὸ τούτου· ἄλλως δὲ καὶ μισθὸν ἔχεις. Ἄκουε γὰρ τοῦ Παύλου λέγοντος· «... ἐὰν ἐπιμείνωσι τῇ πίστει καὶ τῇ ἀγάπῃ καὶ τῷ ἁγιασμῷ μετὰ σωφροσύνης.» Καὶ εἰ σὺ μυρία σαρτῶ σῦνοιδας κακά, ἀλλ' ὅμως ἐπινόησον παραμυθίαν τινὰ τοῖς σοῖς κακοῖς. Θρέψον ἀθλητὴν τῷ Χριστῷ. Οὐ τοῦτο λέγω ὅτι γάμου ἀπάγαγε καὶ εἰς τὰς ἐρημίας

desprezo pelas riquezas e pela glória, acerca de tudo aquilo que é exortado nas Escrituras.<sup>268</sup>

18. O que será das crianças que são privadas de um mestre, desde a primeira idade? Se, de facto, alguns homens, criados desde o ventre de sua mãe, e educados até à velhice, ainda não vivem de forma correta, que coisas terríveis não farão aquelas crianças que estão acostumadas, desde o começo de suas vidas, a palavras vãs? Hoje em dia, coloca-se o maior dos esforços em educar os filhos nas artes, nas letras e na eloquência; pelo exercitar da alma, porém, já ninguém tem qualquer estima.<sup>269</sup>

### O objetivo da educação

19. Não deixo de vos exortar, de vos rogar e de vos suplicar, para que, antes de qualquer outra coisa, disciplineis as vossas crianças. Se tu te preocupas com a tua criança, mostra-o desta forma; além disso, tens uma recompensa. Escuta, pois, Paulo quando este diz: «... se perseverarem na fé, no amor e na santidade, com moderação» (Cf. 1 Tm 2,15). E, se tens consciência de ter em ti inúmeros males, concebe, ainda assim, uma compensação para os

<sup>268</sup> João Crisóstomo costuma ser muito severo sobre o descuidar dos pais em relação aos filhos. Cf. *Adv. Oppugn. Vita. Mon.*, III, 3 e 4 onde afirma que os pais que negligenciam os filhos são piores que os assassinos. Também cf. *In illud: vidua elig.*, 7 e 10, 16 no qual afirma que não basta engendrar para ser pai ou mãe.

<sup>269</sup> A parte final do §17 e do §18 nos oferecem uma escada de prioridades segundo o Crisóstomo: o valor da virgindade, da moderação, o desprezo das riquezas e da glória devem ser inculcados com mais preocupação do que o ensino das artes, das letras e da eloquência. Cf. *In epist. Ad Ephes.*, hom. XXI, 2 e *Adv. Oppugn. Vita. Mon.*, III, 5 e 11.

ἀπόστειλον καὶ τὸν τῶν μοναχῶν  
 παρασκεύασον ἐλέσθαι βίον· οὐ τοῦτο λέγω.  
 Βούλομαι μὲν τοῦτο καὶ πάντα ηὐχόμεν  
 καταδέξασθαι, ἀλλ' ἐπειδὴ φορτικὸν εἶναι  
 δοκεῖ, οὐκ ἀναγκάζω. Θρέψον ἀθλητὴν τῷ  
 Χριστῷ καὶ ἐν κόσμῳ ὄντα δίδασκον εὐλαβῆ  
 ἐκ πρώτης ἡλικίας.

20. Ἄν εἰς ἀπαλὴν οὖσαν ἔτι τὴν ψυχὴν  
 ἐντυπωθῆ τὰ καλὰ διδάγματα, οὐδεὶς αὐτὰ  
 ἐξελεῖν δυνήσεται, ὅταν σκληρὰ γένηται ὡς  
 τύπος, ὥσπερ καὶ κηρός. Ἔχεις αὐτὸν ἔτι  
 τρέμοντα καὶ φοβούμενον καὶ δεδοικότα καὶ  
 ὄψιν καὶ ῥῆμα καὶ πᾶν ὀτιοῦν· κέχρησο τῇ  
 ἀρχῇ εἰς δέον. Σὺ πρῶτος ἀπολαύεις τῶν  
 ἀγαθῶν, ἐὰν υἱὸν ἔχης καλὸν καὶ τότε ὁ  
 Θεός· σαυτῷ κάμνεις.

teus males.<sup>270</sup> Cria um atleta para Cristo.<sup>271</sup> Não  
 quero com isto dizer que o afastes do  
 matrimônio, o encaminhes para o deserto e o  
 prepares para escolher a vida dos monges. Não é  
 isso que quero dizer.<sup>272</sup> Naturalmente que o  
 desejo e costumava rezar para que todos  
 assumissem esta vida; mas, visto que parece ser  
 um peso, não o quero forçar. Cria um atleta para  
 Cristo e, enquanto está no mundo, ensina-o a ser  
 piedoso desde a primeira idade.

### A alma da criança é como a cera

20. Se bons ensinamentos são impressos  
 na alma que ainda é tenra, ninguém será capaz de  
 os remover, quando estes se tiverem tornado  
 sólidos como uma marca, como sucede com a  
 cera.<sup>273</sup> Tens na criança ainda um ser  
 atemorizado, receoso, com medo de olhar, de  
 falar e de tudo o resto; aproveita o começo da sua  
 vida para o que for preciso. Se tiveres um bom  
 filho, és o primeiro a beneficiar, e depois Deus.  
 Trabalhas para ti mesmo.

<sup>270</sup> O autor procura, de todas as formas, convencer os pais da necessidade de educar constantemente os filhos; além disso ser vantajoso para os filhos, é vantajoso para com a salvação eterna dos pais, Cf. § 20. O Crisóstomo relaciona a salvação dos pais com a conduta dos filhos comentando o fim desgraçado do sacerdote Eli, em *Adv. Oppugn. Vita. Mon.*, III, 3.

<sup>271</sup> Esta imagem foi inspirada em 1 Cor 9, 24-27. Cf. *In epist. I ad Tim*, hom. IX, 2.

<sup>272</sup> No Crisóstomo descobrimos uma evolução de pensamento em relação à formação cristã dos meninos. Em *Adv. Oppugn. Vita. Mon.* o pastor de Antioquia defende a tese extremista pela qual os filhos teriam de receber a sua formação moral-cristã na experiência monástica, daí a necessidade de convidar os pais à espera paciente pelo regresso dos filhos (Cf. *Adv. Oppugn. Vita. Mon.*, III), ao contrário aqui, assume-se uma atitude mais moderada: a família é a igreja doméstica que deve assumir a educação cristã. Esta constatação nos leva a concluir que o presente texto não pode ter sido redigido logo a seguir da sua saída da experiência monástica, 378 d. C., mas posteriormente, quando a ação pastoral o tornou mais realista. Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 114-115.

<sup>273</sup> A comparação da alma com a cera é bastante conhecida no mundo antigo. Cf. Platão, *Theaet.* 91c; Aristóteles, *De anim.* III, 424a. O Pseudo-Plutarco compara a alma do menino com a cera mole. Cf. De *Liberis Educandis*, cap. 3E. Também entre os Padres da Igreja ela é conhecida. Cf. Basílio, *Reg. Fus. Tract.*, *Interr.* XV, 4. O próprio Crisóstomo usa-a em outras circunstâncias. Cf. *In epist. II ad Thess.*, hom. II, 4 e *In Io.*, hom. III, al. II, 1.

21. Λέγονται οἱ μαργαρίται, ὅταν εὐθέως ληφθῶσιν, ὕδωρ εἶναι. Ἄν μὲν οὖν ἔμπειρος ἢ ὁ δεχόμενος, ἐπὶ τῆς χειρὸς θεῖς τὴν σταγόνα ἐκείνην καὶ τὴν χεῖρα διακινήσας δεχόμενος ὑπὲρ τῆ χειρὶ ἐπὶ τοῦ θέναντος καὶ περιστρέφων εἰς ἀκρίβειαν ἀποτορνεύει καὶ ποιεῖ σφόδρα στρογγύλον. Ἐπειδὴν δὲ τύχη τυπωθῆναι, οὐκέτι κύριός ἐστι διατυπῶσαι. Τὸ μὲν γὰρ ἀπαλὸν πρὸς πᾶν ἐπιτήδειόν ἐστι τὴν ἕξιν τὴν οικείαν οὐδέπω πεπηγυῖαν ἔχον· διόπερ εὐκόλως πρὸς πάντα ἔλκεται· τὸ δὲ σκληρὸν ὥσπερ ἀπολαβόν τινα διάθεσιν τὴν σκληρότητα οὐκ εὐκόλως αὐτῆς ἐξίσταται, οὐδὲ πρὸς ἑτέραν μετοικίζεται διάθεσιν.

22. Ἐκαστος τοίνυν ὑμῶν τῶν πατέρων καὶ τῶν μητέρων, καθάπερ τοὺς ζωγράφους ὀρῶμεν τὰς εἰκόνας καὶ τὰ ἀγάλματα μετὰ πολλῆς τῆς ἀκριβείας ἐξασκοῦντας, οὕτω τῶν θαυμαστῶν τούτων ἀγαλμάτων ἐπιμελώμεθα. Προθέντες γὰρ οἱ ζωγράφοι τὸν πίνακα καθ' ἑκάστην ἡμέραν αὐτὸν ἐπιχρῖουσι πρὸς τὸ δέον. Οἱ δὲ λιθοξόοι τῶν λίθων καὶ αὐτοὶ τὸ αὐτὸ πράττουσιν, τὸ μὲν περιττὸν περιαιροῦντες, τὸ δὲ ἐνδέον προστιθέντες. Οὕτω δὴ καὶ ὑμεῖς καθάπερ ἀγαλμάτων τινῶν κατασκευασταί, πρὸς τοῦτο τὴν σχολὴν

### **A alma da criança é uma pérola**

21. Dizem que as pérolas, quando se acabam de colher, são água. Mas se aquele que as apanha for um perito, modela-as e torna-as perfeitamente redondas: colocando uma gota sobre a mão, move-a delicadamente mantendo a mão plana sobre a palma, e fazendo-a rodar com precisão. Uma vez modelada até à sua forma final, ninguém a consegue deformar. Efetivamente, aquilo que é tenro, ajusta-se a tudo, não tendo ainda uma condição sólida: por isso é facilmente atraído a tudo; mas, o que é sólido, ao assumir uma certa condição, não muda facilmente essa dureza; não muda de uma condição para outra.

### **A alma da criança é uma estátua**

22. Pois bem, dirijo-me a cada um de vós, pais e mães: assim como vemos pintores a retocar com muita precisão as pinturas e as estátuas, assim cuidai destas maravilhosas estátuas.<sup>274</sup> Os pintores, de facto, colocam-se cada dia frente ao quadro e pintam-no até cumprirem o seu propósito. Também os escultores de pedra o fazem, ao remover o supérfluo e ao acrescentar o que falta. Assim também vós, como os fabricantes de estátuas, dedicai a isso o vosso tempo, fabricando as maravilhosas estátuas para Deus, retirai o supérfluo e acrescentai o que falta; observai-as

<sup>274</sup> A comparação entre os pais enquanto educadores e os escultores que retocam as estatuas é cara ao Crisóstomo. Cf. *Adv. Opp. Vid. Mon.*, III, 12 e III, 7; *I illud: vidua elig.*, 9; *De Iazaro* V, 4; *In Matth.*, hom LIX, al LX, 7.

ἅπασαν ἔχετε τὰ θαυμαστὰ ἀγάλματα τῷ Θεῷ κατασκευάζοντες, καὶ τὸ μὲν περιττὸν ἐξαιρεῖτε, τὸ δὲ ἐνδέον προστίθετε· καὶ καθ’ ἐκάστην αὐτὰ περισκοπεῖτε τὴν ἡμέραν, ποῖον ἀπὸ φύσεως ἔχει πλεονέκτημα, ὥστε αὐτὸ αὔξειν, ποῖον ἀπὸ φύσεως ἐλάττωμα, ὥστε αὐτὸ περιαιρεῖν. Καὶ μετὰ πολλῆς τῆς ἀκριβείας πρῶτον μὲν αὐτῶν ἐξορίζετε τὸν τῆς ἀκολασίας λόγον· οὗτος γὰρ μάλιστα ὁ ἔρωσ ἐνοχλεῖ ταῖς τῶν νέων ψυχαῖς. Μᾶλλον δὲ πρὶν ἢ εἰς τὴν πείραν ταύτης ἐλθεῖν δίδαξον αὐτὸν νήφειν, ἐγρηγορέναι, εἰς προσευχὰς ἀγρυπνεῖν, πάντα καὶ λέγοντα καὶ ποιῶντα τὴν σφραγίδα ἐπιτίθεσθαι.

23. Νόμισον εἶναι βασιλεὺς πόλιν ἔχων ὑπήκοον τὴν τοῦ παιδὸς ψυχὴν· πόλις γὰρ ἐστὶν ὄντως ἡ ψυχὴ. Καὶ καθάπερ ἐν τῇ πόλει οἱ μὲν κλέπτουσιν, οἱ δὲ δικαιοπραγοῦσιν, οἱ δὲ ἐργάζονται, οἱ δὲ ἀπλῶς ὡς ἔτυχεν ἅπαντα πράττουσιν, οὕτω δὲ καὶ ἐν τῇ ψυχῇ διάνοια καὶ λογισμοί· οἱ μὲν στρατεύονται κατὰ τῶν ἀδικούντων, οἷόν εἰσιν ἐν πόλει οἱ

atentamente cada dia,<sup>275</sup> que temperamento positivo possuem, para o desenvolver, e que temperamento defetuoso para o eliminar. E, antes que tudo, seja rigorosamente banido o princípio da intemperança: este causa muitas inquietações à alma dos jovens. Aliás, antes que se aproxime dessa experiência, ensina-o a ser sóbrio, vigilante, a velar durante a noite em oração e a pôr, sobre tudo o que diz e faz, o sinal da cruz.<sup>276</sup>

### **A alma da criança é uma cidade**

23. Pensa que és como um rei que tem ao seu cuidado uma cidade: a cidade é, verdadeiramente, a alma. E, assim como numa cidade, uns roubam, outros procedem honestamente, outros trabalham continuamente e outros têm uma atividade irregular, assim também são as intenções e os raciocínios na alma:<sup>277</sup> uns fazem guerra contra aqueles que são

<sup>275</sup> O autor sublinha aqui uma atitude fundamental da educação: a observância atenta e quotidiana. A mesma ideia aparece em *Adv. Opp. Vid. Mon.*, III, 12. Os pais devem mostrar-se temperantes para arrancar dos filhos a intemperança.

<sup>276</sup> Literalmente o termo “σφραγίς” significa “selo ou sinal específico de reconhecimento”, que em âmbito cristão é, claramente, o sinal da cruz. Este conselho não pode ser reduzido ao simples sinal exterior, mas significa, profundamente, que o menino aprenda a pôr em tudo aquilo que faz e diz o espírito cristão de serviço e amor para com o próximo. Encontramos uma passagem muito próxima a esta, na qual o Crisóstomo corrige o hábito de colocar lama na frente das crianças como proteção contra o mau-olhado e a inveja, ao contrário aconselha que se proteja a criança com o sinal da cruz. Cf. *Hom. In. I Cor.* 12.7, PG 61.106.

<sup>277</sup> Os dois termos, “διάνοια” e “λογισμοί”, parecem ter, para o Crisóstomo, acentuação positiva e negativa respetivamente. De facto, surgem a seguir de dois binómios, um com carácter positivo e outro de carácter negativo: os que roubam e os honestos; os que trabalham e os que estão ocupados com tudo o que aconteceu. A.-M. Malingrey afirma que, no Crisóstomo, o termo “λογισμοί” è, frequentemente, fonte de fofocas e propósitos licenciosos. Cf. Jean Chrysostome, *Sur la Vaine Glorie...*, 110.

στρατιῶται· οἱ δὲ τοῦ παντὸς προνοοῦσιν, καὶ σώματος καὶ οἰκίας, οἷόν εἰσιν οἱ πολιτευόμενοι ἐν ταῖς πόλεσιν· οἱ δὲ ἐπιτάττουσιν, οἷόν εἰσιν οἱ ἄρχοντες· καὶ οἱ μὲν ἀσελγῆ διηγοῦνται, οἷόν εἰσιν οἱ ἀκόλαστοι· οἱ δὲ σεμνά, οἷόν εἰσιν οἱ σώφρονες· καὶ οἱ μὲν εἰσιν ἐκτεθλυσμένοι, οἷόν εἰσιν αἱ γυναῖκες παρ’ ἡμῖν· οἱ δὲ ἀνοητότερον διαλέγονται, οἷόν οἱ παῖδες· καὶ οἱ μὲν ὡς δοῦλοι ἐπιτάττουσιν, ὅπερ εἰσιν οἱ οἰκέται· οἱ δὲ εὐγενεῖς, ὅπερ εἰσιν οἱ ἐλεύθεροι.

24. Δεῖ τοίνυν νόμων ἡμῖν, ὥστε τοὺς μὲν πονηροὺς ἐξορίζειν, τοὺς δὲ ἀγαθοὺς ἐγκρίνειν καὶ μὴ ἔαν καταξανίστασθαι τῶν ἀγαθῶν τοὺς πονηροὺς. Καθάπερ γὰρ ἐν πόλει ἂν νόμους προς θῆ πολλὴν τοῖς κλέπταις τὴν ἄδειαν διδόντας, τὸ πᾶν ἀνέτρεψεν· κἂν οἱ στρατιῶται μὴ εἰς δέον κέχρηται τῷ θυμῷ, τὸ πᾶν ἐλυμήναντο· καὶ ἔαν τὴν οἰκείαν τάξιν ἕκαστος καταλιπὼν τὴν

injustos, assim como fazem numa cidade os soldados; outros proporcionam tudo, para o corpo e para a casa, assim como fazem os administradores nas cidades; outros dão ordens, como fazem os comandantes; outros descrevem coisas ordinárias, como fazem os devassos; outros coisas dignas, como fazem os prudentes; outros são frouxos,<sup>278</sup> como o são as mulheres entre nós; outros discutem nesciamente, como as crianças; outros, embora escravos, dão ordens, porque são escravos domésticos; outros são nobres, porque são homens livres.<sup>279</sup>

24. Precisamos, portanto, de leis para exilar os maus, aceitar os bons e não permitir que os maus se insurjam contra os bons. Numa cidade em que fossem estabelecidas leis que permitissem a impunidade aos ladrões, tudo seria assolado; e se os soldados, em caso de necessidade, não atacassem com ânimo, tudo estaria arruinado; e se cada um deixasse para trás os seus próprios negócios domésticos para ocupar o dos outros, destruiria a ordem<sup>280</sup> por

<sup>278</sup> O termo “ἐκθηλύων” significa literalmente “tornar-se débil, ser frouxo ou efeminado” de conotação decididamente negativa. Há que ter em conta que, na sociedade antiga, nos Padres e no Crisóstomo, à mulher atribuíam-se uma certa debilidade, quer física quer intelectual. Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 37-43.

<sup>279</sup> A escravidão era uma instituição muito comum na Antiguidade; de facto, mesmo homens livres de posses muito limitadas possuíam um escravo ou dois. Os servos domésticos (οἰκέτης) distinguiam-se dos escravos (δοῦλος) porque serviam na *domus* e eram considerados membros da família. Distinguiam-se pela função desempenhada: havia nutrizes (τροφεύς, Cf. § 37) que se ocupavam das crianças, com as quais desenvolviam fortes laços afetivos; havia o pedagogo (παιδαγωγός, Cf. §§ 16, 32, 37, 40, 56,59) encarregado da proteção e da educação escolástica da criança; e secretários pessoais (βοτάριος). Cf. Nathan S. Goeffrey, *The Family in Late Antiquity: The Rise of Christianity and the Endurance of Tradition*, (London: Routledge, 2000), 31-32. 168-184.

<sup>280</sup> O termo “εὐταξία” significa “bom ordem, disposição conveniente ou regular” aplicada quer ao nível da conduta humana ou, em âmbito patrístico, de uma instituição como a Igreja, quer ao nível da criação ou da ordem celeste. A harmonia desta ordem é posta em causa pela “πλεονεξία”, a ambição movida pela

έτέρου μεταδιώκη, τῇ πλεονεξία τὴν εὐταξίαν διέφθειρεν· οὕτω δὴ καὶ ἐνταῦθα.

25. Πόλις τοίνυν ἐστὶν ἡ τοῦ παιδὸς ψυχὴ, πόλις ἄρτι κτισθεῖσα καὶ κατασκευασθεῖσα, πόλις ξένους ἔχουσα πολίτας, οὐπω οὐδενὸς ἐμπείρους. Τοὺς δὲ τοιούτους μάλιστα εὐκόλον ῥυθμίζειν. Οἱ μὲν γὰρ κακῆ πολιτεία συντραφέντες, οἷοι πέρ εἰσιν οἱ γέροντες, δυσκόλως ἂν μεταθοῖντο, οὐ μὴν ἀδυνάτως· ἔνεστι γὰρ κάκείνους μεταστραφῆναι, ἐὰν θέλωσιν· οἱ δὲ παντὸς ἄπειροι εὐκόλως ἂν δέξοιντο τοὺς παρὰ σοῦ νόμους.

26. Τίθει τοίνυν νόμους τῇ πόλει ταύτῃ καὶ τοῖς ἐν τῇ πόλει πολιτευομένοις φοβεροὺς καὶ σφοδροὺς καὶ τῶν παραβαινομένων γενοῦ προστάτης· οὐδὲν γὰρ ὠφελεῖ τιθέναι νόμους, ἂν μὴ καὶ ἡ ἐκδίκησις ἔποιτο.

27. Τίθει τοίνυν νόμους καὶ πρόσεχε ἀκριβῶς· ὑπὲρ γὰρ τῆς οἰκουμένης ἡμῶν ἡ νομοθεσία καὶ πόλιν κτίζομεν σήμερον. Ἔστωσαν οὖν οἱ μὲν περίβολοι καὶ πύλαι <αἱ> τέσσαρες αἰσθήσεις· τὸ λοιπὸν ἅπαν

causa da ambição; o mesmo se passa com as crianças.

25. A alma da criança é, portanto, uma cidade; uma cidade recentemente fundada e estabelecida, uma cidade que tem cidadãos estrangeiros, ainda não peritos em nada.<sup>281</sup> É bastante fácil discipliná-los. Os que foram criados numa má constituição dificilmente mudariam, como os idosos, mas tal não é irrealizável: é possível que estas pessoas mudem, se o quiserem. Porém, os que são inexperientes em tudo, facilmente aceitariam as tuas leis.

#### As leis da cidade

26. Impõe, pois, a esta cidade e àqueles que, nela, são cidadãos livres, leis temíveis e veementes e torna-te o disciplinador dos transgressores: nenhum proveito há em impor leis, se não se seguir a punição.

27. Impõe, pois, leis e presta bem atenção: temos uma legislação para o mundo inteiro<sup>282</sup> e, hoje, fundamos uma cidade. Pois bem, consideramos as suas muralhas, e os portões, os nossos quatro sentidos: todo o

avidez e pela sede de ganhança e pela arrogância. Cf. G. W. H. Lampe, ed., *A Patristic Greek Lexicon...*, 577 e 1091.

<sup>281</sup> O facto de os cidadãos serem inexperientes é considerado uma vantagem porque podem ser facilmente formados. Podemos admitir uma relação entre esta inexperiência e a comparação entre a alma do menino e a cera mole do §20.

<sup>282</sup> O termo “οἰκουμένη” indica o mundo inteiro, como indica a nossa tradução, mas possui uma importante especificidade: de facto, pode indicar o mundo habitado em contraposição ao deserto ou diretamente o Imperio Romano, relacionando-se, assim, à ideia societária da cidade e da sua ordem. Cf. G. W. H. Lampe, ed., *A Patristic Greek Lexicon...*, 944.

σῶμα ὡσπερ τεῖχος ἔστω, πύλαι δὲ αὐτῶ οἱ ὀφθαλμοί, ἡ γλῶσσα, ἡ ἀκοή, ἡ ὄσφρησις, εἰ βούλει καὶ ἡ ἀφή· διὰ γὰρ τῶν πυλῶν τούτων καὶ εἰσίσιασι καὶ ἐξέρχονται οἱ τῆς πόλεως ταύτης πολῖται· τουτέστιν οἱ λογισμοὶ διὰ τῶν πυλῶν τούτων καὶ φθείρονται καὶ κατορθοῦνται.

28. Φέρε οὖν πρῶτον ἐπὶ τὴν πύλην ἔλθωμεν τὴν ἀπὸ τῆς γλώσσης, ἐπειδὴ ἡ μάλιστα χρηματίζουσα αὕτη ἐστίν, καὶ πρὸ τῶν ἄλλων ἀπάντων κατασκευάσωμεν αὐτῇ τέως θύρας καὶ μοχλοὺς μὴ ἀπὸ ξύλων μηδὲ ἀπὸ σιδήρου, ἀλλ' ἀπὸ χρυσοῦ. Χρυσῆ γὰρ ὄντως ἐστὶν ἡ πόλις ἡ οὕτω κατασκευαζομένη. Οὐ γὰρ ἄνθρωπός προς, ἀλλ' αὐτὸς ὁ τῶν ὄλων βασιλεὺς ταύτην μέλλει τὴν πόλιν οἰκεῖν, ἐὰν κατασκευασθῆ. Καὶ τοῦ λόγου προϊόντος ὄψεσθε, ὅπου καὶ τὰ βασίλεια αὐτῶ τάττομεν. Κατασκευάσωμεν οὖν αὐτῇ θύρας καὶ μοχλοὺς ἀπὸ χρυσοῦ, τὰ λόγια τοῦ Θεοῦ, καθὼς ὁ προφήτης φησὶν· «Τὰ λόγια τοῦ Θεοῦ ὑπὲρ μέλι καὶ κηρίον τῷ στόματί μου· ὑπὲρ χρυσίον καὶ λίθον τίμιον πολύν.» Διδάσκωμεν ταῦτα διὰ παντὸς ἐν τοῖς χεῖλεσι στρέφεσθαι, καὶ ἐν τοῖς περιπάτοις, μὴ ἀπλῶς μηδὲ παρέργως μηδὲ σπανιάκις, ἀλλὰ διηνεκῶς. Οὐ λεπίδας χρυσοῦ μόνον

restante corpo seja uma fortificação, e as portas sejam os olhos, a língua, o ouvido, o olfato, e se quiseres o tato. Através destes portões, entram e saem os cidadãos desta cidade, ou seja: os pensamentos que, através destas portas, levam à ruína ou à prosperidade.

### O portão da língua

28. Em primeiro lugar, aproximemo-nos do portão da língua, porque é ela a mais ativa. Antes de todos os outros portões, guarneçamo-lo com portas e trancas, não de madeira nem de ferro, mas de ouro. É verdadeiramente de ouro a cidade que se está a construir! Não é com certeza um homem, mas o próprio Rei do universo que irá habitar a cidade, se assim for construída.<sup>283</sup> Continuando a analogia, sabereis onde lhe colocaremos o palácio real. Fornecemo-la, portanto, de portas e trancas de ouro, as palavras de Deus, como afirma o profeta: “*Para a minha boca as palavras de Deus são melhor do que o mel e o favo (Cf. Slm 118,103), do que o ouro e a pedra muito valiosa*” (Cf. Slm 18,11). Ensinemos a criança a ter<sup>284</sup> sempre estas palavras nos lábios, mesmo quando deambula pela cidade, e não de forma simplista ou superficial, nem raramente, mas de forma constante.<sup>285</sup> Não basta pôr lamelas de ouro, mas fabricá-las sólidas e inteiramente em ouro, e ter

<sup>283</sup> O Crisóstomo retoma a ideia paulina de que a unidade da pessoa, incluindo os pensamentos, é o templo do Espírito Santo. Cf. 1 Cor 6,19.

<sup>284</sup> O termo “στρέφω” significa literalmente “fazer girar, repetir”, talvez o autor pense no Salmo 1,2: “murmura sua lei, dia e noite”.

<sup>285</sup> O pastor de Antioquia convida frequentemente os seus fiéis a terem maior contato com a Escritura que torna a casa uma Igreja doméstica. Cf. In Gen., hom. 6, 2, PG 62, 549.

ἐπικεῖσθαι δεῖ ταῖς θύραις, ἀλλ' ὅλας δι' ὅλου ἀπὸ χρυσοῦ κατεσκευάσθαι παχείας καὶ ναστάς, καὶ λίθους ἔχειν τιμίους ἀντὶ λίθων προσπεπηγότων ἔξωθεν. Μοχλὸς δὲ ἔστω τῶν θυρῶν τούτων ὁ τοῦ Κυρίου σταυρός, ὅλος δι' ὅλων ἀπὸ λίθων κατεσκευασμένος τιμίων καὶ διὰ μέσων βεβλημένος τῶν θυρῶν πλάγιος. Ὅταν δὲ τὰς θύρας οὕτω παχείας κατασκευάσωμεν καὶ χρυσαῖς καὶ τὸν μοχλὸν ἐπιθῶμεν, ἀξιούς καὶ τοὺς πολίτας κατασκευάσωμεν· ποίους δὴ τούτους; ῥήματα παιδεύοντες τὸ παιδίον φθέγγεσθαι σεμνὰ καὶ εὐσεβῆ. Καὶ ξενηλασίαν ποιῶμεν πολλήν, ὥστε μὴ μιγάδας τινὰς καὶ φθόρους ἀνθρώπους ἐπεισιέναι τοῖς πολίταις τούτοις· τοὺς ὑβριστικούς λόγους καὶ λοιδόρους, τοὺς ἀνοήτους, τοὺς αἰσχροὺς, τοὺς βιωτικούς, τοὺς κοσμικούς, πάντας ἐξελάσωμεν. Καὶ μηδεὶς διὰ τούτων βαδιζέτω τῶν πυλῶν, ἀλλ' ὁ βασιλεὺς μόνος. Καὶ αὐτῷ καὶ τοῖς αὐτοῦ πᾶσιν ἔστω ἀνεφγμένη αὕτη ἡ πύλη, ἵνα καὶ περὶ αὐτῆς λέγηται· «Αὕτη ἡ πύλη τοῦ Κυρίου, δίκαιοι εἰσελεύσονται ἐν αὐτῇ.» Καὶ κατὰ τὸν μακάριον Παῦλον· «Εἶ προς ἀγαθὸς λόγος πρὸς οἰκοδομὴν, ἵνα δῶ χάριν τοῖς ἀκούουσιν.» Εὐχαριστία ἔστωσαν οἱ λόγοι, ὕμνοι σεμνοί· περὶ Θεοῦ διαλεγέσθωσαν ἀεί, περὶ φιλοσοφίας τῆς ἄνω.

29. Πῶς οὖν ἔσται τοῦτο; καὶ πόθεν αὐτοὺς παιδεύσομεν; Ἄν σφοδροὶ κριταὶ τῶν

pedras preciosas embutidas, no lugar de simples pedra. A tranca destes portões seja a cruz de Cristo, inteiramente composta de pedras preciosas, que seja posta transversalmente no meio dos portões. Quando tivermos feito os portões desta forma, maciços e dourados, e posto a tranca, preparemos também os cidadãos dignos. Quem serão estes? Seremos nós, educando a criança a pronunciar palavras piedosas e santas. Expulsemos, pois, com frequência os estrangeiros, para que não entre nenhum homem corrompido e ordinário juntamente com estes cidadãos: os discursos arrogantes e insolentes, os insensatos, os vergonhosos, os terrenos, os mundanos, que os expulsemos todos. E que ninguém atravesse os portões, exceto o Rei. E que este portão esteja aberto para Ele e para os seus, a fim de que acerca deste se diga: “*Este é o portão do Senhor, os justos passarão por ele*” (Cf. Slm 117,20). E, segundo o bem-aventurado Paulo: “*palavras boas para a edificação, para que conceda a graça aos que as ouvem*” (Cf. Ef 4,29). As palavras, os hinos santos,<sup>286</sup> sejam de ação de graça: que falem sempre de Deus, da sabedoria do alto.

29. Como acontecerá isto? De que maneira os educaremos? Se formos zelosos

<sup>286</sup> A boca deve tornar-se instrumento para agradecer a Deus, especialmente através do canto, hinos e cânticos, e não instrumento de maledicência. Cf. *In Epist. ad Ephes.*, hom. XIV,3 PG 62, 103 e *In Psalmum* 41,2 PG 55, 156-157.

γινομένων ὄμεν· καὶ γὰρ τῷ παιδί πολλή ἡ εὐκολία. Πῶς; οὐχ ὑπὲρ χρημάτων μάχεται, οὐχ ὑπὲρ δόξης· ἔτι παιδίον ἐστίν· οὐχ ὑπὲρ γυναικός, οὐχ ὑπὲρ παίδων, οὐχ ὑπὲρ οἰκίας. Ὡστε ποίαν ἂν ἔχοι ὕβρεως καὶ βλασφημίας τὴν αἰτίαν; πρὸς ὁμήλικας ὁ ἀγὼν ἅπας αὐτῷ.

30. Θεὸς νόμον εὐθέως, μηδένα ὑβρίζειν, μηδένα βλασφημεῖν, μὴ ὁμνῶναι, ἄμαχον εἶναι. Καὶ ἴδης τὸν νόμον παραβαινόμενον, κόλασον, ποτὲ μὲν ὄψει σφοδρᾶ, ποτὲ δὲ λόγοις δακεῖν δυναμένοις, ποτὲ δὲ ὀνειδισμοῖς· ποτὲ δὲ κολάκευσον καὶ ἐπαγγέλλου. Πληγὰς δὲ μὴ συνεχῶς, μηδὲ ἐθίξης αὐτὸν οὕτω παιδεύεσθαι· ἂν γὰρ μάθη παιδεύεσθαι συνεχῶς, καὶ καταφρονεῖν μαθήσεται· μαθὼν δὲ καταφρονεῖν τὰ πάντα ἀνέτρεπεν. Ἀλλὰ φοβείσθω μὲν ἀεὶ πληγὰς, μὴ λαμβανέτω πρὸς· καὶ ἐπισειέσθω μὲν τὸ σκῦτος, μὴ καταφερέσθω πρὸς. Καὶ ἀπειλαὶ προχωρεῖτωσαν μὴ εἰς ἔργον· τοῦτο δὲ μὴ ἔστω δῆλον, ὅτι μέχρις ἀπειλῶν ἐστὶ τὰ ῥήματα· ἀπειλὴ γὰρ τότε καλόν, ὅταν πιστεύηται, ὅτι εἰς ἔργον ἔλθῃ· ἐπεὶ ἐὰν τὴν οἰκονομίαν ὁ ἡμαρτηκῶς μάθῃ, καταφρονήσει. Ἀλλὰ προσδοκάτω μὲν

críticos das nossas crianças: a sua índole é dócil. Como assim? Não luta pelas riquezas, pela glória, ainda é pequeno, não luta por uma mulher, nem pelos filhos, nem pela casa. Que razão poderia ter para a violência e para a calúnia?<sup>287</sup> Toda a sua luta é com os da mesma idade.

30. Estabelece imediatamente uma lei: nunca ultrajar ninguém, nem blasfemar, nem jurar, nem ser litigioso. E se vires que ele transgredir a lei, repreende-o, umas vezes com um olhar veemente, outras com palavras que podem ferir, ou com admoestações; outras vezes embrandece-o e faz-lhe promessas.<sup>288</sup> Que não se habitue a receber continuamente pancadas, para que não seja assim educado: se for educado continuamente com esta disciplina, aprenderá a desprezá-la; uma vez que aprendeu a desprezá-la, tudo está arruinado. Mas que tema sempre as pancadas, sem as receber; que se agite o chicote sem o deixar cair. As ameaças não se transformem em ação, mas que isso não se torne evidente, que as ameaças cheguem até às consequências. A ameaça, de facto, é um bem quando se crê que ela se poderá transformar numa ação, pois se o prevaricador perceber o

<sup>287</sup> João Crisóstomo alude acerca da liberdade dos meninos face à enveja, à vanglória e às paixões. Cf. *In Matth.*, hom. LXII, 4, PG 58, 601 e *In Matth.*, hom. LXVIII, 2, PG 58, 568-569.

<sup>288</sup> Esta passagem é muito interessante do ponto de vista pedagógico: depois de ter exortado os pais à vigilância, o Crisóstomo sugere diferentes formas de proceder à correção. Os pais devem assim corrigir pelo olhar, através das admoestações ou desafiando com promessas. A adversão do pastor de Antioquia pelo castigo corporal parece ser uma contra tendência em relação à sociedade do tempo (Cf. Marrou, *História da Educação...*, 248-250), mas encontramos outros paralelos em que defende a mesma ideia em relação aos mestres. Cf. *II Epist. Corinth*, hom. XXI, 3. João reconhece um papel educativo ao temor e ao medo pela possibilidade de subir um castigo e demonstra uma profunda agudez psicológica e pedagógica ao alertar para os excessos. Mais uma vez a moderação é ideia central no seu pensamento.

παιδεύεσθαι, μὴ παιδευέσθω προς, ἵνα μὴ σβεννήται ὁ φόβος, ἀλλ' ἵνα μένη καθάπερ πῦρ ἐνακμάζον καὶ πάσας πάντοθεν ἀνέλκον τὰς ἀκάνθας ἢ καθάπερ μάκελλα ὀξεῖα καὶ βαθεῖα εἰς αὐτὸ σκάπτουσα τὸ βάθος. Ὅταν μέντοι ἴδῃς ἀπὸ τοῦ φόβου κερδάναντα, ἄνες· δεῖ γάρ τινος φύσει τῆ ἡμετέρᾳ καὶ ἀνέσεως.

31. Δίδαξον αὐτὸν ἐπιεικῆ εἶναι καὶ φιλόανθρωπον. Κἂν ἀκόλουθον ἴδῃς ὑβρίζομενον, μὴ περιίδῃς, ἀλλὰ κόλασον τὸν ἐλεύθερον. Ὁ γὰρ εἰδὼς ὅτι οὐδὲ τὸν οἰκέτην ἐξέσται ὑβρίζειν τὸν ἑαυτοῦ, πολλῶ μᾶλλον τὸν ἐλεύθερον καὶ ὁμότιμον οὐ βλασφημήσει οὐδὲ λοιδορήσεται. Ἀπὸ κακίας τὸ στόμα ἀπόρραυον. Ἄν ἴδῃς διαβάλλοντά τινα, ἐπιστόμισον καὶ τὴν γλῶτταν κατὰ τῶν ἁμαρτημάτων τῶν αὐτοῦ μετάστησον.

32. Ταῦτα καὶ τῆ μητρὶ παραίνει διαλέγεσθαι τῷ παιδί καὶ τῷ παιδαγωγῷ καὶ τῷ ἀκολούθῳ, ὥστε πάντας ὁμοῦ φύλακας εἶναι καὶ παρατηρεῖν μηδένα προπηδᾶν τῶν λογισμῶν ἐκείνων τῶν πονηρῶν ἀπὸ τοῦ παιδίου καὶ τοῦ στόματος ἐκείνου καὶ τῶν θυρῶν τῶν χρυζῶν.

plano, logo o desprezará. Que espere ser castigado, sem sê-lo, para que o temor não arrefeça, mas que permaneça como um fogo em pleno vigor que arranca todos os espinhos ou como a enxada afiada e cumprida que escava até ao fundo. Quando vires que ele tirou proveito do temor, pára! A nossa natureza precisa de uma certa indulgência.

31. Ensina-lhe a ser manso e amável. E se vês que maltrata o escravo<sup>289</sup> que o acompanha, não deixes estar, mas castiga a criança, apesar ser cidadão livre.<sup>290</sup> De facto, ao considerar que não é permitido maltratar o próprio servo, sem dúvida não imprecará e não insultará o homem livre e da mesma condição. Impede a boca da criança de falar mal. Se vês que calunia alguém, manda-o calar e desvia o discurso para os seus próprios pecados.

32. Exorta a mãe, o pedagogo e o escravo que o acompanha, a discutir desta forma com a criança, para que todos juntos<sup>291</sup> sejam sentinelas, assegurando-se de que nenhum destes maus pensamentos escape do filho, quer da sua boca, quer das portas de ouro.

<sup>289</sup> O termo utilizado para designar o escravo é “ἀκόλουθοι”; pode-se tratar de um escravo, que acompanhava o pedagogo, cuja tarefa era a de levar o material necessário ao menino para estudar.

<sup>290</sup> Os Padres da Igreja, e com eles o Crisóstomo, não põem em causa as estruturas sociais e, portanto, também a escravidão. A sua origem, porém, não está em Deus, mas no pecado do homem (Cf. § 71), e reconhece-lhe a mesma dignidade em virtude da morte de Cristo. Possivelmente a expressão “ἐλεύθερος”, homem livre, é utilizada para tornar ainda mais vergonhosa a má ação do menino. Acerca da problemática da escravidão em João Crisóstomo: Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 185-188.

<sup>291</sup> O papel educativo não é tarefa estrita dos pais, mesmo permanecendo os primeiros responsáveis, mas alarga-se ao pedagogo e a outros escravos.

33. Καὶ πρὸς μοι νομίξης πολλοῦ τὸ πρᾶγμα δεῖσθαι καιροῦ. Ἄν παρὰ τὴν ἀρχὴν σφοδρῶς ἐπιθῆ καὶ ἀπειλήσης καὶ τοσοῦτους ἐπιστήσης φύλακας, δύο μῆνες ἀρκοῦσι, καὶ τὸ πᾶν κατῶρθωται καὶ τὸ πρᾶγμα εἰς φύσεως βεβαιότητα καθίσταται.

34. Αὕτη μὲν οὖν ἡ πύλη οὕτως ἀξία γένοιτ' ἂν τοῦ Κυρίου, ὅταν μήτε αἰσχρότης, μήτε εὐτραπεία, μήτε ἀνόητον, μήτε ἄλλο μηδὲν φθέγγηται, ἀλλὰ πάντα τὰ τῷ Δεσπότη πρέποντα. Εἰ γὰρ οἱ τὴν σωματικὴν στρατείαν παιδεύοντες τοὺς ἑαυτῶν παῖδας εὐθέως τοὺς στρατευομένους καὶ τοξεύειν διδάσκουσι καὶ χλανίδα ἀμφιέννυσθαι καὶ ἵππον ἀναβαίνειν καὶ οὐδὲν ἡ ἡλικία κώλυμα γίνεται, πολλῶ μᾶλλον τοὺς ἄνω στρατευομένους τὸν κόσμον ἅπαντα περιτίθεσθαι χρὴ τοῦτον τὸν βασιλικόν. Μανθανέτω τοίνυν τῷ Θεῷ ψάλλειν, ἵνα μὴ σχολάζῃ αἰσχροῖς ὤδαῖς καὶ διηγήμασιν ἀκαίροις.

35. Καὶ αὕτη μὲν ἡ πύλη οὕτως ἀσφαλιζέσθω καὶ οἱ πολῖται καταλεγέσθωσαν ἐκεῖνοι· τοὺς δὲ ἄλλους ἔνδον θανατῶμεν, καθάπερ αἱ μέλισσαι τοὺς

33. E não penses que é preciso muito tempo para estabelecer tal hábito. Se, desde o princípio,<sup>292</sup> o seguires de perto, se o admoestares e lhe colocares tais sentinelas, chegarão dois meses; tudo ficará, então, bem, e o hábito ficará estabelecido, de forma natural.

34. Certamente este portão se tornará digno do Senhor, se não for pronunciado nada de vulgar, nada de obsceno, nada de insensato, nem algo do género, mas tudo for conforme ao Senhor. De facto, se aqueles que educam fisicamente os seus filhos para a disciplina militar, os exercitam cedo para a arte militar, ensinam-lhe a disparar com o arco, a vestir a farda, a cavalgar o cavalo, sem que a idade seja um impedimento, muito mais necessário é assegurar que todos os que servem o exército celeste sigam toda a disciplina de um tal reino. Aprenda, pois, a fazer soar cânticos a Deus, para não gastar tempo em canções vergonhosas e em histórias inconvenientes.<sup>293</sup>

35. Que este portão seja assim fortalecido e que sejam desta natureza os cidadãos alistados; eliminemos, porém, todos os outros que estão dentro da cidade, do mesmo modo que as abelhas

<sup>292</sup> Em neta contraposição com a cultura grega, que não atribui grande valor à infância (Cf. Marrou, *História da Educação...*, 341-342), o Crisóstomo reconhece a sua importância à primeira fase da vida do menino pelo facto de o que for semeado na infância, crescerá até atingir a maturidade. Cf. *Comm. I Epist. ad Corinth.* Hom. 12,7 PG 61, 1060.

<sup>293</sup> O Crisóstomo em outros textos manifesta a mesma indignação por tal perda de tempo. Cf. *In epist. Ad Coloss.*, hom. IX, PG 62,362.

κηφῆνας, μὴ ἐῶντες ἔξω προχωρεῖν μηδὲ βομβεῖν.

36. Ἴωμεν δὴ καὶ ἐφ’ ἐτέραν πύλην· ποίαν δὴ ταύτην; τὴν ἐγγυὸς αὐτῆς κειμένην καὶ πολλὴν πρὸς αὐτὴν συγγένειαν ἔχουσαν, τὴν ἀκοὴν λέγω. Ἐκείνη μὲν γὰρ ἔσωθεν ἐξιόντας ἔχει τοὺς πολίτας, καὶ οὐδεὶς δι’ ἐκείνης εἰσέρχεται, αὕτη δὲ ἔξωθεν εισιόντας, καὶ οὐδεὶς δι’ αὐτῆς ἐξέρχεται. Πολλὴν τοίνυν ἔχει τὴν συγγένειαν αὕτη πρὸς ἐκείνην· ἂν γὰρ μηδένα τῶν φθόρων καὶ διεφθαρμένων συγχωρῆ τῶν οὐδῶν ἐπιβαίνειν τῶν αὐτῆς, οὐ πολλὴν παρέχει τῷ στόματι τὴν δυσκολίαν· ὁ γὰρ μὴ ἀκούων αἰσχροῦ μηδὲ πονηροῦ οὐδὲ φθέγγεται αἰσχροῦ· ὡς ἐὰν αὕτη ἀναπεπταμένη πᾶσιν ᾗ, ἐκείνη λυμανεῖται καὶ τοῖς ἔνδον πᾶσι ποιήσει θόρυβον. Καὶ τάχα περὶ ταύτης προτέρας ἐχρῆν ἅπαντα εἰπεῖν καὶ προτέραν ἀποφράξαι τὴν εἴσοδον.

37. Μηδὲν οὖν ἄτοπον ἀκουέτωσαν οἱ παῖδες μήτε παρὰ οἰκετῶν μήτε παρὰ παιδαγωγοῦ μήτε παρὰ τροφέων. Ἀλλὰ καθάπερ τὰ φυτὰ τότε μάλιστα πολλῆς χρείαν ἔχει τῆς ἐπιμελείας, ὅταν ἀπαλὰ ᾗ, οὕτω καὶ οἱ παῖδες· ὥστε τροφέων προνοῶμεν ἀγαθῶν, ἵνα αὐτοῖς ἐκ κρηπίδος

matam os zangões, não os deixando sair nem zunir.

### O portão do ouvido

36. Passamos agora ao outro portão: qual é este? Aquele que se encontra ao lado e que tem muita afinidade com a anterior: falo do ouvido. Aquele outro portão, o da língua, possui cidadãos que saem de dentro, e ninguém entra por ele; este outro portão, o do ouvido, é para os que entram de fora e ninguém sai através dele. Este segundo tem muita afinidade com a primeiro. De facto, se não se permitir que nenhum infecto ou corrupto se junte à entrada, não provoca grandes dificuldades à boca: aquele que não ouve coisas obscenas e vulgares também não pronuncia coisas obscenas.<sup>294</sup> Mas se este está aberto a todos, arruinará o outro portão e provocará confusão àqueles que estão dentro. E por isso teria sido necessário falar primeiro deste portão, e, assim, bloquear logo a entrada.

37. Portanto, que as crianças não escutem nada de indecoroso nem dos servos, nem do pedagogo, nem das amas.<sup>295</sup> Mas, assim como as plantas, quando são novas, têm necessidade de muito cuidado, assim também os filhos. Providenciemos, então, boas amas, para lançar uns bons fundamentos e, para que as crianças de

<sup>294</sup> A relação de dependência, óbvia, entre palavras ouvidas e palavras pronunciadas é constatada pelo Crisóstomo, por exemplo, em *In Illud: Propter fornic. Uxorem*, 1, PG 51, 209.

<sup>295</sup> No §20 já tínhamos visto duas figuras, o “δουλος” e o “οικεται”. Aqui além do “οικεται” encontramos a figura do “παιδαγωγῦ” e do “τροφέων”.

καλὸς θεμέλιος βάλληται καὶ μηδὲν ὄλως ἐξ ἀρχῆς παραδέχονται πονηρόν.

38. Μὴ τοίνυν, μηδὲ μύθους ἀκουέτωσαν ληρώδεις καὶ γραώδεις. «Ὁ δεῖνα, φησί, τὸν δεῖνα ἐφίλησεν.» «Ὁ τοῦ βασιλέως υἱὸς καὶ ἡ μικροτέρα θυγάτηρ τότε ἐποίησαν.» Μηδὲν τούτων ἀκουέτωσαν· ἀλλ’ ἀκουέτωσαν ἕτερα χωρὶς πάσης περιόδου μετὰ πολλῆς τῆς ἀπλότητος. Δυνατὸν γὰρ καὶ παρὰ παίδων καὶ παρὰ ἀκολούθων· μὴ πάντων· μηδὲ γὰρ πᾶσιν ἐξέστω τοῖς οἰκέταις ἀναμίγνυσθαι, ἀλλ’ ἔστωσαν φανεροί, ὥσπερ ἀγάλματι προσιόντες φανεροί, οἱ συναντιλαμβανόμενοι τῆς τέχνης ἡμῖν. Πῶς γὰρ οὐκ ἄτοπον, εἰ μὲν οἰκοδόμοι ἦμεν καὶ ἄρχοντι οἰκίαν ἐκτίζομεν, μὴ πάντας ἀπλῶς τοὺς οἰκέτας ἡμῖν εἶναι προσιέναι τῇ οἰκοδομίᾳ, νῦν δὲ τῷ βασιλεῖ τῷ ἐπουρανίῳ πόλιν κτίζοντες καὶ πολίτας πᾶσιν ἐπιτρέπειν τὸ ἔργον; Ἀλλ’ ὅσοι τῶν οἰκετῶν χρήσιμοι συναντιλαβέσθαι· εἰ δὲ μηδεὶς ἐστίν, ἐλεύθερον μισθῷ ζητήσον, ἄνδρα ἐνάρετον, κάκεῖνῳ μάλιστα τὸ πᾶν ἐπίτρεψον, ὥστε συναντιλαβέσθαι τοῦ ἔργου.

39. Μὴ τοίνυν ἀκουέτωσαν μύθους τοιούτους. Ἀλλ’ ὅταν τῶν πόνων ἀνιῆται τῶν ἀπὸ τῶν μαθημάτων – φιλεῖ γὰρ ἡ ψυχὴ τοῖς παλαιοῖς ἐνδιατρίβειν διηγήμασιν – , λέγε πρὸς αὐτόν, πάσης αὐτὸν παιδιᾶς ἀπάγων·

modo algum recebam, desde o princípio, coisas más.

38. Por isso, não escutem nenhum mito frívolo e de velhas.<sup>296</sup> «Aquele, diz, beijou aquele outro». «O filho do rei e a filha mais nova fizeram isso». Que não escutem nada disso, mas escutem outras narrativas sem palavreado, bastante mais simples. Isto é possível da parte dos servos e dos escravos; não de todos. Por isso, não seja permitido a todos os servos relacionar-se com as crianças, mas fiquem apenas aqueles que se distinguem, os que participam conosco nesta forma de arte, tal como se estivéssemos perante uma escultura. De facto, se fôssemos construtores e estivéssemos a edificar uma casa para um governante, permitiríamos que se aproximassem do edifício todos os servos? E agora, que estabelecemos uma cidade e cidadãos para o Rei celeste, haveríamos de confiar a obra a todo e qualquer um? Tomem parte na obra aqueles servos úteis; mas se não há, procura contratar um homem livre, um homem virtuoso, e entrega-lhe a tarefa especialmente a ele, de tal forma que colabore contigo na obra.

### **Caim e Abel**

39. Não escutem, pois, estes mitos. Mas, quando se sentir desanimado perante a fadiga dos estudos – o espírito ama entreter-se com as histórias dos antigos – fala com ele, desviando-o de coisas infantis: estás a criar um filósofo, um

<sup>296</sup> Esta advertência encontra na Sagrada Escritura a sua origem. Em 1Tim 4,7 lemos: “Rejeita, porém, as fábulas ímpias, coisas de pessoas caducas”.

φιλόσοφον γὰρ τρέφεις καὶ ἀθλητὴν καὶ πολίτην τῶν οὐρανῶν· λέγε τοίνυν πρὸς αὐτὸν καὶ διηγοῦ ὅτι «Ἦσαν παρὰ τὴν ἀρχὴν δύο τινὲς παῖδες πατρὸς ἑνός, ἀδελφοὶ δύο.» Εἶτα διαστήσας ἐπάγαγε· «Καὶ τῆς αὐτῆς ἐξελθόντες γαστρός. Καὶ ὁ μὲν ἦν πρεσβύτερος, ὁ δὲ νεώτερος. Καὶ ὁ μὲν ἦν γεωργός, ὁ πρεσβυτέρος, ὁ δὲ ποιμὴν, ὁ νεώτερος. Κάκεῖνος μὲν ἐξῆγε τὰ ποιμνία ἐπὶ νάπας καὶ λίμνας.» Καὶ καταγλύκαινε τὰ διηγήματα, ὥστε τινὰ εἶναι τῷ παιδί καὶ τερπνότητα καὶ μὴ ἀποκάμνειν αὐτῷ τὴν ψυχὴν. «Ὁ δὲ ἔσπειρεν καὶ ἐφύτευεν. Ἔδοξεν δὴ ποτε τούτοις τιμῆσαι τὸν Θεόν. Καὶ ὁ μὲν ποιμὴν τὰ πρωτεῖα τῶν ποιμνίων λαβὼν προσήνεγκε τῷ Θεῷ.» Οὐ πολλῷ μᾶλλον ἀντὶ τῶν χρυσομάλλων προβάτων καὶ τῆς τερατείας ἐκείνης ταῦτα διηγεῖσθαι καλόν; Εἶτα αὐτὸν καὶ διανάστησον – ἔχει γάρ τι καὶ ἡ διήγησις – μηδὲν ψευδὲς ἐπιφέρων, ἀλλὰ τὰ ἀπὸ τῆς Γραφῆς. «Ἐπειδὴ γὰρ προσήνεγκεν τῷ Θεῷ τὰ πρωτεῖα, εὐθέως κατηνέχθη πῦρ ἀπὸ τοῦ οὐρανοῦ καὶ πάντα ἀνήρπασεν εἰς τὸ ἄνω θυσιαστήριον. Ὁ μέντοι πρεσβύτερος οὐχ οὕτως ἐποίησεν, ἀλλ’ ἀπέρχεται καὶ ἀπὸ τῶν πόνων αὐτοῦ τὰ πρωτεῖα ἑαυτῷ ταμιευσάμενος προσήνεγκε τῷ Θεῷ τὰ δευτερεῖα. Καὶ οὐδὲ προσέσχεν αὐτοῖς ὁ Θεός, ἀλλ’ ἀπεστράφη καὶ ἀφῆκεν

atleta e um cidadão dos céus. Fala com ele, portanto, e conta-lhe: «*Era uma vez dois filhos de um só pai, dois irmãos.*» (Cf. Gn 4,1ss) Depois, fazendo uma pausa, continua: «*Eles saíram do mesmo ventre. Um era mais velho, o outro mais novo. O mais velho era agricultor, o mais novo era pastor. E este último levava o rebanho para os vales e para os lagos*». E vai tornando a história mais suave, de tal modo que seja aprazível para a criança, não lhe cansando o espírito.<sup>297</sup> «*Aquele semeava e plantava. Uma vez, consideraram honrar a Deus. O pastor tirou as primícias do rebanho e apresentou-as a Deus*». Não é melhor contar estas coisas em vez de falar sobre carneiros de véu de ouro ou outras charlatanices?<sup>298</sup> Mantém-no desperto – uma história tem as suas características próprias – não acrescentando nada de falso, mas o que vem da Escritura. «*Depois de ter apresentado a Deus as primícias, imediatamente desceu um fogo do céu e levou tudo para o altar do alto. Ora bem, o mais velho não fez assim; foi-se embora, e ofereceu a Deus as segundas colheitas, guardando para si as primícias do seu trabalho. E Deus não lhe fez caso, virou as costas e deixou-as ficar sobre a terra. Mas aquelas outras recebeu-as junto de si. E assim acontece aos que têm à sua guarda propriedades: o dono honra o que lhe traz ofertas e recebe-o em casa,*

<sup>297</sup> Se num primeiro momento o Crisóstomo aparece muito austero e rigoroso ao querer desviar os meninos “de toda a ninharia”, em seguida reconhece a necessidade de adaptar a narração às capacidades cognitivas do menino.

<sup>298</sup> O pastor de Antioquia afirma a superioridade dos relatos bíblicos, fonte de moralidade, dos poemas épicos. Neste caso, refere-se ao mito dos Argonautas e do Tosão de ouro. Outros Padres da Igreja têm atitudes mais abertas. Cf. Basílio de Cesareia, *Ad adolescentes de legendis libris gentilium*.

αὐτὰ μένειν ἐπὶ τῆς γῆς· ἐκεῖνα δὲ ἄνω ἐδέξατο πρὸς ἑαυτόν. Καθάπερ καὶ ἐπὶ τῶν ἐφεστῶτων τοῖς χωρίοις γίνεται, τὸν μὲν τιμᾶ τῶν προσφερόντων καὶ ἔνδον δέχεται ὁ δεσπότης, ἕτερον δὲ ἀφήσιν ἔξω ἐστάναι· οὕτω δὴ καὶ ἐνταῦθα γέγονεν. Τί δὴ οὖν μετὰ τοῦτο γίνεται; Ἐλπεῖτο ὁ πρεσβύτερος ἀδελφὸς ὡς ἀτιμασθεῖς καὶ παρευδοκιμηθεῖς, καὶ ἦν σκυθρωπός. Λέγει πρὸς αὐτὸν ὁ Θεός· ‘Διὰ τί λελύπησαι; Οὐκ ἤδεις ὅτι Θεῶ προσφέρεις; Διὰ τί με ὕβρισας; Τί ἔχων ἐγκαλεῖν; Τίνος ἔνεκεν τὰ δευτερεῖά μοι προσήνεγκας;’» Εἰ δὲ δοκεῖ καὶ ἀφελέστερον κεχρηῆσθαι τῇ γλώττῃ, ἔρεῖς ὅτι «Ἐκεῖνος οὐδὲν ἔχων εἰπεῖν ἠσύχασεν», μᾶλλον δὲ ἐσίγησεν. «Μετὰ ταῦτα ἰδὼν τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ τὸν μικρότερον λέγει πρὸς αὐτόν· ‘Ἐξέλθωμεν εἰς τὸ πεδῖον.’ Καὶ λαβὼν αὐτὸν δόλω ἀνεῖλεν ὁ μείζων ἐκεῖνος. Καὶ ἐνόμιζεν ὅτι λανθάνει τὸν Θεόν. Ἔρχεται πρὸς αὐτὸν ὁ Θεὸς καὶ λέγει αὐτῷ· ‘Ποῦ ἐστὶν ὁ ἀδελφός σου;’ Λέγει ἐκεῖνος· ‘Οὐκ οἶδα· μὴ φύλαξ εἰμί τοῦ ἀδελφοῦ μου;’ Λέγει πρὸς αὐτὸν ὁ Θεός· ‘Ἴδου τὸ αἷμα τοῦ ἀδελφοῦ σου ἐκ τῆς γῆς βοᾷ πρὸς με.’» Παρακαθεζέσθω δὲ καὶ ἡ μήτηρ πλαττομένης οὕτω τῆς ψυχῆς τοῦ παιδίου τοῖς τοιοῦτοις διηγήμασιν, ἵνα καὶ

*deixando ficar o outro de fora. É isto que sucede aqui. O que acontece depois disso? O irmão mais velho entristeceu-se por ter sido desonrado e superado em fama, e estava amuado. Diz-lhe Deus: “Porque tens andado entristecido? Não sabias que oferecias a Deus? Porque me ofendeste? Que tens para reclamar? Porque me ofereceste as segundas colheitas?”»<sup>299</sup> E se consideras oportuno utilizar uma linguagem mais simples, dirás: “Aquele, não tendo nada para dizer, ficou calado”, ou melhor, ficou em silêncio. «Depois disso, vendo o seu irmão mais novo, disse-lhe: “Saíamos para o campo”, e, apanhando-o à traição, o mais velho matou-o. Pensava que se podia esconder de Deus. Mas Deus aproxima-se dele e diz-lhe: “Onde está o teu irmão?” Diz aquele: “Não sei: Sou eu, por acaso, o guardião do meu irmão?” Diz-lhe Deus: “Eis que o sangue do teu irmão grita para mim desde a terra”». Que também a mãe se sente ao lado enquanto a alma da criança é deste modo formada com estas histórias, para que também ela colabore<sup>300</sup> e aprove o que é dito. «O que aconteceu depois disso? Deus recebeu aquele no céu e, tendo morrido, está lá em cima». Com estas histórias a criança também aprende a doutrina acerca da ressurreição.<sup>301</sup> De*

<sup>299</sup> No relato bíblico de Gn 4, 1-14 não encontramos nenhuma direta acusação de Deus a Caim por ter oferecido as segundas partes, mas esta pode-se deduzir indiretamente pelos versículos 3 e 4 em que de Abel é especificado a oferta das suas primícias sem dizer o mesmo de Caim.

<sup>300</sup> O papel da mãe na educação espiritual é particularmente desenvolvido no *De Anna*, PG 54, 631-376 e em *In illud: Vidua elig.*, PG 51, 321-338.

<sup>301</sup> A expressão “περὶ τῆς ἀναστάσεως λόγον” significa exatamente “acerca da doutrina da ressurreição”. Nos parece excessivo tirar, desta narração, a doutrina da ressurreição assim como a entendemos hoje, ressurreição de corpo e alma. Reconhecer que “a sua alma subiu ao céu” pode, quando muito, ensinar a doutrina da imortalidade da alma.

αὐτὴ συναντιλαμβάνηται καὶ ἐπαινῆ τὰ λεγόμενα. » Τί οὖν μετὰ τοῦτο γέγονεν; Ἐκεῖνον μὲν ὁ Θεὸς ἐδέξατο εἰς τὸν οὐρανὸν καὶ ἔστιν ἄνω τελευτήσας.» Καὶ γὰρ παραδέχεται τὸν περὶ τῆς ἀναστάσεως λόγον τὸ παιδίον τοῖς τοιοῦτοις διηγήμασιν. Εἰ γὰρ ἐν τοῖς μύθοις τοιαῦτα τερατεύονται, «ὅτι καὶ ἐποίησεν αὐτήν, φησὶν, ἡμίθεον», καὶ πιστεύει τὸ παιδίον, καὶ οὐκ οἶδεν μὲν ὅπερ ἐστὶν «ἡμίθεος», οἶδεν δὲ ὅτι μεῖζόν τί ἐστὶν ἢ κατὰ ἄνθρωπον, καὶ θαυμάζει εὐθέως ἀκούσας, πολλῶ μᾶλλον ὅταν περὶ ἀναστάσεως ἀκούῃ καὶ ὅτι εἰς τὸν οὐρανὸν ἀνήλθεν αὐτοῦ ἡ ψυχὴ. «Κάκεινον μὲν εὐθέως ἀνέλαβεν ἄνω· οὗτος προς, ὁ φονεύσας, διαπαντὸς ἔζη ἐπὶ πολλὰ ἔτη κακῶς πάσχων, φόβῳ καὶ τρόμῳ συζῶν, καὶ μυρία ἔπασχεν δεινὰ καὶ ἐκολάζετο καθ' ἐκάστην ἡμέραν.» Καὶ εἰπὲ τὴν τιμωρίαν σφοδρῶς, μὴ ἀπλῶς, ὅτι «ἤκουσε παρὰ τοῦ Θεοῦ ὅτι ἑστένων καὶ τρέμων ἔση ἐπὶ τῆς γῆς'.» Οὐ γὰρ οἶδεν τὸ παιδίον τί ποτε τοῦτό ἐστιν, ἀλλ' εἰπὲ ὅτι «καθάπερ σὺ τῷ διδασκάλῳ παρεστῶς καὶ ἀγωνιῶν, εἴ ποτε μέλλεις μαστίζεσθαι, τρέμεις καὶ δέδοικας, οὕτω δὴ κάκεινος διαπαντὸς ἔζη προσκεκροκῶς τῷ Θεῷ.»

facto, se nos mitos se contam tais maravilhas, como quando se diz «que a alma dele se tornou um semideus», e a criança acredita, e não sabe o que é um «semideus», mas sabe que é algo maior em relação ao homem e, escutando, fica logo fascinado, com maior razão o fará se ouvir falar da ressurreição e que a sua alma subiu para o céu. *«E logo recebeu aquele lá no alto. O outro, pelo contrário, o assassino, viveu durante muitos anos sofrendo na maior desgraça, vivendo com temor e tremor, padecendo infinitamente, sendo castigado todos os dias».* Fala-lhe veementemente, não brevemente, deste castigo que *«escutou da parte de Deus: “viverás gemendo e tremendo sobre a terra”».* Porque a criança não compreende o que é que isso quer dizer, diz-lhe: *«Assim como tu, quando estás diante do mestre, em pé e ansioso, sabes que estás prestes a ser fustigado, tremes e tens medo, assim vivia ele todo o tempo, depois de ter ofendido a Deus».*<sup>302</sup>

<sup>302</sup> Neste trecho podemos notar como o Crisóstomo aplica à educação dos meninos a pedagogia do temor do castigo divino a partir do texto de Gn 4, e como se preocupa com o ligar este temor com experiências quotidianas da criança. Deste modo, o conto torna-se parte da sua vida e não lhe gravará o espírito, como ele próprio aconselhava ao princípio deste parágrafo. O temor resulta ocupar um papel importante na pedagogia do Crisóstomo; reencontraremos este tema nos §30, 44, 52, 58, 83, 86, 87. A sua importância é relativa a outras formas educativas; Cf. §77.

40. Ἀρκεῖ μέχρι τούτων αὐτῷ· καὶ τοῦτο ἐν μιᾷ ἐσπέρᾳ εἰπέ δειπνῶν. Καὶ πάλιν ἢ μήτηρ τὰ αὐτὰ λεγέτω. Εἶτα ἐπειδὴν πολλάκις ἀκούσῃ, ἀπαίτησον καὶ αὐτόν· «Εἰπέ μοι τὸ διήγημα», ἵνα καὶ φιλοτιμηται. Καὶ ὅταν κατάσῃ τὸ διήγημα, τότε αὐτῷ καὶ τὸ κέρδος ἐρεῖς. Οἶδεν μὲν γὰρ ἢ ψυχὴ καθ' ἑαυτὴν δεχομένη τὸ διήγημα πρὸ τῆς σῆς ἐπεξεργασίας καρπούς ἐνεγκεῖν, πλὴν ἀλλὰ καὶ σὺ εἰπέ μετὰ ταῦτα· «Ὅρᾳς ὅσον κακὸν ἐστὶ γαστριμαργία; [ὄρᾳς] ὅσον κακὸν ἐστὶ φθονεῖν ἀδελφῷ; ὄρᾳς ὅσον ἐστὶ κακὸν νομίζειν κρύπτειν τὸν Θεόν; Ἐκεῖνος γὰρ πάντα βλέπει καὶ τὰ ἐν τῷ κρυπτῷ γινόμενα.» Ἄν τοῦτο μόνον τὸ δόγμα ἐγκατασπείρης τῷ παιδί, οὐ δεήσῃ τοῦ παιδαγωγοῦ, τοῦ φόβου τούτου τοῦ παρὰ τοῦ Θεοῦ παντὸς φόβου μᾶλλον ἐφεστῶτος τῷ παιδί καὶ κατασειόντος αὐτοῦ τὴν ψυχὴν.

41. Οὐ τοῦτο δὲ μόνον, ἀλλὰ καὶ ἐν ἐκκλησίᾳ χειραγωγῶν ἄγε· καὶ σπούδασον αὐτὸν ἄγειν, ὅταν μάλιστα αὕτη ἢ διήγησις ἀναγινώσκηται. Ὅψει γὰρ αὐτὸν γαννύμενον καὶ πηδῶντα καὶ χαίροντα, ὅτι ἅ πάντες ἀγνοοῦσιν οἶδεν αὐτός, καὶ προλαμβάνοντα καὶ ἐπιγινώσκοντα καὶ μεγάλα κερδαίνοντα. Καὶ λοιπὸν ἐναποτίθεται τῇ μνήμῃ τὸ πρᾶγμα.

42. Ἔστιν καὶ ἕτερα κερδᾶναι ἐκ τοῦ διηγήματος. Μαθέτω τοίνυν παρὰ σοῦ ὅτι οὐ

40. Basta contar-lhe a história até aqui. E conta-lhe uma noite ao jantar. E que a mãe conte novamente estas coisas. E assim, quando as tiver escutado muitas vezes, pede-lhe: «*conta-me essa história*», para que deseje imitar-te. E, quando tiver assimilado a história, neste momento lhe explicarás a sua utilidade. A alma, que recebeu em si a história antes da tua explicação, sabe que já está a usufruir dela. Ainda assim, diz-lhe em seguida: «*Vês quão má é a gula? Vês quão mau é invejar o irmão? Vês quão mau é pensar que se pode esconder algo a Deus? Ele tudo vê, também as coisas que acontecem em segredo*». Se somente este pensamento inculcares na criança, então não precisará do pedagogo, dado que este temor vindo de Deus, tomará conta da criança, e influenciará a sua alma.

41. Mas não basta isso! Vai, e condu-lo também pela mão na Igreja: procura levá-lo precisamente quando esta história é lida. Vê-lo-ás iluminar-se de alegria,<sup>303</sup> saltando e regozijando-se, porque ele próprio sabe o que todos ignoram, antecipando a história, reconhecendo e tirando grande proveito dela. E, então, o acontecimento é guardado na memória.

42. Há um outro proveito para tirar da história: que aprenda bem de ti que não é

<sup>303</sup> Entre os métodos pedagógicos, ao lado do medo, o Crisóstomo coloca o sentimento de alegria e de orgulho que o menino prova a saber antecipar a narração.

χρῆ ἀλγεῖν κακῶς πάσχοντα· ἐνταῦθα εὐθέως ἐκ προοιμίων ὁ Θεὸς δείκνυσιν ἐν αὐτῷ τῷ παιδί, εἶ γε τὸν εὐδόκιμον διὰ θανάτου ἔλαβεν ἄνω εἰς τὸν οὐρανόν.

43. Ὅταν τοῦτο παγῆ τὸ διήγημα ἐν τῇ διανοίᾳ τοῦ παιδός, ἐπάγαγε ἕτερον, οἷον ἐτέρων δύο ἀδελφῶν πάλιν, καὶ εἶπέ· «Ἦσαν ἕτεροι πάλιν δύο ἀδελφοί, πρεσβύτερος πάλιν καὶ νεώτερος. Καὶ ὁ μὲν θηρατικὸς ἦν, ὁ πρεσβύτερος, ὁ δὲ οἰκουρός, ὁ νεώτερος.» Ἔχει πρὸς τινὰ τοῦτο καὶ πλείονα τοῦ προτέρου ἡδονήν, ὅσῳ καὶ πολλήν τὴν περιπέτειαν καὶ μείζους ἦσαν τὴν ἡλικίαν. «Οὗτοι δὴ οἱ δύο ἀδελφοὶ ἦσαν καὶ δίδυμοι. Ἀλλ’ ἐπειδὴ ἐτέχθησαν, τὸν μὲν μικρότερον ἢ μήτηρ ἐφίλει, τὸν μείζονα δὲ ὁ πατήρ. Κάκεῖνος μὲν ἔξω τὰ πολλὰ διῆγεν ἐν τοῖς ἀγροῖς, οὗτος πρὸς, ὁ νεώτερος, ἐπὶ τῆς οἰκίας. Πρὸς ποτε, φησὶν, ὁ πατήρ αὐτοῦ γηράσας λέγει ἐκείνῳ ὃν ἐφίλει· “Ἐπειδὴ, τέκνον, ἐγήρασα, ἄπελθε καὶ ἐτοίμασόν μοι θήραν·” τουτέστιν συλλαβοῦ δορκάδα ἢ λαγῶν καὶ φέρε καὶ ἔψησον, ἵνα φαγὼν εὐλογήσω σε”. Τῷ δὲ μικροτέρῳ τοιοῦτον οὐκ εἶπεν οὐδέν. Ἀκούσασα ἡ μήτηρ τοῦ πατρὸς ταῦτα λέγοντος, καλέσασα τὸν νεώτερόν φησιν πρὸς αὐτόν· “Τέκνον, ἐπειδὴ

necessário perturbar-se quando se sofre. Aqui, desde o princípio, Deus o revela claramente naquele jovem, pois recebeu lá em cima no céu aquele que foi digno, através da morte.<sup>304</sup>

### Jacob e Esaú

43. Quando a história se tiver gravado no pensamento da criança, introduz outra, como aquela de outros dois irmãos, e diz: «*Era uma vez dois irmãos, mais uma vez um era mais velho, e outro mais novo. O mais velho dedicava-se à caça, o mais novo guardava a casa*» (Cf. Gn 25, 27). Esta história causa maior deleite que a primeira, pelas muitas peripécias<sup>305</sup> e pelos irmãos serem mais velhos. «*Eram dois irmãos gémeos. Mas, depois de ter nascido, a mãe preferia o mais novo, enquanto o pai o mais velho. Um passava muito tempo fora, nos campos, e o mais novo, em casa. Diz-se que, uma vez, o pai dele, já velho, disse àquele que amava (Cf. Gn 27,1s): “Meu filho, já que sou velho, vai e prepara-me uma peça de caça”, isto é, captura uma gazela ou uma lebre, trá-la e guisa-a, “para que, depois de comer, eu te abençoe”. Ao mais novo, porém, não disse nada disso. A mãe, tendo escutado o pai dizer estas coisas, chamou o mais novo e disse-lhe: “Filho, já que o teu pai mandou o teu irmão providenciar-lhe uma peça de caça, para que depois de a ter comido o*

<sup>304</sup> Da narração bíblica de Caim e Abel o Crisóstomo aproveita estes ensinamentos para o menino: a doutrina da ressurreição; a importância do temor de Deus; as consequências do pecado da gula e da inveja; a onisciência divina; ensina-lhe a não ter medo do sofrimento.

<sup>305</sup> O termo “περιπέτεια” indica uma repentina mudança da normal ordem, da condição ou da fortuna, ou evento inesperado, frequentemente devida à uma intervenção divina. Cf. « περιπέτεια » in Henry George Liddell, Robert Scott, *A Greek-English Lexicon...*, 1382.

ὁ πατήρ σου τῷ ἀδελφῷ σου ἐπέταξεν, κομίσει αὐτῷ θήραν, ἵνα φαγὼν εὐλογῆσῃ αὐτόν, ἄκουσόν μου· καὶ δὴ βιάδιζε ἐπὶ τὸ ποίμνιον καὶ λαβὼν ἐρίφους ἀπαλοὺς καὶ καλοὺς ἔνεγκε μοι καὶ ἐγὼ ποιήσω ὡς φιλεῖ ὁ πατήρ σου καὶ εἰσοίσεις αὐτῷ, ἵνα φαγὼν εὐλογῆσῃ σε. Ὁ δὲ πατήρ ἠμβλυώπει ἐκ τοῦ γήρωσ. Ἐπεὶ οὖν ἤνεγκεν ὁ νεώτερος τοὺς ἐρίφους, ἤψησεν ἡ μήτηρ καὶ βαλοῦσα εἰς πίνακα τὰ ἐδέσματα ἔδωκεν τῷ παιδί καὶ εἰσήνεγκεν. Περιέβαλε δὲ αὐτόν καὶ δέρματα αἰγῶν, ἵνα μὴ φωραθῆ, ἐπειδὴ οὗτος λειῖος ἦν, ὁ δὲ ἀδελφὸς αὐτοῦ δασύς, ἵνα δυνηθῆ λαθεῖν καὶ μὴ αἴσθηται ὁ πατήρ· καὶ οὕτως αὐτόν ἔπεμψεν. Ὁ δὲ πατήρ νομίσας ὅτι ἀληθῶς ὁ πρεσβύτερός ἐστιν, φαγὼν εὐλόγησεν αὐτόν. Εἶτα μετὰ τὸ πληρωθῆναι τὴν εὐλογίαν ἔρχεται ὁ πρεσβύτερος φέρων τὴν θήραν καὶ ἰδὼν τὸ γενόμενον ἀναβοήσας ἔκλαυσεν.»

44. Ὅρα πόσα ἀπὸ τούτου τίκτεται καλά· καὶ μὴ ἐπεξέλθῃς τῷ παντὶ διηγῆματι· ὄρα γὰρ πόσα ἀπὸ τούτου τίκτεται. Πρῶτον ἐν αἰδοῖ καὶ τιμῇ τοὺς πατέρας ἔχουσιν οἱ παῖδες ὀρῶντες οὕτως περιμάχητον οὖσαν τὴν τῶν πατέρων εὐλογίαν καὶ αἰρήσονται μυρίας λαβεῖν πληγὰς ἢ κατάρας ἀκοῦσαι παρὰ τῶν γονέων. Εἰ γὰρ μῦθος τινος οὕτως αὐτῶν κατέχει τὴν ψυχὴν ὥστε νομίζεσθαι

*abençoe, escuta-me! Vai ao rebanho, apanha uns cabritos tenros e bonitos, traz-mos, e eu os cozinharei como o teu pai gosta. Tu lhos levarás, então, para que depois de ter comido te abençoe.” Ora, o pai tinha a vista débil por causa da velhice. Portanto, quando o mais novo trouxe os cabritos, a mãe guisou-os e, colocada a comida numa bandeja, deu-a ao rapaz, e ele levou-a. Cobriu o filho com pele de cabrito, para não ser descoberto, dado que ele não era peludo, ao contrário do seu irmão, e para que assim pudesse passar despercebido e o pai não o reconhecesse. E assim o mandou. O pai, acreditando que ele era, de facto, o mais velho, comeu e abençoou-o. Mas assim que o pai completou a bênção, chega o irmão mais velho trazendo uma peça de caça e, vendo o que tinha acontecido, começou a chorar, bradando fortemente.»*

44. Olha quantas coisas boas assomam! Não contes ainda toda a história; olha quantas coisas já assomam nela. Primeiro, os filhos ficam com respeito e estima para com os pais, ao verem como é tão desejada a bênção dos pais;<sup>306</sup> preferirão, pois, apanhar inumeráveis golpes do que escutar maldições dos pais. Se, portanto, um qualquer mito<sup>307</sup> ocupa de tal modo a mente de uma criança a ponto de o considerar digno de fé,

<sup>306</sup> O termo em grego é “τοὺς πατέρας” e “τῶν πατέρων”. Portanto, pela história de Jacob e Esaú, o filho é ensinado a respeitar e a ambicionar a bênção do pai. Há uma ambiguidade em português para com o termo “pais” que pode, simultaneamente, indicar o pai e a mãe, ou indicar o plural de pai.

<sup>307</sup> Refere-se, ainda, ao mito do Tosão de ouro, citado no §39.

ἀξιόπιστος εἶναι, τὰ ὄντως ἀληθῆ πῶς οὐκ ἂν κατάσχη καὶ πολλοῦ φόβου ἐμπλήρη; Ὅτι χρῆ γαστρὸς καταφρονεῖν· δεῖ γὰρ κάκεῖνο λέγειν τὸ διήγημα ὅτι οὐδὲν ἀπὸ τοῦ πρωτότοκον εἶναι καὶ πρεσβύτερον ἐκέρδανεν· διὰ γὰρ τὴν τῆς γαστρὸς ἀκρασίαν προέδωκε τὸ προτέρημα τῆς πρωτοτοκίας.

45. Εἴτα ἐπειδὴν τοῦτο κατάσχη ἀκριβῶς, ἐν ἑτέρᾳ πάλιν ἐσπέρα ἐρεῖς πρὸς αὐτόν· «Εἰπέ μοι τὸ διήγημα τῶν ἀδελφῶν ἐκείνων τῶν δύο.» Κἂν ἄρξῃται λέγειν τὸ τοῦ Κάιν καὶ Ἄβελ, ἄπαγε αὐτόν καὶ εἰπέ· «Οὐ τοῦτο ζητῶ, ἀλλ’ ἐκεῖνο τῶν ἄλλων δύο, ἔνθα εὐλόγησεν ὁ πατήρ.» Καὶ τὰ τεκμήρια λέγε· μηδέπω γὰρ τίθει τὰ ὀνόματα. Ἐπειδὴν δὲ διηγήσῃται τὸ πᾶν, προσύφαινε τὰ ἐξῆς καὶ λέγε·

46. «Ἄκουσον οὖν τί μετὰ ταῦτα ἐγένετο. Ἐζήτει πάλιν οὗτος ἀποκτεῖναι τὸν ἀδελφόν, ὡς ἐκεῖνος ὁ πρότερος, καὶ περιέμενε τοῦ πατρὸς τὴν τελευτήν. Ἀκούσασα ἡ μήτηρ καὶ φοβηθεῖσα ἐφυγάδευσε τὸ παιδίον.» Εἴτα ἡ πολλὴ φιλοσοφία τοῦ παιδίου τὴν διάνοιαν ὑπερβαίνουσα, δυναμένη μέντοι μετὰ συγκαταβάσεως καὶ εἰς τὸ τῆς παιδικῆς

como não poderá ocupá-la e enchê-la de muito temor aquilo que é realmente verdadeiro? É preciso desprezar o ventre! Efetivamente, é preciso que esta história ensine que ninguém tira vantagem do ser o primogênito e o mais velho: por causa de não saber moderar o ventre perdeu o privilégio da primogenitura.

45. Portanto, quando tiver retido perfeitamente a história, noutra tarde, pedir-lhe-ás de novo: «*Conta-me a história daqueles dois irmãos*». E se ele começar a contar aquela de Caim e Abel, interrompe-o e diz-lhe: «*Não quero esta, mas aquela dos outros dois, aquela em que o pai deu a sua bênção*». Dá-lhe indícios, sem ainda lhe dar os nomes.<sup>308</sup> Quando tiver narrado tudo detalhadamente, acrescenta o seguinte e diz:

46. «*Escuta o que ocorreu depois disto. De novo este procurava matar o irmão, como o anterior, e esperava a morte do pai. Mas a mãe, tendo-o escutado, tomada pelo medo, mandou o filho fugir*». Portanto, posto que o sentido último pode superar a capacidade de entendimento da criança, este pode, ainda assim, ser inculcado e simplificado<sup>309</sup> no pensamento maleável da criança, se manipularmos a narrativa. Assim,

<sup>308</sup> É necessário reavivar constantemente a atenção e a memória do menino durante a narração tornando-o parte ativa desta última. O Crisóstomo propõe que seja o menino o narrador e que isso se torne quase um jogo ao sugerir indícios.

<sup>309</sup> O termo utilizado é “συγκατάβασις”, literalmente traduzido por “condescendência”. Este termo, consagrado por João Crisóstomo, foi assumido por toda a teologia para indicar o movimento de adaptação de Deus para com a humanidade, movimento que se concretizará no Mistério da Encarnação.

διανοίας ἀπαλὸν καταφυτευθῆναι, ἂν μεταχειρισώμεθα τὴν διήγησιν. Οὕτω δὴ οὖν ἐροῦμεν πρὸς αὐτόν· «Οὗτος ὁ ἀδελφὸς ἀπήρχετο καὶ ἦλθεν ἐπὶ τινα τόπον οὐδένα ἔχων μεθ' ἑαυτοῦ, οὐ δοῦλον, οὐ τροφέα, οὐ παιδαγωγόν, οὐκ ἄλλον οὐδένα. Ἐλθὼν ἐπὶ τινα τόπον ἠῤῥατο καὶ εἶπεν· 'Κύριε, δός μοι ἄρτον καὶ ἱμάτιον καὶ διάσωσόν με.' Εἶτα καὶ ταῦτα εἰπὼν ἀπὸ τῆς λύπης ἐκοιμήθη. Καὶ εἶδεν ἐν ὕπνοις κλίμακα ἀπὸ γῆς ἕως τοῦ οὐρανοῦ καὶ τοὺς ἀγγέλους τοῦ Θεοῦ ἀναβαίνοντας καὶ καταβαίνοντας καὶ αὐτὸν τὸν Θεὸν ἄνω ἐστῶτα ἐπὶ κεφαλῆς καὶ εἶπεν· 'Εὐλόγησόν με.' Καὶ εὐλόγησε καὶ ἐκάλεσεν αὐτὸν Ἰσραήλ.»

47. Εὐκαίρως δὲ ἀνεμνήσθην πρὸς με νῦν ὑπῆλθεν ἀπὸ τοῦ ὀνόματος καὶ ἕτερόν τι νόημα. Ποῖον δὴ τοῦτο; εὐθέως αὐτοῖς ἀπὸ τῆς προσηγορίας παρέχωμεν ἀρετῆς ζῆλον. Μηδεὶς τοίνυν εἰς τὰ τῶν προγόνων σπευδέτω καλεῖν ὀνόματα τὰ παιδιά, τοῦ πατρὸς καὶ τῆς μητρὸς καὶ τοῦ πάππου καὶ τοῦ ἐπιπάππου, ἀλλ' εἰς τὰ τῶν δικαίων, τῶν μαρτύρων, τῶν ἐπισκόπων, τῶν ἀποστόλων. Ἔστω αὐτοῖς καὶ τοῦτο ζῆλος· ὁ μὲν Πέτρος καλεῖσθω, ὁ δὲ Ἰωάννης, ὁ δὲ ἐτέραν τινὰ προσηγορίαν ἐνὸς τῶν ἁγίων.

48. Καὶ πρὸς μοι τὰ ἔθνη τὰ ἑλληνικά. Οὐ μικρὰ γὰρ αἰσχύνη καὶ κατάγελως, ὅταν ἐν οἰκίᾳ χριστιανῶν ἔθνη τινὰ ἑλληνικά

portanto, lhe diremos: «Este irmão partiu e chegou a um sítio sem ter ninguém consigo, sem escravo, sem ama, sem pedagogo, nem mais ninguém. Ao chegar a este lugar, orou dizendo: 'Senhor, dá-me pão e roupa e salva-me.' Depois de ter dito isso, adormeceu de tristeza. E viu durante o sono uma escada desde a terra até ao céu e os anjos de Deus subindo e descendo, e o próprio Deus lá no alto, no topo, e disse: 'Abençoa-me.' E abençoou-o e chamou-o Israel».

47. Lembrei-me a propósito, e veio-me outra reflexão a partir deste nome.<sup>310</sup> Qual? Inspiremos nas crianças imediatamente o zelo da virtude a partir do nome que lhes foi dado. Que ninguém se apresse em chamar os filhos com os nomes dos antepassados, do pai ou da mãe, do avô ou do bisavô, mas com os dos justos, dos mártires, dos bispos, dos apóstolos. Que isso seja para eles um incentivo: que seja chamado Pedro, João, e o outro tenha um nome de um dos santos.

48. De modo nenhum sigam os costumes gregos. Não é pequena a vergonha e o escárnio quando em casa de cristãos se realizam algumas

<sup>310</sup> A questão do nome é insistentemente tratada pelo pastor de Antioquia. Cf. *De Anna*, sermo I, 6 PG 54, 642 e *In Gen. Hom.*, LI, 1 PG 5, 452; *In Gen.*, hom. XXI, 3 PG 53,179; *De mut. Nom.*, hom. IV, 3, PG 51, 148.

ἐπιτελῆται καὶ λύχνους ἀνάπτωσι καὶ ἀναμένωσιν ἐπιτηροῦντες τὸν σβεσθέντα πρῶτον καὶ καυθέντα, καὶ ἕτερα ἅτινα τοιαῦτα ἄπερ οὐ τὸν τυχόντα ὄλεθρον ἐπάγει τοῖς τοιαῦτα ποιούσιν. Μὴ γὰρ δὴ νομίσητε μικρὰ εἶναί τινα καὶ εὐτελεῖ τὰ γινόμενα.

49. Τοῦτο οὖν καὶ ὑμᾶς παρακαλῶ, ταῖς τῶν δικαίων προσηγορίαις ἐπονομάζετε τὰ ὑμέτερα παιδιά. Παρὰ μὲν γὰρ τὴν ἀρχὴν εἰκότως ταῦτα ἐγένετο καὶ ταῖς προσηγορίαις τῶν προγόνων τοὺς παῖδας ὠνόμαζον· παραμυθία γὰρ τοῦ θανάτου ἦν, ἵνα ὁ ἀπελθὼν δοκῆ ζῆν διὰ τῆς ἐπωνυμίας· νῦν δὲ μηκέτι. Ὁρῶμεν γοῦν τοὺς δικαίους οὐχ οὕτω καλοῦντας τοὺς ἑαυτῶν παῖδας· ὁ γὰρ Ἀβραὰμ τὸν Ἰσαὰκ ἐγέννησεν· ὁ Ἰακώβ, ὁ Μωϋσῆς οὐκ ἀπὸ προγόνων ἐκλήθησαν, οὐδέ τινα τῶν δικαίων εὐρήσομεν οὕτω καλούμενον. Πόσης τοῦτο ὑπόδειγμά ἐστιν ἀρετῆς καὶ παράκλησις καὶ ἡ προσηγορία; Ἐπεὶ οὐδὲ ἄλλην εὐρήσομεν τὴν αἰτίαν τῆς μετονομασίας ἢ ταύτην, τὸ ὑπόμνησιν εἶναι ἀρετῆς. «Σὺ γὰρ, φησὶν, κληθήσῃ Κηφᾶς, ὃ ἐρμηνεύεται Πέτρος.» Διὰ τί; Ἐπειδὴ ὠμολόγησας. «Καὶ σὺ κληθήσῃ Ἀβραάμ.» Διὰ τί; «Ἐπειδὴ ἔση πατὴρ ἐθνῶν.» Καὶ Ἰσραήλ, ἐπειδὴ εἶδεν τὸν Θεόν. Ἐντεῦθεν

práticas gregas, se acendem velas e ficam à espera para ver qual é a primeira a apagar-se e a se consumir,<sup>311</sup> e outras coisas do género, que, de facto, trazem desgraça àqueles que as fazem. Não estimeis que tais factos sejam coisa de pouca importância.

49. Portanto, exorto-vos a isso, a chamar os vossos filhos com os nomes dos justos. De facto, era natural que isso acontecesse antigamente, pois chamavam os filhos com os nomes dos antepassados: era um consolo perante a morte, pois aquele que tinha partido parecia viver através do nome. Mas agora já não. Certamente, vemos que os justos não chamam assim os seus próprios filhos: assim Abraão gerou Isaac;<sup>312</sup> Jacob ou Moisés, não foram chamados assim dos antepassados, e não encontraremos nenhum dos justos chamado desta forma. De quanto grande virtude é este sinal, este de nomear e de chamar alguém com um nome destes. Mas não encontraremos outra razão para mudar o nome a não ser esta: uma lembrança da virtude. «*Tu, disse, te chamarás Cefas, que significa Pedro*». (Cf. Jo 1,42; Mt 16, 18) Porquê? «Porque me confessaste». «*E tu serás chamado Abraão*». Porquê? «*Porque serás pai de povos*» (Cf. Gn 17, 4-5). E Israel, porque viu a Deus<sup>313</sup> (Cf. Gn 32,29). A partir destes

<sup>311</sup> Este costume pagão é-nos referido em *In Epist. I ad Cor.*, hom. XII, 7, PG 61, 105.

<sup>312</sup> A descontinuidade entre o “outrota”, Παρὰ μὲν γὰρ τὴν ἀρχὴν, e o “agora já não”, νῦν δὲ μηκέτι, encontra-se em Abraão, momento em que Deus inicia a história com um povo através da promessa da descendência e do dom da terra.

<sup>313</sup> Esta interpretação da mudança do nome de Jacó em Israel não parece respeitar o texto bíblico. Em Gn 32, 29 encontramos: “Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque foste forte contra Deus e contra

οὖν καὶ ἡμεῖς τῆς περὶ τοὺς παῖδας ἐπιμελείας ἀρξώμεθα καὶ ρυθμίζωμεν αὐτούς.

50. Ἄλλ' ὅπερ ἔφην, «Εἶδεν κλίμακα τεταμένην εἰς τὸν οὐρανὸν καὶ φθάνουσαν ἐκεῖ.» Ἐπεισερχέσθω τοίνυν τὸ ὄνομα τῶν ἁγίων εἰς τὰς οἰκίας διὰ τῆς προσηγορίας τῶν παίδων, ἵνα μὴ τὸν παῖδα ρυθμίζῃ μόνον, ἀλλὰ καὶ τὸν πατέρα, ὅταν ἐννοῇ ὅτι Ἰωάννου ἐστὶ πατήρ, ὅτι Ἡλίας, ὅτι Ἰακώβου. Ἄν γὰρ μετ' εὐλαβείας τιθῆται καὶ τῆς εἰς τοὺς ἀπελθόντας τιμῆς καὶ τὴν συγγένειαν ἀρπάζωμεν τῶν δικαίων μᾶλλον ἢ τῶν προγόνων, πολὺ καὶ τοῦτο ὠφελήσει καὶ ἡμᾶς καὶ τοὺς παῖδας. Μὴ γάρ, ἐπειδὴ μικρὸν ἐστὶ, νομίσης μικρὸν εἶναι· ὠφελείας γάρ ἐστὶν ὑπόθεσις.

51. Ἄλλ' ὅπερ ἔφην, ἐπανέλθωμεν πάλιν ἐπὶ τὴν ἀκολουθίαν. «Εἶδεν κλίμακα ἐστηριγμένην· ἐπεζήτησεν εὐλογηθῆναι· εὐλόγησεν αὐτὸν ὁ Θεός· ἀπῆλθε πρὸς τοὺς συγγενεῖς τοὺς αὐτοῦ· ἐποίμαινεν.» Τὰ περὶ τῆς νύμφης λοιπὸν διαλέγου καὶ τῆς ἐπανόδου καὶ πολλὰ κερδανεῖ κἀντεῦθεν. Ὅρα γὰρ πόσα μαθήσεται· εἰς Θεὸν ἐλπίζειν παιδευθήσεται, ἀπὸ εὐγενοῦς ὦν καταφρονεῖν μηδενός, μὴ ἐπαισχύνεσθαι τὴν

exemplos, portanto, também nós começaremos a cuidar dos filhos e a discipliná-los.

50. Mas como dizia: «*Viu uma escada que se estendia até ao céu e que chegava à terra*». Que o nome dos santos entre, portanto, em vossas casas através do nome dos vossos filhos, para que não se discipline somente a criança, mas também o pai, sempre que considere que é pai de João, de Elias, de Jacob. Se o nome for atribuído com devoção e com reverência para com aqueles que partiram e, se tomarmos a linhagem dos justos em vez da dos antepassados, isso ajudar-nos-á, a nós e aos filhos. Não penses, porque é pouca coisa, que isto é coisa insignificante, pois o seu propósito é ajudar-nos.

51. Mas, como dizia, retomemos a narrativas. «*Viu uma escada firme; pediu para ser abençoado; Deus abençoou-o; Voltou para os seus familiares; era pastor*» (Cf Gn 28-31). Fala-lhe sobre a sua esposa e do seu regresso, e disso a criança tirará proveito. Vê quanto aprenderá: será educado a esperar no Senhor; embora sendo de origem nobre, a não desprezar ninguém, a não ter vergonha da frugalidade; a

os homens, e tu prevaleceste". Na versão bíblica dos LXX encontramos: "Οὐ κληθήσεται ἔτι τὸ ὄνομά σου Ἰακωβ, ἀλλὰ Ἰσραὴλ ἔσται τὸ ὄνομά σου, ὅτι ἐνίσχυσας μετὰ θεοῦ καὶ μετὰ ἀνθρώπων δυνατός". O verbo ἰσχύω significa "ser forte, prevalecer". Atendendo ao hebraico, o nome Israel, *יִשְׂרָאֵל*, é composto pelos termos *יָרָא* (ser forte) + *אֱלֹהִים* (deus). Ao contrário, João Crisóstomo interpreta a partir da raiz do verbo: *κατα* (ver).

εὐτέλειαν, φέρειν συμφορὰς γενναίως, τᾶλλα δὴ πάντα.

52. Μετὰ δὴ ταῦτα λέγε αὐξηθέντι καὶ φοβερώτερα διηγήματα. Ἀπαλῆ μὲν γὰρ οὔση τῇ διανοίᾳ μὴ τοσοῦτον ἐπιτίθει βάρος, ἵνα μὴ καταπλήξῃς. Ὅταν δὲ ἐτῶν πεντεκαίδεκα ἢ καὶ πλειόνων γένηται, ἀκουέτω τὰ περὶ τῆς γεέννης· μᾶλλον προς, ὅταν <ἐ>τῶν δέκα καὶ ὀκτὼ καὶ ἐλαττόνων, ἀκουέτω τὰ περὶ τοῦ κατακλυσμοῦ, τὰ περὶ τῶν Σοδόμων, τὰ κατ' Αἴγυπτον, πάντα ὅσα κολάσεως γέμει, μετὰ πολλῆς τῆς πλατύτητος. Ἐπὶ πλεόν δὲ αὐξηθεὶς ἀκουέτω καὶ τὰ τῆς καινῆς, τὰ τῆς χάριτος, τὰ τῆς γεέννης. Τούτοις περίφραττε αὐτοῦ τὴν ἀκοὴν τοῖς διηγήμασι καὶ μυρίοις ἑτέροις καὶ οἴκοθεν παρεχόμενος τὰ παραδείγματα.

53. Εἰ προς προς νόθα τινὰ διηγείτο, μηδαμοῦ ἐῷμεν, ὅπερ ἔφην, τινὰ αὐτῷ προσελθεῖν. Ἄν ἴδῃς ἐνώπιον αὐτοῦ δοῦλον αἰσχρολογοῦντα, κόλασον εὐθέως καὶ γενοῦ σφοδρὸς καὶ πικρὸς ἐξεταστῆς τῶν ἡμαρτημένων. Ἄν ἴδῃς κόρη, μᾶλλον δὲ μηδὲ προσίτω κόρη μηδὲ ὑπεκκαιέσθω τὸ πῦρ, πλὴν εἴ που γραῦς καὶ οὐδὲν ἔχουσα

suportar nobremente as desgraças, e muitas outras coisas.<sup>314</sup>

52. Depois disto, quando ele já cresceu, conta-lhe histórias que lhe incutam mais temor. Não imponhas uma carga<sup>315</sup> demasiado pesada num espírito que ainda é tenro, para que não se atemorize. Quando tiver quinze anos ou mais, que ouça falar da Geena; mas, quando tiver dez anos, ou oito ou menos, que ouça falar de forma completa sobre o dilúvio, sobre Sodoma, sobre o Egito: coisas que estão cheias de exemplos de castigos divinos. Tendo ele crescido ainda mais, que ouça falar sobre as coisas do Novo Testamento, quer da graça, quer da Geena. Fortifica os seus ouvidos com estas histórias e com muitas outras, apresentando-lhe exemplos retirados da sua própria casa.<sup>316</sup>

53. Mas, se alguém contar coisas falsas, não permitamos de forma alguma, como já disse, que se aproxime dele. Se tu vires que um escravo, na sua presença, usa uma linguagem torpe, castiga-o imediatamente, e sê um veemente e duro examinador dos seus erros. Se vires uma rapariga – aliás, é melhor que nenhuma mulher se aproxime, para que o fogo

<sup>314</sup> Da história de Jacob e Esaú, o Crisóstomo trai os seguintes ensinamentos: o respeito pelo pai (§44); a alerta contra o pecado da gula (§44); a liberdade mede-se pela virtude e não pela condição social ao nascimento (§44); exorta os pais a bem escolher o nome das crianças (§47-50); ensina a esperar no Senhor suportando pacientemente as desgraças; a igual dignidade de todos os homens (§51); e a não ter vergonha da frugalidade (§51).

<sup>315</sup> O termo “βάρος” significa literalmente “peso”, mas pode indicar algo que oprime, uma sensação de opressão.

<sup>316</sup> Isto é, exemplos cristãos e não da mitologia pagã, nomeadamente a partir das Escrituras, quer do Antigo quer do Novo Testamento.

ικανὸν νέον ἐλεῖν· προς δὲ μᾶλλον ἀπεχέσθω ἢ πυρός. Οὕτω μὲν οὖν οὐδὲν φθέγγεται ἄτοπον, ἂν μηδὲν ἀκούσῃ ἄτοπον, ἀλλὰ τούτοις ἐντρέφεται.

54. Βούλει καὶ ἐφ' ἐτέραν ἴωμεν πύλην, τὴν τῆς ὀσφρήσεως; Καὶ αὕτη πολλὴν εἰσφέρει τὴν βλάβην, ἂν μὴ ἀποφράσσηται, οἶον ἀρώματα, θυμιάματα. Οὐδὲν οὕτως ἐκλύει τόνον ψυχῆς, οὐδὲν οὕτως χαλᾷ, ὡς τὸ εὐωδίας ἦδεσθαι. «Τί οὖν, φησίν, βορβόρω χαίρειν δεῖ;» Οὐ τοῦτο λέγω, ἀλλὰ μήτε τούτῳ μήτε ἐκείνῳ. Μηδεὶς προσφερέσθω μύρον· εὐθέως γὰρ ὁ ἐγκέφαλος δεχόμενος τὸ πᾶν ἐχάλασεν. Ἐντεῦθεν καὶ ἡδοναὶ ἀναρριπίζονται καὶ πολλὴ τοῦ πράγματος ἢ ἐπιβουλή. Καὶ ταύτην οὖν ἀπόφραττε τὴν πύλην· ἢ γὰρ ἐνέργεια αὐτῆς ἀναπνεῖν τὸν ἀέρα, οὐκ εὐωδίαν δέχεσθαι. Τάχα τινὲς καταγελῶσιν ὡς περὶ μικροῦ φρονιζόντων ἡμῶν, εἰ περὶ τοιαύτης διαλεγόμεθα πολιτείας· οὐκ ἔστι δὲ μικρά, ἀλλὰ τῆς οἰκουμένης πάσης ἐστὶν ἢ ὑπόστασις καὶ ἢ παίδευσις καὶ ὁ ρυθμός, εἰ ταῦτα ἐγίνετο.

não se acenda, a não ser que seja uma idosa que já não tenha nada capaz de atrair um jovem – que seja mantido afastado de uma jovem mais do que do fogo!<sup>317</sup> Assim, não proferirá nada de lamentável se não escutar nada de lamentável; será educado naquilo que dissemos.

### O portão do olfato

54. Queres que passemos a outro portão, àquela do olfato? Também este deixará entrar muita coisa nociva, tais como os perfumes e os incensos, se não for barrada. Nada relaxa tanto o vigor da alma, nada relaxa tanto como deleitar-se com fragrâncias. Dir-se-á: «O quê? É preciso gostar da sujidade?» Não digo isso, mas não temos que gostar nem de uma coisa, nem de outra. Que ninguém lhe ofereça um perfume! Logo que o cérebro o sente, relaxa-se todo o corpo. Deste modo, o prazer é reavivado e é grande a insídia desta situação. Por isso, tranca este portão: a sua tarefa é a de aspirar o ar, não de deixar entrar os perfumes. Talvez alguns se riam, considerando que estamos a refletir coisas de pequena importância,<sup>318</sup> quando discursamos sobre a constituição de uma cidade. Mas não se trata de coisas de pequena importância, mas do

<sup>317</sup> Impressiona a severidade proposta aos pais pelo Crisóstomo, sobretudo em relação à proibição que nenhuma jovem aproxime o filho. Contudo, temos de ter em conta a depravação alastrada na cidade de Antioquia do tempo e a difícil domabilidade da paixão sexual nos jovens. O Crisóstomo utiliza os mesmos termos em *De Anna*, sermo I, 6, PG 54, 642.

<sup>318</sup> Frequentemente, cf. §17 e §48 o nosso orador sente a necessidade de frisar a importância de quanto dito porque os seus interlocutores não parecem atribuir ao tema debatido a devida importância. De facto, a sua formação monástica levou-o, num primeiro momento, a um ideal pedagógico muito elevado que, em seguida, se foi adaptando à realidade sociofamiliar. Cf. Capítulo 2, parágrafo 2.2.1 A educação antiga e a educação cristã.

55. Ἔστιν καὶ ἕτερα πύλη τούτων μὲν ὠραιότερα, δυσφύλακτος προς, ἢ τῶν ὀφθαλμῶν· καὶ διὰ τοῦτο καὶ ἄνω κεῖται ἀνεωγμένη καὶ κάλλος ἔχουσα. Πολλὰς ἔχει τὰς πυλίδας οὐχ ὀρθῶσα μόνον, ἀλλὰ καὶ ὀρωμένη, ἃν ἦ καλῶς ἐκτετορνευμένη.

56. Σφοδρῶν ἐνταῦθα χρῆ τῶν νόμων· καὶ πρώτου μὲν ἐνός, μηδέποτε εἰς θέατρον πεμπέσθω τὸ παιδίον, ἵνα μὴ λύμην ὀλόκληρον καὶ διὰ τῆς ἀκοῆς καὶ διὰ τῶν ὀφθαλμῶν δέχεται. Καὶ ἐν ἀγοραῖς ὁ παιδαγωγὸς μάλιστα τοῦτο ἐπιτηρεῖτω παριῶν διὰ τῶν στενωπῶν, καὶ παραινείτω τοῦτο, ὥστε μηδέ ποτε δέξασθαι τὴν λύμην ἐκείνην.

57. Ὡστε μὲν οὖν μὴ δέξασθαι ὀρώμενον, πολλά ἐστιν ἐπινοῆσαι, τὸ πολὺ τοῦ καλλωπισμοῦ περιελεῖν τὰς ἄνωθεν ἐπικειμένας τρίχας περικείμεντα εἰς σεμνότητα. Ἄν δὲ δυσχεραίνῃ τὸ παιδίον ὡς ἀποκοσμούμενον, πρῶτον τοῦτο μαθέτω ὅτι μέγιστος κόσμος τοῦτό ἐστιν.

fundamento, da regra e da educação de todo o mundo,<sup>319</sup> se tais aspetos fossem observados.

### O portão da vista

55. Há também outro portão mais bonito do que os outros, mas difícil de guardar: o dos olhos. Por causa disto: porque permanece aberto no alto e, tem grande beleza. Tem muitas aberturas não somente para ver, mas também para ser visto, se for bem trabalhado.

56. Aqui temos necessidade de leis rigorosas; em primeiro esta: que a criança nunca seja levada ao teatro, para não sofrer qualquer tipo de dano através do ouvido e através dos olhos. Nas praças, que o pedagogo supervisione isso cuidadosamente, ao cruzar as ruelas, e avise-o deste perigo, para que nunca sofra este dano.<sup>320</sup>

57. Para que não caia neste perigo ao atrair os olhares, é possível ter em conta muitas coisas: reprimir o excesso de elegância, cortando-lhe o cabelo a toda a volta para lhe dar um ar de dignidade.<sup>321</sup> E se a criança se sentir aborrecida ao perder o penteado, primeiro aprenda que esta última – a dignidade – é o melhor ornamento.

<sup>319</sup> A educação cristã querida pelo Crisóstomo ocupa um papel importante na concretização de uma cidade ideal, e de uma sociedade ideal, sustentada pelo Evangelho. Cf. Capítulo 2, parágrafo 2.1.2 O reformador.

<sup>320</sup> O Crisóstomo julga ser muito importante o meio-ambiente frequentado pelo menino que o pode alastrar para o vício e não permitir que viva uma vida virtuosa. Especialmente atento mostra-se em relação à praça pública e ao teatro. Cf. § 77-79.

<sup>321</sup> Já no §16 tinha alertado os pais sobre o penteado enquanto fonte de vaidade.

58. Ὡστε δὲ μὴ ὄραν, ἱκανὰ πρὸς φυλακὴν τὰ διηγήματα ἐκεῖνα, τὰ κατὰ τοὺς υἱοὺς τοῦ Θεοῦ τοὺς ὀλισθήσαντας εἰς τὰς θυγατέρας τῶν ἀνθρώπων, τὰ κατὰ τοὺς Σοδομίτας, ἢ γέεννα καὶ τὰ ἄλλα ἅπαντα.

59. Ἐνταῦθα μάλιστα ὁ παιδαγωγὸς καὶ <ὁ> ἀκόλουθος πολλὴν ἔχειν ὀφείλουσιν τὴν φροντίδα. Ἀλλὰ δεῖξον αὐτῷ κάλλη ἕτερα, καὶ ἀπάξεις ἐκεῖθεν τοὺς ὀφθαλμούς, οἷον τὸν οὐρανόν, τὸν ἥλιον, τοὺς ἀστέρας, τῆς γῆς τὰ ἄνθη, τοὺς λειμῶνας, βιβλίον κάλλη· τούτοις τερπέσθω τὰς ὄψεις. Καὶ πολλὰ ἐστὶν ἕτερα βλάβην μὴ φέροντα.

60. Δυσφύλακτος γὰρ αὕτη ἡ πύλη, ἐπειδὴ τὸ πῦρ ἔνδον ἔχει κείμενον καὶ φυσικὴν, ὡς ἂν πρὸς εἶποι, ἀνάγκην. Μαθέτω τὰς θείας ἐπιδάξ. Ἄν μὴ ἔνδοθεν διεγείρηται, οὐ θέλει οὐδὲ ἔξωθεν ἰδεῖν. Μὴ λουέσθω μετὰ γυναικῶν· κακὸν γὰρ τὸ τῆς συνηθείας· μηδὲ εἰς ὄχλους πεμπέσθω γυναικῶν.

61. Ἀκουέτω τὰ κατὰ τὸν Ἰωσήφ πάντα συνεχῶς· μανθανέτω λοιπὸν τὰ περὶ τῆς βασιλείας τῶν οὐρανῶν, ὅσος τοῖς

58. Para que não veja o que não deve, são suficientes, para sua proteção, aquelas histórias acerca dos filhos de Deus que caíram pelas filhas dos homens (Cf. Gn 6, 1-4), e aquelas narradas acerca dos Sodomitas (Gn 19, 1-29), da Geena e tantas outras.<sup>322</sup>

59. Nisto, o pedagogo e o escravo devem ter muito cuidado. Mas tu, mostra-lhe outras coisas bonitas e desviarás disso o seu olhar, como por exemplo o céu, o sol, as estrelas, as flores da terra, os prados, a beleza dos livros: regalarás a vista com isso! E existem muitas outras coisas que não causam dano.

60. Esta porta é difícil de defender, pois, tem o fogo posto dentro e corresponde, por assim dizer, a uma necessidade natural. Aprenda os cânticos divinos. Se não for excitado por dentro, também não quererá ver para fora. Não tome banho com mulheres: este costume é um mal; também não participe em reuniões de mulheres.<sup>323</sup>

61. Escute constantemente toda a história de José;<sup>324</sup> que aprenda, além disso, o que concerne ao Reino dos Céus e quão grande

<sup>322</sup> Novamente o Crisóstomo procura inculcar, pela narração dos textos bíblicos sugeridos, o temor de Deus que levará o menino a odiar a má conduta e por isso a desviar o olhar.

<sup>323</sup> Voltamos a encontrar a mesma recomendação já feita no §53.

<sup>324</sup> A história de José deve ter sido muito querida e paradigmática para o nosso pastor de Antioquia, tanto que, frequentemente, é apresentado como exemplo de muitas virtudes, especialmente da virtude da castidade, que, naturalmente implica um grande autocontrole do olhar. Cf. *In Gn.*, hom. LXII,4, PG 54,537; *In epist. Ad Coloss.*, hom X, 5, PG 62,372; *In Matth.* XLIX, 6.

σωφρονοῦσι ἀπόκειται μισθός. Ἐπαγγέλλου καὶ νύμφην ὡραίαν ἄξειν αὐτῷ καὶ τοῦ κλήρου ποιήσιν διάδοχον. Πάντα ἀπειλήσον, ἂν ἴδῃς τὰναντία, καὶ λέγε πρὸς αὐτόν· «Οὐκ ἐπιτευξόμεθα, παιδίον, γυναικὸς ἐναρέτου, ἐὰν μὴ πολλὴν ἐπιδείξῃ τὴν φυλακὴν καὶ τῆς ἀρετῆς τὴν ἐπίδοσιν· καὶ ὡς ἂν καρτερήσῃς, ταχέως σε ἐπὶ γάμον ἄξω.»

62. Μάλιστα ἐὰν παιδεύηται αἰσχρὰ μὴ φθέγγεσθαι, ἄνωθεν ἔχει τὴν εὐλάβειαν προκαταβεβλημένην. Διαλέγου αὐτῷ περὶ κάλλους ψυχῆς. Φρόνημα αὐτῷ ἔντικτε κατὰ γυναικῶν. Λέγε ὡς δουλοπρεπὲς ὑπὸ τῆς δούλης καταφρονεῖσθαι καὶ ὅτι πολλῆς μάλιστα δεῖται τῆς σπουδῆς ὁ πρὸς. Ὁ μὲν γὰρ φθεγγόμενος ἔσται δῆλος, ὁ δὲ ὀρῶν οὐκ ἔσται δῆλος – ταχεῖα γὰρ αὕτη ἢ αἴσθησις – καὶ δύναται μεταξὺ πολλῶν καθημένος ταῖς τῶν ὀφθαλμῶν βολαῖς ἐλεῖν ἢν ἂν ἐθέλῃ. Μηδὲν ἐχέτω κοινὸν πρὸς γυναῖκα· πλὴν τῆς μητρὸς μηδεμίαν ὀράτω γυναῖκα· χρυσίου μὴ μεταδίδου· μηδὲν ἐπεισιέτω αἰσχρόν· τρυφῆς καταφρονεῖτω καὶ τῶν ἄλλων τῶν τοιούτων.

recompensa está destinada aos moderados. Promete-lhe que lhe apresentará uma graciosa esposa e que o fará teu herdeiro. Utiliza toda a ameaça, se o vires fazer o contrário, e diz-lhe: “Não conseguiremos encontrar, ó filho, uma mulher virtuosa, se tu não mostrares vigilância e progresso na virtude; quando te mostrares firme, logo te apresentarei rapidamente uma esposa”.

62. Acima de tudo, se for educado a não pronunciar palavras vergonhosas, desde o princípio terá firmes fundamentos de reverência. Conversa com ele acerca da beleza da alma. Inspira-lhe pensamentos contra as mulheres.<sup>325</sup> Diz que ser desprezado por uma escrava é somente para um outro escravo e que o jovem tem necessidade sobretudo de muito esforço. Aquele que fala em voz alta dará nas vistas, aquele que observa não o fará – pois este sentido é veloz – e, mesmo estando sentado no meio de muita gente, se quiser, pode conquistá-la com o olhar. Não tenha nada em comum com uma mulher: que não veja nenhuma mulher, exceto a mãe. Não lhe entregues dinheiro; nada de vergonhoso entre nele; que despreze o luxo e as outras coisas do género.

<sup>325</sup>Esta frase foi traduzida de formas diferente pelos expertos: Anne-Marie Malingrey propõe uma tradução netamente positiva: “Fais maître en lui de nobles pensées au sujet des femmes”; contrariamente Laistner traduz: “instil into him a resolute spirit against womankind”. O termo “φρόνημα”, aqui traduzido por “pensamentos” possui a mesma raiz de “φρόνησις” que ao longo do texto foi traduzido por “moderação” e, portanto, aproximar-se a uma tradição mais suave; ao contrário, temos que ter em conta que κατὰ + genitivo pode indicar oposição, e, portanto, justificar a tradução de Laistner. De todos os modos, as chamadas de atenção de Crisóstomo dos §53 e §60, e a parte final deste parágrafo, não atacam a dignidade da mulher, mas a paixão sexual dos jovens que elas podem fomentar. Para um estudo sobre o papel da mulher segundo o Crisóstomo: Cf. Pasquato, *I laici in Giovanni Crisostomo...*, 67-79.

63. Ἔστιν καὶ ἄλλη πύλη, οὐ τοιαύτη μὲν, οἷαί περ αὐται, ἀλλὰ δι' ὅλου τοῦ σώματος διήκουσα, ἣν ἀφήν προσαγορεύομεν, δοκοῦσα μὲν κεκλειῆσθαι, ὥσπερ δὲ ἀνεωγμένη, οὕτω πάντα ἔνδον παραπέμπουσα. Ταύτην μῆτε ἀπαλοῖς ἱματίοις μῆτε σώμασι προσομιλεῖν ἀφῶμεν. Σκληρὰν αὐτὴν καταστήσωμεν. Ἀθλητὴν τρέφομεν, καὶ τοῦτο ἐννοῶμεν. Μῆτε οὖν στρωμαῖς ἀπαλαῖς μῆτε ἱματίοις κεχρήσθω. Καὶ ταῦτα μὲν οὕτως ἡμῖν διατετάχθω.

64. Φέρε δὴ καὶ εἰς τὴν πόλιν αὐτὴν εἰσελθόντες γράψωμεν νόμους καὶ διαταξώμεθα, ἐπειδὴ τὰ τῶν πυχλῶν ἡμῖν ἔχει καλῶς. Πρῶτον δὲ καταμάθωμεν ἀκριβῶς τὰς οἰκίας καὶ τὰ ταμιεῖα τῶν πολιτῶν, ἔνθα μένουσιν, οἳ τε σφοδροὶ οἳ τε ἐκκελυμένοι.

65. Τῷ μὲν οὖν θυμῷ φασιν εἶναι τόπον καὶ οἰκίαν τὸ στήθος καὶ τὴν ἐν τῷ στήθει καρδίαν· τῇ δὲ ἐπιθυμία τὸ ἥπαρ· τῷ λογιστικῷ τὸν ἐγκέφαλον. Ἔστι δὲ ἐκείνου μὲν ἀρετὴ καὶ κακία· ἀρετὴ μὲν σωφροσύνη καὶ ἐπιείκεια, κακία δὲ θρασύτης καὶ χαλεπότης· τούτου δ' αὖ πάλιν ἀρετὴ μὲν σωφροσύνη, κακία δὲ ἀσέλγεια· καὶ τοῦ λογιστικοῦ ἀρετὴ μὲν φρόνησις, κακία δὲ

### O portão do tato

63. Há também outro portão, não parecido com os outros, mas que se estende a todo o corpo, aquele a que chamamos tato, que parece fechado, mas que, ao ser aberto, tudo deixa entrar. Não permitamos que este entre em contacto nem com vestes delicadas, nem com corpos. Façamo-lo austero. Nós criamos um atleta, e concentremo-nos nisto. Que não use nem leitos nem vestes macias. Que tudo seja assim disposto por nós.

### Os cidadãos

64. Vamos, então! Tendo entrado nesta cidade, redijamos e atribuímos as leis, visto que esta imagem dos portões nos esta a correr bem. Primeiramente, examinemos com cuidado as casas e os alojamentos dos cidadãos, onde eles vivem, quer os vigorosos, quer os débeis.

65. De facto, dizem que a o ânimo<sup>326</sup> tem como lugar e casa o peito e, dentro do peito, o coração; o desejo, o fígado; a razão, o cérebro.<sup>327</sup> É próprio do ânimo quer a virtude, quer o vício: virtude é com certeza a moderação e a mansidão, vício é a arrogância e a aspereza de carácter. Assim também acontece com o desejo; pode ser uma virtude – a moderação – ou um vício – a luxúria; a virtude da razão é a inteligência, vício

<sup>326</sup> O termo “θυμός” é um termo muito amplo que indica sentimentos ardentes muito diferentes. Cf. Capítulo 2, parágrafo 2.2.9.1 Os cidadãos: θυμός, ἐπιθυμία, λογιστικός.

<sup>327</sup> Segundo os expertos esta divisão tripartida da alma, de conhecimento comum, tem as suas origens em Platão: *Resp.* 435<sup>a</sup>; *Timeo* 69c-72d. Cf. Pasquato Ottorino, «'La vanagloria e l'educazione dei figli...»: 101

ἄνοια. Ὅπως οὖν ἡμῖν αἱ ἀρεταὶ τεχθεῖεν ἐν τοῖς τόποις τούτοις καὶ τοιούτους τίκτοιεν τοὺς πολίτας, ἀλλὰ μὴ κακοὺς, φροντίσωμεν· καθάπερ γὰρ μητέρες τινὲς τῶν λογισμῶν τὰ πάθη ταῦτα καθεστήκασιν.

66. Ἔλθωμεν τοίνυν ἐπὶ τὸ τυραννικόν, τὸν θυμόν. Οὔτε δὴ παντελῶς ἐκκοπτέον τῷ νέῳ αὐτὸν οὔτε πανταχοῦ κεχρηῖσθαι συγχωρητέον· ἀλλὰ παιδεύωμεν αὐτοὺς ἐκ πρώτης ἡλικίας, ὅταν μὲν αὐτοὶ ἀδικῶνται, φέρειν, εἰ πρὸς τινα ἀδικούμενον ἴδοιεν, γενναίως ἐπεξιέναι καὶ τῷ καταπονουμένῳ μετὰ τοῦ προσήκοντος ἀμύνειν μέτρον.

67. Τοῦτο δὲ ἔσται πῶς; ἐὰν ἐν τοῖς οἰκέταις τοῖς αὐτῶν ἐγγυμνάζονται καὶ φέρωσι καταφρονούμενοι καὶ μὴ χαλεπαίνωσι παρακουόμενοι, ἐξετάζωσι δὲ ἀκριβῶς τὰ εἰς ἑτέρους πλημμελούμενα. Πανταχοῦ δὲ ἐν τοῖς τοιούτοις ὁ πατὴρ κύριος, παραβαιομένων μὲν τῶν νόμων χαλεπὸς ὢν καὶ ἀφόρητος, κατορθουμένων δὲ μείλιχος καὶ προσηγῆς καὶ πολλοῖς τὸν

é a insensatez. Preocupemos-nos que as virtudes sejam engendradas nos devidos lugares e que gerem cidadãos desta natureza, não malvados: como se fossem nossas mães, são as disposições do espírito que estabelecem tais coisas.<sup>328</sup>

### O ânimo

66. Passemos, agora, para o déspota: o ânimo. Nem temos que o retirar completamente ao jovem, nem lhe conceder tudo o que deseja. Eduquemo-los, desde a primeira idade, a serem pacientes quando sofrem uma injustiça, mas, no caso de verem alguém a ser injustiçado, a reagir corajosamente e a prestar socorro, com justa medidas, àquele que é maltratado.<sup>329</sup>

67. Como conseguirão isso? Se se exercitarem com os seus próprios servos e suportarem quando são desprezados, e não se encolerizarem quando não são tidos em conta, mas se, pelo contrário, se examinarem cuidadosamente quando cometerem um erro para com os outros.<sup>330</sup> Em tudo isso seja o pai a autoridade, sendo severo e intolerante para com

<sup>328</sup> Neste caso, contrariamente ao princípio do parágrafo, o termo “λογισμός” assume, pelo contexto, uma conotação pejorativa que justifica a nossa tradução.

<sup>329</sup> No início do parágrafo o Crisóstomo adjetivou o “θυμός” com o termo “τυραννικός”, traduzido por “déspota”, conferindo-lhe uma conotação negativa, mas, tendo em conta a totalidade do parágrafo, ao “θυμός” é atribuída uma importante utilidade, como no caso de prestar socorro, se o homem aprende a servir-se dele no tempo oportuno. Ao longo do texto o “θυμός” aparecerá como uma paixão geradora de energias positivas ou negativas, como no §69.

<sup>330</sup> O pastor de Antioquia aponta para os jovens um grande ideal de autocontrole e uma grande consciência de si próprios. Esta meta, longe de se considerar puramente inata, pode ser alcançada pelo hábito, sabiamente fomentado pelos pais através do temor e da promessa. Muito interessante é a equiparação entre o papel educador dos pais e o governo de Deus sobre o mundo.

παῖδα τοῖς ἐπάθλοις δωρούμενος. Οὕτω γὰρ  
καὶ ὁ Θεὸς τὴν οἰκουμένην διοικεῖ τῷ φόβῳ  
τῆς γεέννης καὶ τῇ τῆς βασιλείας ἐπαγγελίᾳ.  
Οὕτω δὴ καὶ ἡμεῖς τοὺς παῖδας τοὺς ἐαυτῶν.

68. Καὶ ἔστωσαν αὐτῶν πολλοὶ  
πάντοθεν οἱ παροξύνοντες ὥστε  
ἐγγυμνάζεσθαι καὶ μελετᾶν ἐν τοῖς οἰκείοις  
φέρειν τὸ πάθος. Καὶ καθάπερ ἐπὶ τῆς  
παλαίστρας πρὸ τῶν ἀγώνων ἐμμελεῶσι  
πρὸς τοὺς οἰκείους οἱ ἀθληταί, ὥστε ἐν  
ἐκείνοις κατορθώσαντες ἀκαταγώνιστοι  
εἶναι πρὸς τοὺς ἀντιπάλους, οὕτω καὶ ὁ παῖς  
ἐπὶ τῆς οἰκίας παιδευέσθω. Καὶ πολλάκις ὁ  
πατὴρ ἢ ὁ ἀδελφὸς ἔστω ὁ μάλιστα τοῦτον  
ἐπηρεάζων· καὶ ὑπὲρ τῆς ἐκείνου νίκης  
μάλιστα πάντες σπευδέτωσαν· ἢ ἀμυνέτω  
πρὸς καὶ ἀντιστήτω παλαίων, ὥστε ἐν ἐκείνῳ  
αὐτὸν γυμνασθῆναι. Οὕτω δὴ καὶ οἱ παῖδες  
αὐτὸν παροξυνέτωσαν συνεχῶς καὶ δικαίως  
καὶ ἀδίκως, ὥστε μανθάνειν πανταχοῦ  
κρατεῖν τοῦ πάθους. Ἄν μὲν γὰρ ὁ πατὴρ  
παροξύνῃ, οὐδὲν μέγα· τὸ γὰρ τοῦ πατρὸς  
ὄνομα προκαταλαμβάνον τὴν ψυχὴν οὐκ  
ἀφίησι διαναστῆναι. Ἄλλ’ ὀμήλικες καὶ

aqueles que transgredirem as leis, mas afável<sup>331</sup>  
e amável para com os que são íntegros,  
premiando o filho com muitas recompensas.  
Assim Deus governa o mundo com o temor da  
Geena e com a promessa do Reino. Assim  
também nós com os nossos próprios filhos.

68. Que sejam muitos, de todas partes, os  
que os põem à prova, para que as crianças se  
exercitem e se habituem em casa a suportar o  
sofrimento. E, assim como no ginásio, antes do  
combate os atletas treinam com os de casa, de  
forma a que, tendo tido êxito estes, se tornem  
invencíveis perante os adversários, do mesmo  
modo o filho seja educado em casa.<sup>332</sup> E que seja  
muitas vezes o pai ou o irmão quem de  
preferência os maltrata: que todos se empenhem  
sobretudo em favor da sua vitória; ou deixe-se  
que quem quiser lutar com ele se possa defender  
e atacar, do modo que, com este, a criança possa  
exercitar-se. Do mesmo modo também os servos  
o irritem continuamente, de forma justa ou  
injusta, a fim de que, seja onde for, aprenda a  
dominar a paixão.<sup>333</sup> De facto, se o provoca o pai,  
não é nada de notável: o nome do pai, sujeitando  
a alma, não permite que se insurja. Mas façam  
isso os servos e os homens livres da mesma

<sup>331</sup> O termo “μείλιχος” que significa “afável, cortês” deriva etimologicamente do termo “μείλιον” que indica algo que aplaca, que mitiga e por isso é muitas vezes traduzido por “oferta propiciatória”. O pai deve, portanto, saber acalmar, mitigar, abrandar a animosidade do menino através do prémio.

<sup>332</sup> O Crisóstomo equipara a casa, ou seja, a família, a um ginásio para o treino dos atletas. De facto, a família é o núcleo base da sociedade no qual a pessoa se desenvolve e, é a partir de quanto foi aprendido e desenvolvido nela que, em boa medida, depende o êxito dos confrontos da pessoa com a sociedade mais alargada.

<sup>333</sup> A ideia de que o caráter de uma pessoa seja posto à prova por outros, especialmente os tidos em conta como inferiores, aparece em outros escritos do Crisóstomo: *In Epist. Ephes.*, hom. V, PG 62, 110.

δούλοι καὶ ἐλεύθεροι τοῦτο ποιείτωσαν, ἵνα ἐν ἐκείνοις μανθάνῃ τὴν ἐπιείκειαν.

69. Ἔστι καὶ ἕτερον· ποῖον δὴ τοῦτο; Ὅταν ὀργίζεται, ἀναμίμησκε αὐτὸν τῶν οἰκείων παθημάτων, ὅταν πρὸς τὸν παῖδα χαλεπαίνει, εἰ μηδὲν αὐτὸς ἤμαρτεν καὶ οἷος ἂν ἦν ἐν τούτοις ὦν αὐτός. Κἂν ἴδῃς τύπτοντα τὸν παῖδα, τούτου δίκην ἀπαίτησον· κἂν ὑβρίζοντα, καὶ τούτου πάλιν. Μήτε δὲ μαλθακὸς ἔστω μήτε ἄγριος, ἵνα καὶ ἀνὴρ ἦ καὶ ἐπιεικής. Πολλαχοῦ γὰρ αὐτῷ δεῖ τῆς ἀπὸ τοῦ θυμοῦ βοήθειας, οἷον εἴ ποτε καὶ αὐτὸς παῖδας σχοίῃ ἢ δούλων γένοιτο κύριος. Πανταχοῦ τὸ τοῦ θυμοῦ χρήσιμον· ἐκεῖ δὲ μόνον ἄχρηστον, ὅταν ἑαυτοῖς ἀμύνωμεν. Διὰ τοῦτο καὶ Παῦλος ἐφ' ἑαυτῷ μὲν οὐδέποτε τῷ πράγματι κέχρηται, ἐπὶ δὲ τοῖς ἡδικομένοις μόνον. Καὶ Μωσῆς ἰδὼν ἀδικούμενον ἀδελφὸν ἐχρήσατο τῷ θυμῷ καὶ μάλα γενναίως, ὁ πραότατος πάντων ἀνθρώπων· ἐπειδὴ δὲ ὑβρίσθη, οὐκέτι ἡμύνατο, ἀλλ' ἔφυγεν. Καὶ ταῦτα ἀκουέτω τὰ διηγήματα· ὅταν μὲν γὰρ τὰς πύλας ἔτι κοσμῶμεν, ἐκείνων τῶν ἀφελεστέρων χρεῖα, ὅταν δὲ εἰσελθόντας τοὺς πολίτας ῥυθμίζωμεν, καὶ τούτων τῶν ὑψηλοτέρων καιρὸς διηγημάτων. Ὡστε οὗτος αὐτῷ εἷς νόμος ἔστω, μηδέποτε ἑαυτῷ ἀμύνειν ὑβριζομένῳ ἢ κακῶς πάσχοντι καὶ μηδέποτε ἕτερον περιορᾶν τοῦτο ὑπομένοντα.

idade, para que através deles aprenda a moderação.

69. Mas há mais! O quê? Quando se enfurecer, lembra-o das experiências que já teve em casa: cada vez que ele se irritar com um escravo, se este não cometeu alguma falta, lembra-o como agiu nessas situações. E se vires que bate num escravo, pede-lhe contas; e se o maltrata, faz o mesmo. Não seja nem desleixado nem rude, para que assim se torne um homem e seja moderado. Em muitas circunstâncias, de facto, ele vai precisar da ajuda do ânimo, se, por exemplo, um dia ele tiver filhos ou escravos sob as suas ordens. O ânimo é útil em todas as situações; somente num caso é inútil: quando nos defendemos a nós mesmos. Por isso, Paulo nunca se serve dele para si mesmo, mas, somente para com aqueles que sofrem injustiças. E Moisés, tendo visto um irmão vítima da injustiça (Cf. Ex 2, 11-15), ele, o mais manso de todos os homens (Cf. Num 12,3), valeu-se do seu ânimo, e de forma muito veemente! Mas, quando foi ultrajado, não se defendeu, mas fugiu. Que a criança escute estas histórias: de facto, quando ainda estamos a construir as portas, precisamos destas histórias mais simples; mas, quando educamos os cidadãos que já entraram, é oportuno servir-nos das outras histórias mais sublimes. Que tenha somente esta única lei, que nunca se defenda quando é ultrajado ou maltratado, mas nunca tolere que o outro passe pelo mesmo.

70. Ἔσται δὲ καὶ ὁ πατήρ πολλῶν βελτίων ἐν τῷ ταῦτα διδάσκειν καὶ ἑαυτὸν ῥυθμίζων· εἰ γὰρ καὶ μὴ δι' ἕτερόν τι, ἀλλ' ὥστε μὴ τὸ παράδειγμα διαφθεῖραι πολλῶν βελτίων ἔσται ἑαυτοῦ. Ὡστε διδασκέσθω καταφρονεῖσθαι, διαπτύεσθαι. Μηδένα ἀπαιτεῖτω παρὰ οἰκετῶν οἷα ἐλεύθερος, ἀλλὰ τὰ πλείω ἑαυτῷ διακονεῖτω. Ἐκεῖνα δὲ μόνον οἱ παῖδες ὑπηρετήτωσαν, ὅσα οὐχ οἷόν τε αὐτὸν ἑαυτῷ διακονήσασθαι· οἷον μαγειρεύειν οὐ δυνατὸν ἐλεύθερον· οὐ γὰρ χρὴ τῶν πόνων ἀφέμενον τῶν ἐλευθέρων προσηκόντων τούτοις ἑαυτὸν δίδοναι. Ἄν μέντοι προσῆ τούτους πόδας τούτους ἑαυτοῦ περιπλύνειν, μηδέποτε τοῦτο ποιεῖτω δοῦλος, ἀλλ' αὐτὸς ἑαυτῷ· καὶ προσῆνῃ τοῖς οἰκέταις ἐργάζῃ τὸν ἐλεύθερον καὶ πολὺ ποθεινόν. Μηδὲ ἱμάτιόν προς ἐπιδιδότω· μηδὲ ἐν βαλανείῳ περιμενέτω τὴν παρ' ἑτέρου θεραπείαν, ἀλλὰ παρ' ἑαυτοῦ πάντα ποιεῖτω· τοῦτο καὶ εὐρωστον αὐτὸν καὶ ἄτυφον καὶ προσῆνῃ ἐργάσεται.

71. Δίδασκε αὐτὸν καὶ τὰ περὶ τῆς φύσεως, καὶ τί μὲν δοῦλος, τί δὲ ἐλεύθερος. Λέγε αὐτῷ· «Παιδίον, οὐκ ἦσαν δοῦλοι τὸ παλαιὸν ἐπὶ τῶν προγόνων τῶν ἡμετέρων, ἀλλ' ἡ ἁμαρτία τὴν δουλείαν εἰσήγαγεν.

70. Ensinando estas coisas o pai também será muito melhor e disciplina-se a si mesmo: de facto, se não por outra razão, para não arruinar o exemplo, fará o melhor de si mesmo. Assim, que o rapaz aprenda a ser desprezado e a que lhe cusпам em cima.<sup>334</sup> Não peça aos servidores nada do que um homem livre costuma pedir, mas que se sirva, por norma, a si mesmo. Os servos sirvam-no naquelas coisas em que não se possa servir sozinho; por exemplo, não é possível a um homem livre cozinhar.<sup>335</sup> Não é conveniente entregar-se a tais tarefas, negligenciando o trabalho que é próprio de um homem livre. Se precisar de lavar os pés, que nunca o faça um escravo, mas o próprio rapaz: torná-lo-á um homem livre amável, e muito querido entre os servos. Que ninguém lhe leve o manto; no banho, que ninguém espere o serviço de outrem, mas faça tudo por si: isso torná-lo-á, modesto e afável.

71. Ensina-o acerca da condição natural do homem, o que é um escravo e o que é um homem livre. Diz-lhe: “menino, não havia escravos no tempo dos nossos antepassados, mas o pecado introduziu a escravidão,<sup>336</sup> pois quando

<sup>334</sup> Uma boa educação, além de ser vantajosa para os filhos, torna-se vantajosa também para os pais que, para dar o exemplo, levarão uma vida virtuosa. Já no § 19 o Crisóstomo tinha apresentado a relação entre a educação dos filhos e a salvação eterna dos pais como um incentivo para a educação.

<sup>335</sup> No mundo antigo o cozinhar era tido em conta como um trabalho servil.

<sup>336</sup> O Crisóstomo parece aludir à história de Noé e do seu Filho Canaã (Cf. Gn 2, 18-27) na qual Noé amaldiçoa a Canaã: “Maldito seja Canaã! Que ele seja, para seus irmãos, o último dos escravos!”.

Ἐπειδὴ γὰρ πρὸς εἰς τὸν πατέρα ἐγένετο ὑβριστής, ταύτην ἔτισε τὴν δίκην, ὥστε δοῦλος γενέσθαι τῶν ἀδελφῶν. Ὅρα τοίνυν μὴ τῶν δούλων ἦς δοῦλος. Ἄν γὰρ ὀργίζῃ καθάπερ ἐκεῖνοι καὶ πάντα πράττης τὰ αὐτὰ καὶ μηδὲν αὐτῶν πλέον ἔχῃς κατὰ τὴν ἀρετὴν, οὐδὲ κατὰ τὴν ἀξίαν ἔξεις. Σπούδαζε τοίνυν κύριος αὐτῶν εἶναι καὶ γίνεσθαι μὴ τούτῳ, ἀλλὰ τοῖς τρόποις, μήποτε αὐτὸς ἐλεύθερος ὢν δοῦλος τούτων εὐρεθῆς. Ἡ οὐχ ὀρθῶς πόσοι πατέρες παῖδας μὲν ἀπεκήρυξαν, δούλους δὲ εἰς τὴν ἐκεῖνων τάξιν εἰσήγαγον; Σκόπει τοίνυν ὅπως μηδὲν τοιοῦτον γένηται· ἐγὼ μὲν γὰρ οὔτε βούλομαι οὔτε εὐχομαι, σὺ δὲ ἀμφοτέρων τούτων κύριος.»

72. Οὕτω καταπραΰνε τὸν θυμόν, ὡς ἀδελφοῖς κελεύων αὐτὸν κεχρηῆσθαι τοῖς οἰκέταις καὶ διδάσκων τὰ περὶ τῆς φύσεως, τὰ τοῦ Ἰωβ ῥήματα λέγων πρὸς αὐτόν· «Εἰ δὲ καὶ ἐφάυλισα, φησίν, κρῖμα θεράποντός μου ἢ θεραπαίνης κρινομένων αὐτῶν πρὸς με· τί γὰρ ποιήσω, ἐὰν ἔτασίν μου ποιήσῃ Κύριος; ἐὰν δὲ καὶ ἐπισκοπήν, τίνα ἀπόκρισιν ποιήσομαι; Πότερον, οὐχ ὡς ἐγὼ ἐγενόμην ἐν γαστρὶ καὶ ἐκεῖνοι γεγόνασιν; γεγόναμεν δὲ ἐν τῇ αὐτῇ κοιλίᾳ.» Καὶ πάλιν· «Εἰ δὲ καὶ πολλάκις εἶπον αἱ θεράπαιναι μου· ‘Τίς ἂν δώῃ ἡμῖν τῶν σαρκῶν αὐτοῦ πλησθῆναι; λίαν μου χρηστοῦ ὄντος.’»

alguém se tornou violento contra o pai, pagou a pena, e, portanto, tornou-se escravo dos irmãos. Cuida, então, de não te tornar escravo dos escravos. Se, de facto, tu te enfureces e ages em tudo como eles, e se em nada és mais virtuoso do que eles, também não terás qualquer valor. Esforça-te para seres o senhor deles; que te tornes senhor, não pela tua condição, mas pela conduta, não seja que tu próprio, sendo livre, sejas tido como escravo deles. De facto, não sabes quantos pais deserdaram os filhos e colocaram os escravos no seu lugar? Toma cuidado para que nada disso te aconteça! Eu nem quero, nem peço isso: tu és o senhor de ambas as possibilidades.

72. Desta forma, suaviza o seu ânimo, exortando-o a que trate os servos da casa como irmãos e instruindo-o acerca da condição humana, repetindo-lhe as palavras de Job: «*Se desprezei, diz, o juízo do meu servo ou da minha serva, quando disputavam contra mim; o que farei, se o Senhor me puser à prova? Se ele me visitar, que responderei? Não nasci eu de um ventre, como eles também nasceram? Nascemos das mesmas entranhas*» (Jo 31, 13-15). E ainda: «*Frequentemente as minhas servas disseram: “Quem nos teria saciado com as suas carnes? De facto, eu fui demasiado bom*» (cf. Jo 31,31).

73. Ἡ ἀπλῶς σοι δοκεῖ ὁ Παῦλος τὸν οἰκίας οὐκ εἰδότα προεστάναι οὐδὲ ἐπὶ τῆς ἐκκλησίας ἄγειν προστασίαν; Λέγε τοίνυν· «Ἄν ἴδης ἢ γραφίδα ἀπολωλυῖαν ἢ κάλαμον διακλασθέντα ὑπὸ τοῦ οἰκέτου, μὴ ὀργίζου μηδὲ ὑβρίσης, ἀλλ' ἔσο συγγνωμονικός, ἔσο εὐπαραίτητος»· οὕτως ἀπὸ τῶν μικρῶν καὶ τὰς μεγάλας οἴση ζημίας· ἢ ἱμάντα περὶ τὴν πινακίδα ἀπολωλυῖαν ἢ ἄλυσιν χαλκῆν. Χαλεποὶ γὰρ ἐν ταῖς τῶν τοιούτων ἀπωλείαις οἱ παῖδες καὶ μᾶλλον ἂν τὴν ψυχὴν πρόοιντο ἢ τὸν περὶ ταῦτα γενόμενον κακὸν ἀτιμώρητον ἀφεῖν ἄν. Ἐκεῖ τοίνυν τὸ τραχὺ μαλαστέσθω τοῦ θυμοῦ. Εὖ γὰρ ἴσθι ὅτι ὁ περὶ ταῦτα ἀργὸς καὶ ἐπιεικὴς καὶ ἀνὴρ γενόμενος εὐκόλως οἴσει ζημίαν ἅπασαν. Ὅταν τοίνυν πινακίδα ἔχων ἐκ ξύλου μὲν καλοῦ πεπονημένην, καθαρὰν δὲ πάνυ καὶ ῥύπου ἀπηλλαγμένην, εἶτα ἐν ἐκείνῃ ἀλύσει χαλκαῖ καὶ γραφίδες οὐδὲν ἀργύρου ἀποδέουσαι καὶ ἕτερα τοιαῦτα παιδικά, καὶ ἀπολέση ἢ διαφθεῖρη ὁ ἀκόλουθος, εἶτα ἐκεῖνος μὴ ὀργισθῆ, μεγίστης φιλοσοφίας ἤδη τεκμήρια ἐπεδείξατο. Καὶ μὴ εὐθέως ὠνήσῃ, ὥστε μὴ σβέσαι τὸ πάθος· ἀλλ' ὅταν ἴδης οὐκέτι δεόμενον οὐδὲ πάσχοντά τι, τότε θεράπευσον τὸ τραχυνθέν.

74. Οὐκ ἔστι ταῦτα περὶ μικρῶν· περὶ πολιτείας ἡμῖν τῆς οἰκουμένης ἐστὶν ὁ λόγος. Παίδευε αὐτὸν καὶ προτιμᾶσθαι, ἂν ἀδελφὸν

73. Parece-te que foi nesciamente que Paulo considerou que aquele que não sabe cuidar de uma casa, também não sabe governar uma Igreja? (Cf. 1 Tm 3,5) Portanto, acrescenta: «Se vires que se perdeu um estilete ou que foi quebrada uma pena por um escravo, não o insultes nem o maltrates, mas sê indulgente, sê compreensivo». Assim, a partir das coisas pequenas, suportarás também as desgraças maiores: também se pode perder a correia que circunda a tabuinha onde se escreve, e a corrente de cobre. Os filhos ficam intratáveis com este tipo de perdas e prefeririam perder a vida a deixar impune o mal que aconteceu. Então, que se abrande a ferocidade do seu ânimo. De facto, sabes bem que aquele que se tornou comedido e indiferente a estas perdas, tornado adulto, facilmente as suportará. Então, quando, ao ter uma tábua feita de boa madeira, muito limpa e sem sujidade, com uma corrente de cobre e com um estilete que brilha como a prata e outras coisas infantis, o escravo a estragar ou a perder, se a criança não se chatear, já mostrou provas de grande sabedoria. E não as comprarás imediatamente, para assim lhe apagues a ira: mas, quando vires que já não sente a sua falta e não sofre com isso, então, darás remédio à sua exasperação.

74. Não se trata de coisas sem importância: a nossa discussão é acerca da vida dos cidadãos do mundo inteiro.<sup>337</sup> Educa-o

<sup>337</sup> Como já foi dito no §54, o alcance dado pelo Crisóstomo à educação cristã é universal.

ἔχη νεώτερον· εἰ δὲ μὴ τοῦτο, καὶ τὸν οἰκέτην· καὶ γὰρ καὶ τοῦτο τῆς μεγίστης φιλοσοφίας.

75. Τὸν μὲν οὖν θυμὸν οὕτω μάλαττε ὥστε ἡμῖν ἐπιεικεῖς τίκτειν τοὺς λογισμούς· ὅταν γὰρ μηδενὶ προσπάσχη, ὅταν ζημίαν φέρη, ὅταν μὴ δέηται θεραπείας, ὅταν τιμωμένου ἑτέρου μὴ ἀγανακτῆ, πόθεν ὀργιῖται λοιπόν;

76. Ὡρα δὴ λοιπὸν ἐπὶ τὴν ἐπιθυμίαν ἰέναι. Ἐκεῖ καὶ διπλῆ ἢ σωφροσύνη καὶ διπλῆ ἢ βλάβη, οἴμαι, ὥστε μήτε αὐτὸν καταπορνεύεσθαι μήτε πορνεύειν εἰς κόρας. Λέγουσι δὲ ἰατρῶν παῖδες ταύτην τὴν ἐπιθυμίαν μετὰ πεντεκαίδεκατον ἔτος σφόδρα ἐπιτίθεσθαι. Πῶς οὖν τὸ θηρίον τοῦτο καταδήσομεν; τί ἐργασόμεθα; ποῖον ἐμβалоῦμεν αὐτῷ χαλινόν; Οὐκ οἶδα ἕτερον εἰ μὴ τὸν τῆς γεέννης.

77. Πρῶτον μὲν οὖν αὐτὸν θεαμάτων αἰσχυρῶν καὶ ἀκουσμάτων ἀπάγωμεν, καὶ μηδέποτε εἰς θέατρον ἀναβαινέτω παῖς ἐλεύθερος. Ἐὰν δὲ ἐπιζητῆ τὴν ἐκεῖ τέρψιν, εἴ τις εὔροισεν ὁμήλικας τούτου

também a preferir o irmão, se tiver um irmão mais novo; senão também o escravo: também isso é sinal de uma grande sabedoria.

75. Acalma desta forma o seu ânimo para suscitar pensamentos que sejam razoáveis para nós: de facto, quando não depender mais de ninguém,<sup>338</sup> quando suportar a perda, quando não precisar mais de cuidados, quando não se irritar se a outro forem atribuídas honras, que motivo terá ainda para irritar-se?

### O desejo

76. É o tempo de passar ao desejo. Aqui a moderação tem um duplice aspeto; penso que também duplo é o perigo: por um lado, que se deixe cair passivamente na fornicação, por um lado, que procure ativamente a fornicação com mulheres. Segundo o parecer dos médicos, este desejo impõe-se ardentemente depois dos quinze anos de idade. Como acorrentaremos esta fera? Que faremos? Que freio lhe colocaremos? Não conheço outro se não o medo do inferno.<sup>339</sup>

77. Antes de mais previnamo-lo de ver e ouvir coisas inoportunas, e que um jovem livre nunca vá a teatro. Se, ainda assim, ele desejar deleite em tal lugar, mostremos-lhe alguém, se encontrarmos, da sua mesma idade que se

<sup>338</sup> O termo “προσπάσχω” significa “ser apreciador, ser dependente de, ter uma ansia ou um desejo por”. Cf. G. W. H. LAMPE, *A Patristic Greek Lexicon...*, 1181.

<sup>339</sup> Assim como no §58, o único remédio possível, segundo o Crisóstomo, às paixões mais violentas é o temor da condenação.

κατέχοντας ἐπιδεικνύωμεν, ὥστε τῷ ζήλῳ κατέχεσθαι· οὐδὲν γὰρ οὕτως κατορθοῖ ὡς ζηλοτυπία, οὐδὲν οὕτως· καὶ ἐν πᾶσιν τοῦτο πράττωμεν, μάλιστα ἂν ζηλότυπος ἦ· τοῦτο καὶ φόβου καὶ ὑποσχέσεων καὶ πάντων μᾶλλον μείζονα ἔχει τὴν ἰσχύν.

78. Ἐπειτα ἐτέρας ἐπινοῶμεν αὐτῷ τέρψεις ἀβλαβεῖς. Πρὸς ἄνδρας ἀγίους ἀπάγωμεν, ἄνεσιν παρέχωμεν. Τιμῶμεν αὐτὸν πολλοῖς τοῖς δώροις, ὥστε ἀνέχεσθαι τὴν ψυχὴν φέρειν τὴν ἐκεῖθεν ἀτιμίαν. Καὶ ἀντὶ τῶν θεαμάτων ἐκείνων τερπνὰ διηγήματα εἰσαγε, λειμῶνας καὶ λαμπρὰ οἰκοδομήματα. Καὶ μετὰ ταῦτα καταβάλλωμεν ἐκεῖνα τῷ λόγῳ λέγοντες πρὸς αὐτὸν ὅτι «ὦ τέκνον, ἀνελευθέρων τὰ θεάματα ἐκεῖνα, γυναῖκας ἰδεῖν γυμνουμένας, αἰσχρὰ φθεγγομένας. Ὑπόσχου μηδὲν ἀκούσειν ἄσχημον μηδὲ ἐρεῖν, καὶ ἄπιθι· ἀλλ' οὐ δυνατὸν ἐκεῖ μηδὲν ἀκοῦσαι αἰσχρόν. Ἀνάξια τῶν σῶν ὀφθαλμῶν τὰ γινόμενα.» Ἄμα καὶ καταφιλοῦμεν αὐτὸν λέγοντες καὶ περιβάλλωμεν ταῖς χερσὶν καὶ ἐπισφίγγωμεν, ὥστε τὸν πόθον δεικνύναι. Τούτοις ἅπασιν αὐτὸν μαλάττωμεν.

abstenha de tal coisas, para que, por competição, também ele se refreie: nada corrige melhor do que o esforço para competir com alguém, mesmo nada!<sup>340</sup> Fazamos assim em tudo, especialmente se ele for competitivo: isso possui uma força maior do que o temor, das promessas e de qualquer outra coisa.

78. De seguida, congeminemos para ele outros deleites inofensivos.<sup>341</sup> Levemo-lo para junto de homens santos, proporcionemos-lhe algum relaxamento. Recompensemolo com muitas prendas, de forma que a alma suporte as privações. E, em lugar daqueles espetáculos, introduz histórias agradáveis, prados verdejantes e magníficos edifícios. E, depois disso, argumentemos, inspirando-lhe o desprezo por aquelas coisas, dizendo-lhe: «Ó filho, aqueles espetáculos, ver mulheres nuas que gritam torpemente, são coisas de homens não livres. Empenha-te em não ouvir e em não dizer nada de vergonhoso, e, então, podes ir! Mas não é possível, naquele sítio, que escutemos algo que não seja vil. As coisas que aí acontecem são indignas dos teus olhos». Enquanto falamos, beijamo-lo, abraçamo-lo e apertamos-lhe as mãos, mostrando-lhe, assim, o nosso afeto.<sup>342</sup>

<sup>340</sup> Ao longo do texto o Crisóstomo mostrou a importância de bons exemplos para a educação do menino; neste parágrafo acrescenta um ingrediente importante, ou seja, o sentimento de competição pelo qual o menino decidirá agir retamente. A este sentimento de competição atribui maior valor do que o temor, as promessas e qualquer outra coisa.

<sup>341</sup> Refere-se aos deleites sugeridos no §59, além dos elencados logo a seguir.

<sup>342</sup> Estos gestos de ternura procuram transmitir ao menino que a fonte das correções e privações dos pais é o afeto que lhe têm.

79. Τί οὖν; ὅπερ καὶ ἤδη ἔφην, μηδέποτε κόρη προσίτω μηδὲ διακονεῖτω, ἀλλ' ἤδη προβεβηκυῖα παιδίσκη, γυνὴ γηραλέα. Καὶ ἐπεισαγέσθω τῆς βασιλείας ὁ λόγος καὶ τῶν πάλαι ἐπὶ σωφροσύνη λαμπράτων καὶ τῶν ἔξω καὶ τῶν παρ' ἡμῖν καὶ συνεχῶς τούτοις ἐπαντλῶμεν αὐτοῦ τὴν ἀκοήν. Εἰ δὲ καὶ οἰκέτας ἔχοιμεν σωφρονοῦντας, καὶ ἀπὸ τούτων ἔστω τὰ παραδείγματα· ὅτι σφόδρα ἄτοπον τὸν μὲν οἰκέτην οὕτως εἶναι σώφρονα, τὸν δὲ ἐλεύθερον ἐκείνου φαυλότερον γενέσθαι. Ἔστιν δὴ καὶ ἕτερον φάρμακον· ποῖον δὴ τοῦτο; καὶ νηστεύειν μανθανέτω, εἰ καὶ μὴ ἀεὶ, ἀλλὰ δύο γοῦν τῆς ἐβδομάδος ἡμέρας, πρὸς τε Τετράδα καὶ τὴν Παρασκευήν. Καὶ εἰς ἐκκλησίαν προερχέσθω. Καὶ λαμβάνων αὐτὸν ὁ πατὴρ κατὰ τὴν ἐσπέραν, ὅταν τὸ θέατρον διαλύηται, ἐπιδεικνύτω τοὺς ἐκεῖθεν κατιόντας καὶ καταγελάτω τῶν γερόντων, ὅτι δὴ νέων γεγόνασιν ἀσυνετώτεροι, καὶ τῶν νεωτέρων, ὅτι ἐξεκαύθησαν. Καὶ ἐρωτάτω τὸν παῖδα· «Τί δὴ οὗτοι κεκερδάκασιν ἅπαντες; Οὐδὲν ἀλλ' ἢ αἰσχύνην καὶ ὄνειδος καὶ κατάγνωσιν.» Οὐ μικρὸν δὲ ὅλως πρὸς σωφροσύνην ἐστὶ τὸ πάντων ἐκείνων

79. Que mais? Como já disse, que nunca se aproxime dele, nem o sirva, uma rapariga, mas uma serva já de idade avançada, uma mulher idosa.<sup>343</sup> E introduz o discurso do Reino e daqueles que no passado brilharam por causa da moderação, quer pagãos quer cristãos;<sup>344</sup> com estes exemplos enchamos-lhe os ouvidos. E se tivermos servos moderados,<sup>345</sup> também destes venha o exemplo, pois não é normal que um escravo seja moderado e que um de condição livre seja inferior a este. Existe outro remédio? Qual? Aprenda a jejuar, se não sempre, pelo menos dois dias por semana,<sup>346</sup> na terça-feira e na sexta-feira. E que vá à Igreja. O pai, levando-o à tarde, à hora em que termina o teatro, indique os que daí voltam a casa e escarneça dos velhos, porque têm menos tino do que os jovens, e dos jovens que foram devorados pela paixão. E pergunta ao rapaz: «O que ganharam todos estes? Nada senão vergonha, injúria e censura».<sup>347</sup> Não é sem pouca importância para a moderação abster-se de tudo isto, tanto do que se vê como do que se escuta.

<sup>343</sup> Trata-se do mesmo conselho dos §§52 e 62.

<sup>344</sup> Cf. *Adv. Opp. Vid. Mon.*, II, 5.

<sup>345</sup> Esta frase hipotética nos permite de estender o alcance deste tratado a todo o tipo de família, independentemente da sua classe social e económica. De facto, somente as famílias mais abastadas podiam confiar o cuidado dos filhos a pedagogos, acompanhadores ou outros servos, mas o Crisóstomo contempla a possibilidade de que estas figuras não façam parte do contexto familiar.

<sup>346</sup> O costume de jejuar duas vezes por semana enraíza-se no judaísmo. Cf. Lc 18,12.

<sup>347</sup> O pai deve fomentar no jovem o juízo crítico sobre a realidade e sobretudo sobre os comportamentos morais através do modo de proceder de outros cidadãos. Encontramos uma passagem muito parecida em que o Crisóstomo escarnece o comportamento dos mais velhos para repreender também os jovens em *De Anna*, sermo. IV, 1, PG 54, 660.

ἀπέχεσθαι καὶ τῶν θεαμάτων καὶ τῶν ἀκουσμάτων.

80. Ἔστι δὴ καὶ ἄλλο· διδασκέσθω μετὰ πολλῆς εὐχεσθαι τῆς σπουδῆς καὶ τῆς κατανύξεως. Καὶ προς μοι εἶπης ὅτι παιδίον οὐκ ἂν ποτε ταῦτα καταδέξοιτο· μάλιστα τὸ παιδίον ὄξυδερκὲς ὄν καὶ διεγυγερμένον ταῦτα ἂν καταδέξοιτο. Καὶ γὰρ πολλὰ τοιαῦτα παραδείγματα ἐν τοῖς παλαιοῖς ὀρωμεν, οἷον ὁ Δανιήλ, οἷον ὁ Ἰωσήφ. Μὴ γάρ μοι τὰ δεκαεπτὰ ἔτη εἶπης τοῦ Ἰωσήφ, ἀλλὰ πρὸς τούτου ἐννόησον, πόθεν τὸν πατέρα εἶλεν καὶ τῶν πρεσβυτέρων μᾶλλον αὐτῶν. Ὁ δὲ Ἰακώβ οὐχὶ νεώτερος ἦν; ὁ δὲ Ἰερεμίας; ὁ δὲ Δανιήλ οὐχὶ δώδεκα ἐτῶν ἦν; ὁ δὲ Σολομὼν οὐχὶ δώδεκα καὶ αὐτὸς ἦν, ἠνίκα τὴν θαυμαστὴν ἐκείνην <εὐχὴν> ἠῦξαστο; ὁ δὲ Σαμουὴλ οὐχὶ τὸν διδάσκαλον τὸν ἑαυτοῦ προς ὦν ἐπαίδευεν; Ὡστε μὴ ἀπογνῶμεν· ἐὰν γάρ προς τὴν ψυχὴν νεώτερος ἦ, ταῦτα οὐ δέχεται, οὐχὶ ἐὰν προς τὴν ἡλικίαν. Παιδευέσθω τοίνυν μετὰ πολλῆς τῆς κατανύξεως εὐχεσθαι καὶ ἀγρυπνεῖν κατὰ τὸ δυνατόν, καὶ ὅλως ἐπικείσθω χαρακτήρ ἀνδρὸς ἀγίου τῷ παιδί. Ὁ γὰρ μήτε ὀμνύναι σπουδάζων μήτε ὑβρίζειν ὑβριζόμενος μήτε

### A oração

80. Mas, há ainda mais: que aprenda a rezar com ardor e contrição. E não me digas que uma criança nunca seria capaz de o fazer: principalmente a criança de olhar penetrante e esperto<sup>348</sup> poderá fazê-lo perfeitamente. Sem dúvida vemos muitos exemplos disso entre os antigos, como Daniel e José. E não me fales dos dezassete anos de José (Cf. Gn 37,2), mas reflète sobre isso: de que modo conquistou o pai, mais do que os seus irmãos mais velhos? E José, não era mais novo? E Jeremias? E Daniel, não tinha doze anos? E Salomão não tinha, também ele, doze anos quando fez aquela admirável oração? E Samuel não educou o seu próprio mestre quando era novo? Portanto, não desesperemos: se alguém tem uma alma mais imatura, será sempre assim, mesmo se já não tiver idade para isso;<sup>349</sup> seja educado a rezar com muita contrição e a velar segundo as suas capacidades, e seja embutida no jovem a marca<sup>350</sup> do homem santo. Quem, de facto, se preocupa em não fazer juramentos, em não maltratar ao ser maltratado, em não insultar nem odiar, mas jejuar e rezar, tem em tudo isto um forte apelo à moderação.

<sup>348</sup> O termo “ὄξυδερκής” indica um olhar claro, relacionado à capacidade de discernimento. O termo “διεγυγερμένος”, construção a partir do verbo ἐγείρω, indica uma pessoa desperta, vigilante ou sóbria, livre de toda exageração. Cf. G. W. H. LAMPE, *A Patristic Greek Lexicon...*, 966 e 398.

<sup>349</sup> Esta expressão, de difícil tradução para português, parece querer dizer que pode existir o caso de o menino apresentar uma certa infantilidade, no sentido de mostrar pouca profundidade de espírito, necessária para a oração, em relação à sua idade. O Crisóstomo, mais uma vez, demonstra grande flexibilidade e compreensão ao animar os pais e ao ter em conta as capacidades do jovem.

<sup>350</sup> O termo “χαρακτήρ” indica a marca numa moeda dura, uma incisão ou impressão por exemplo numa moeda. Cf. G. W. H. LAMPE, *A Patristic Greek Lexicon...*, 1513.

λοιδορεῖσθαι καὶ ἀπεχθάνεσθαι, καὶ νηστεύων καὶ εὐχόμενος, ἀπὸ τούτων αὐτῶν ἱκανὴν ἔχει τὴν παράκλησιν πρὸς σωφροσύνην.

81. Κἂν μὲν ἐπὶ κοσμικὸν ἄγης βίον αὐτόν, ταχέως ἄγαγε τὴν νύμφην, μηδὲ περιμείνης, ὥστε αὐτὸν στρατεύεσθαι ἢ πολιτικῶν ἄψασθαι πραγμάτων καὶ τότε ἀλλὰ πρῶτον αὐτοῦ τὴν ψυχὴν ρύθμισον, καὶ τότε τῆς ἔξωθεν φρόντιζε δόξης. Ἡ μικρὸν οἶει τῷ γάμῳ συμβάλλεσθαι τὸ παρθένον παρθένῳ συνάπτεσθαι; οὐ μικρὸν καὶ πρὸς τὴν τῆς γυναικὸς σωφροσύνην, οὐ πρὸς τὴν τοῦ νέου μόνον. Τὸ δὲ φίλτρον οὐ τότε μάλιστα ἔσται καθαρὸν; Ὁ δὲ πάντων μεῖζον, ὁ Θεὸς οὐ τότε ἔσται ἴλεως πλέον καὶ μυρίας τὸν γάμον ἐκεῖνον ἐμπλήσεις εὐλογίας, ὅταν ὡς αὐτὸς ἐπέταξεν, οὕτως συνίωσιν; Καὶ ποιεῖ πρὸς τὴν μνήμην ἔχειν αὐτὸν τὸν ἔρωτα· κἂν τῷ πόθῳ τούτῳ κατασχεθῆ, πάσης καταγελάσεται γυναικός.

82. Ἄν ἐγκωμιάζης τὴν κόρην καὶ ἐπὶ κάλλει καὶ ἐπὶ κοσμιότητι καὶ ἐπὶ τοῖς ἄλλοις ἅπασιν, εἶτα προσθεῖης ὅτι «οὐκ ἀνέχεται μαθοῦσα ῥαθύμως σε διάγοντα συγγενέσθαι σοι», λοιπὸν ὡς ὑπὲρ ἐσχάτων ὄντος αὐτῷ τοῦ κινδύνου πολλὴν ποιήσεται τὴν φροντίδα. Εἰ γὰρ τὸν ἅγιον ἔπεισεν ἐκεῖνον ἀπατηθέντα μνηστῆς ἔρωτος ἐπτὰ ἔτη δουλεῦσαι πάλιν, μᾶλλον δὲ δεκατέσσαρα ἔτη, πολλῶ μᾶλλον ἡμᾶς. Λέγε ὅτι «οἱ τῆς

### Matrimónio

81. Se tu o orientas para a vida do mundo, apresenta-lhe o mais rapidamente a noiva, e não esperes que entre para o serviço militar ou que se ocupe de negócios públicos. Mas, disciplina primeiro a sua alma e preocupa-te com a sua reputação exterior. Ou crês que seja coisa pouca unir em matrimónio o homem virgem a uma virgem? Não é pouca coisa para a moderação da mulher, e não somente para a do jovem. Não será fundamentalmente puro este amor? E, mais importante de tudo, Deus não será, então, mais favorável e não cobrirá de infinitas bênçãos aquele matrimónio, quando, como ele ordenou, estiverem juntos? Faz com que o amor ocupe sempre a sua mente: se ele for possuído por este desejo, rir-se-á de qualquer outra mulher.

82. Se elogiares a donzela por causa da sua beleza, pelo decoro e por qualquer outra coisa, acrescenta, em seguida, que «ela não suportará unir-se a ti, sabendo que levas uma vida negligente». Ele prestará muita atenção, como sendo um perigo extremo. De facto, se o amor pela prometida persuadiu aquele santo a servir mais sete anos, no total de quatorze, muito mais nos persuadirá a nós (Cf. Gn 29,30). Diz-lhe: «Todos os parentes da noiva, o pai, a mãe,

νύμφης ἅπαντες, καὶ ὁ πατήρ καὶ ἡ μήτηρ καὶ οἱ παῖδες καὶ οἱ γείτονες καὶ οἱ φίλοι, σὲ καὶ τὴν σὴν ἀναστροφὴν περιεργάζονται καὶ πάντες ἀπαγγελοῦσιν ἐκείνη». Κατάδησον αὐτὸν ἤδη δεσμῶ τούτῳ, δεσμῶ σωφροσύνης ἐργαζομένῳ. Ὡστε κἂν μὴ δύνηται ἐκ πρώτης ἡλικίας ἔχειν γυναῖκα, ἀλλὰ μνηστὴν ἐκ πρώτης ἐχέτω καὶ φιλοτιμείσθω καλὸς φαίνεσθαι· τοῦτο ἰκανὸν πρὸς ἅπασαν ἀποτροπὴν ἐστίν.

83. Ἔστιν καὶ ἕτερον σωφροσύνης φυλακτήριον· συνεχῶς ὀράτω τὸν τῆς ἐκκλησίας προεστῶτα καὶ πολλῶν ἀκουέτω παρ' ἐκείνου τῶν ἐγκωμίων, καὶ πρὸς πάντας τοὺς ἀκούοντας ἐπὶ τούτῳ ἀβρυνέσθω ὁ πατήρ. Αἰδεῖσθωσαν αὐτὸν ὀρῶσαι κόραι. Καὶ λοιπὸν τὰ διηγήματα καὶ ὁ φόβος ὁ τοῦ πατρὸς καὶ αἱ ἐπαγγελίαι, καὶ μετὰ τούτων ὁ παρὰ τοῦ Θεοῦ κείμενος μισθὸς καὶ ὅσων ἀπολαύσονται οἱ σώφρονες ἀγαθῶν, πολλὴν αὐτῷ παρέξει τὴν ἀσφάλειαν.

84. Προστίθει καὶ τὰς ἐν στρατεία εὐδοκιμήσεις καὶ ἐν τοῖς πολιτικοῖς πράγμασιν. Καὶ πρὸς τούτοις ἔστω καταφρονητικὸς μὲν κατὰ τῆς ἀσελγείας λόγος συνεχῶς, πολλὰ δὲ τῆς σωφροσύνης τὰ ἐγκώμια. Ἰκανὰ ταῦτα πάντα κατασχεῖν τοῦ

os servos, os vizinhos e os amigos, prestam atenção a ti e à tua conduta e todos lha reportarão. Prende-o com este vínculo, vínculo que provoca a moderação. Assim, se não puder casar-se em idade jovem, pelo menos tenha uma noiva e aspire a parecer honesto:<sup>351</sup> isso é suficiente para assegurar cabalmente a sua proteção.

83. Há uma outra defesa para a moderação: observe continuamente aquele que está à cabeça da Igreja <sup>352</sup> e oiça dele muitos elogios, e o pai gabe-se disso perante todos os que escutam. As raparigas, ao vê-lo, fiquem cheias de admiração. E, portanto, as histórias exemplares, o temor pelo pai, as suas promessas e, juntamente com isso, a recompensa que Deus lhe preparou, e os tão grandes bens que gozarão os moderados, tudo isto lhe outorgará muita segurança.

84. Refere-lhe também, a boa reputação no serviço militar, e na atividade política. Além disso, que haja sempre um falar desdenhoso em relação à devassidão, mas muitos elogios em relação à moderação. Tudo isso é suficiente para

<sup>351</sup> A estima alcançada pelo jovem, não devida às suas posses ou estatuto social, mas devida à sua moralidade, tem grande força de dissuasão, como aliás, já tínhamos visto em outras passagens. Cf. §§14 e 61.

<sup>352</sup> Mais uma vez o Crisóstomo sublinha a importância de bons exemplos a imitar para a educação dos meninos; depois de ter assinalado os pais (§ 70), os amigos virtuosos da mesma idade (§77), agora aponta também para a cabeça da Igreja do qual deve aproveitar o exemplo e procurar a estima.

παιδὸς τὴν ψυχὴν. Οὕτως ἡμῖν σεμνοὺς τέξονται τοὺς λογισμοὺς.

85. Ἔστιν καὶ ἕτερον ἴωμεν δὲ λοιπὸν ἐπὶ τὸ πάντων κύριον, ὃ τὰ πάντα συγκρατεῖ. Ποῖον δὴ τοῦτο; τὴν φρόνησιν λέγω. Ἐνταῦθα πολλοῦ τοῦ καμάτου χρεία, ὥστε αὐτὸν ἐργάσασθαι συνετὸν καὶ πᾶσαν ἄνοιαν ἐξελάσαι. Τοῦτο μάλιστα τῆς φιλοσοφίας τὸ μέρος ἐστὶ μέγα καὶ θαυμαστόν, ὥστε εἰδέναι τὰ περὶ Θεοῦ, τὰ περὶ τῶν ἀποκειμένων ἐκεῖ πάντων, τὰ περὶ γενένης, τὰ περὶ βασιλείας· «Ἀρχὴ σοφίας φόβος Κυρίου.»

86. Ταύτην οὖν ἐγκαταστήσωμεν αὐτῷ τὴν φρόνησιν καὶ ἐξασκήσωμεν, ὥστε εἰδέναι τὰ ἀνθρώπινα πράγματα, τί ποτέ ἐστι πλοῦτος, δόξα, δυναστεία, καὶ ὥστε αὐτῶν καταφρονεῖν καὶ τῶν μεγίστων ἐφίεσθαι. Καὶ τῶν παραινετικῶν αὐτὸν ἀναμιμνήσκωμεν λόγων· «Τέκνον, τὸν Θεὸν φοβοῦ μόνον καὶ πλήν αὐτοῦ μὴ φοβοῦ ἕτερον.»

87. Ἀπὸ δὲ τούτων συνετὸς ἔσται ἀνὴρ καὶ ἐπίχαρις· οὐδὲν γὰρ οὕτως ἀνόητον ποιεῖ ὡς ταῦτα τὰ πάθη. Ἀρκεῖ πρὸς σοφίαν Θεοῦ φόβος καὶ τὸ περὶ τῶν ἀνθρωπίνων

dominar a alma do jovem. Desta forma, incutiremos nele nobres pensamentos.

### A sabedoria da vida

85. Há ainda outra coisa: vamos agora ao mais importante de tudo, aquilo que ordena tudo. O que é isto? Falo da sabedoria.<sup>353</sup> Acerca disso, temos a necessidade de muito esforço para o tornar sábio e para eliminar toda a insensatez. Esta é, sem dúvida, a grande e maravilhosa tarefa da filosofia, de investigar as coisas de Deus, acerca das coisas que aqui lhe estão reservadas, acerca da Geena e, acerca do reino: “*O princípio da sabedoria é o temor do Senhor*” (Prov 1,7).

86. Proponhamos-lhe, portanto, esta sabedoria e que o exercitemos de modo que conheça a realidade humana, o que é a riqueza, a glória, o poder, de forma que as menospreze e anseie pelas coisas maiores. E lembremos-lhe estas palavras de exortação: “*Filho, teme somente a Deus e fora dele não temas ninguém*”.

87. A partir destes princípios será um homem sábio e agradável. Nada torna o homem néscio como as paixões. Para a sabedoria, basta o temor de Deus e ter o discernimento acerca das

<sup>353</sup> O Crisóstomo estruturou a última parte do tratado segundo a tríplice partição da alma humana, “θυμος”, “ἐπιθυμία” e “λογιστικός” (Cf. §65), tendo tratado do “θυμος” nos §66-75, da “ἐπιθυμία” nos § 76-84 e tendo aparentemente trocado o “λογιστικός” pela “φρόνησις” na parte final do tratado, §84-89. Na verdade, no §65 o Crisóstomo afirmou que a “φρόνησις” é a virtude do “λογιστικός”, conseqüentemente podemos afirmar que o autor quis tratar o “λογιστικός” através da sua concretização virtuosa, ou seja, a “φρόνησις”.

πραγμάτων κρίσιν ἔχειν, οἷαν καὶ προσῆκεν ἔχειν. Ἡ γὰρ κορυφή τῆς σοφίας αὕτη ἐστίν, τὸ μὴ πρὸς τὰ παιδικὰ ἐπτοῆσθαι. Παιδευέσθω μηδὲν ἠγεῖσθαι χρήματα, μηδὲν δόξαν ἀνθρωπίνην, μηδὲν δυναστείαν, μηδὲν θάνατον, μηδὲν τὴν παροῦσαν ζωὴν· οὕτως ἔσται φρόνιμος. Ἐὰν μετὰ τοιαύτης αὐτὸν ἀσκήσεως ἐπὶ τὰς παστάδας ἀγάγωμεν, ἐννόησον ὅσον ἔσται τῇ νύμφῃ τὸ δῶρον.

88. Τοὺς δὲ γάμους ποιῶμεν μὴ μετὰ αὐλῶν, μὴ μετὰ κιθάρας μηδὲ μετὰ ὀρχημάτων· τὸν γὰρ τοιοῦτον νυμφίον ἀτοπίας πολλῆς τοιούτοις αἰσχύνεσθαι. Ἀλλὰ τὸν Χριστὸν καλῶμεν ἐκεῖ· ἄξιός γάρ αὐτοῦ ὁ νυμφίος λοιπόν· τοὺς αὐτοῦ μαθητὰς παρακαλῶμεν. Ἐκείνῳ πάντα ἔσται τὰ κάλλιστα. Καὶ αὐτὸς λοιπὸν μαθήσεται οὕτω τοὺς παῖδας ῥυθμίζειν τοὺς ἑαυτοῦ, καὶ ἐκεῖνοι τοὺς ἐκείνων, καὶ οὕτως ἔσται σειρὰ χρυσεῖ.

89. Ποιῶμεν δὲ αὐτὸν καὶ πραγμάτων ἄπτεσθαι πολιτικῶν τῶν κατὰ δύναμιν, τῶν οὐκ ἐχόντων ἁμαρτήματα. Ἄν τε γὰρ στρατεύηται, μαθέτω μὴ κερδαίνειν αἰσχυρῶς· ἄν τε τοῖς ἀδικουμένοις συναγορεύῃ, ἄν τε ὀτιοῦν τοιοῦτον.

realidades humanas, quanto convém ter. Este é o cume da sabedoria: não se deixar levar para as coisas pueris. Seja educado a ter por nada os bens materiais, por nada a glória humana, por nada o poder, por nada a morte, por nada a vida presente: assim será sábio. E se, depois deste tipo de prática, o conduzirmos para o leito nupcial, considera quão grande será o dom para a noiva.

88. Não celebremos o casamento com flautas, nem com cítaras, nem com danças: é um grande absurdo envergonhar um tal esposo com estas coisas. Pelo contrário, invoquemos aqui Cristo: o esposo já é digno dele. Chamemos os seus discípulos.<sup>354</sup> Tudo será maravilhoso para ele. Deste modo, aprenderá a disciplinar os seus próprios filhos e, estes, por sua vez, os seus, e deste modo existirá uma corda de ouro.

89. Façamos com que ele se dedique, segundo a sua capacidade, a cargos públicos, daqueles em que não há ocasião de pecado. Aprenda a não ganhar vergonhosamente proveito, quer sirva no exército, quer enquanto advogado dos que sofrem injustiça, quer faça qualquer outro género de coisa.

## Conclusão

<sup>354</sup> Instintivamente somos levados a pensar que, com o termo “μαθητὰς”, o Crisóstomo esteja a pensar nos sacerdotes que presidem à celebração litúrgica do matrimónio, representantes de Cristo e da Igreja.

90. Καὶ ἡ μήτηρ δὲ μαθέτω τὴν αὐτῆς κόρην τούτοις παιδεύει καὶ πολυτελείας ἀπάγειν καὶ κόσμου καὶ τῶν ἄλλων ἀπάντων, ἅπερ ἐστὶ πορνῶν γυναικῶν. Κατὰ τοῦτον δὴ τὸν νόμον πάντα ποιεῖτω καὶ τρυφῆς ἀπαγέτω καὶ μέθης, καὶ τὸν νέον καὶ τὴν κόρην. Καὶ γὰρ καὶ τοῦτο μέγα πρὸς σωφροσύνην· τοῖς μὲν γὰρ νέοις ἡ ἐπιθυμία ἐνοχλεῖ, ταῖς δὲ γυναιξὶ τὸ φιλόκοσμον καὶ ἀνεπτρωμένον. Καὶ ταῦτα οὖν πάντα καταστέλλωμεν, καὶ οὕτως δυνησόμεθα ἀρέσαι τῷ Θεῷ τοιοῦτους τρέφοντες ἀθλητάς, ἵνα δυνηθῶμεν καὶ ἡμεῖς καὶ οἱ παῖδες τῶν ἐπηγγελμένων ἀγαθῶν τοῖς ἀγαπώσιν αὐτὸν ἐπιτυχεῖν, χάριτι καὶ φιλανθρωπία τοῦ Κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, μεθ' οὗ τῷ Πατρὶ ἅμα τῷ Ἁγίῳ Πνεύματι δόξα, κράτος, τιμὴ, νῦν καὶ ἀεὶ καὶ εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων. Ἀμήν.

90. A mãe aprenda a educar a sua própria filha segundo estes princípios e a afastá-la da extravagância e da aparência e de tudo o resto, que é próprio das prostitutas. Faça tudo segundo esta regra e afaste da luxúria e da ebriedade quer o jovem quer a donzela. Isso é importante para a moderação:<sup>355</sup> de facto, o desejo perturba os jovens, enquanto que o amor à aparência perturba as donzelas, excitando-as. Reprimamos, portanto, tudo isso, e, deste modo, poderemos ser agradáveis a Deus treinando tais atletas, para podermos, nós e os nossos filhos, alcançar os bens prometidos aos que o amam, pela graça e a benevolência do nosso Senhor Jesus Cristo; dele, juntamente com o Pai e o Espírito Santo seja a glória, o poder, a honra, agora e para sempre, pelos séculos dos séculos. Amén.

<sup>355</sup> A “σωφροσύνη” é a grande preocupação do Crisóstomo para a educação quer dos jovens quer das donzelas como podemos constatar ao longo de todo o tratado.

## Conclusão

No final do nosso percurso pela obra de João Crisóstomo, é tempo de recapitular os objetivos que nos tínhamos proposto no presente trabalho, tentando fornecer, de forma sintética, as respostas às perguntas que nos guiaram durante o estudo, sem deixar de apontar os eventuais temas que permaneceram menos aprofundados e que poderiam ser objeto de um futuro estudo.

Ao longo do primeiro capítulo vimos como a *Paideia* grega possui, como mostram os trabalhos de Warner Jaeger, uma especificidade própria. Muito mais que um conjunto de códigos comportamentais essa visava transmitir às novas gerações, um conjunto de virtudes que moldavam a alma humana desde a tenra idade. Na sua essência, identifica-se com uma aspiração, um percurso de moldagem do Homem a partir da sua idealização. Ao longo do primeiro capítulo mostramos como o ideal de Homem foi exatamente o ponto de encontro entre a *Paideia* Grega e a *Paideia* cristã, sendo que, esta última, propunha Cristo como a concretização deste ideal.

A ideia de Homem a alcançar pela *Paideia* helénica apresentava as seguintes características: abrangia a totalidade do Homem, incluindo a sua dimensão corporal, espiritual e artística, e privilegiava a formação moral em lugar da mera transmissão de conhecimento técnico. Esta fixação da *Paideia* clássica no homem total e ideal teve como consequência um certo desinteresse pela infância, considerada como simples passagem para o homem adulto.

Esta constatação, se por um lado explica a escassez de autores e escritos antigos que se interessam da infância e da educação das crianças, pelo outro atribui imenso valor ao escrito que temos estudados por constituir uma chamada de atenção única, talvez óbvia para o leitor de hoje, acerca da profunda dependência entre a educação recebida na infância e o homem que a criança será no futuro. Paralelamente, o privilegiar da formação moral sobre o conhecimento técnico fez com que a tarefa educadora fosse considerada uma tarefa de toda a sociedade e não simplesmente de uma estrutura escolástica como acontece aos nossos dias.

A Igreja antiga com a intenção de formar os cristãos quer na sua forma de estar e viver no mundo quer do ponto de vista dogmáticos, vai revalorizar o papel da família, sociedade natural à qual a criança é confiada, e enquanto espaço privilegiado da primeira

formação humana e cristã. Esta formação inspirada na fé, não deixa de estar atenta à formação do caráter, de acordo com as tradicionais virtudes capitais, mas valorizará cada vez mais as virtudes especificadamente cristãs.

Estamos num tempo em que a constituição de escolas especificadamente cristãs era ainda o fruto de iniciativas e esforços individuais, uma vez que, geralmente, os filhos das famílias cristãs estudavam ao lado dos filhos das famílias pagãs. É neste cenário que se enquadra a iniciativa de Crisóstomo, formado escolasticamente junto uns dos melhores professores da época, mesmo que, como vimos no princípio do segundo capítulo ele reputasse sacrificável o sistema escolástico vigente na época, atuando uma clara separação entre os conteúdos e as formas expressivas, estas últimas eram, na sua opinião, as únicas tidas em conta como úteis aos cristãos.

Na experiência pessoal de Crisóstomo os exemplos e modelos ocuparam uma elevada importância tanto que eles foram presentes ao longo de toda a sua formação humana e religiosa. Ao longo do nosso segundo capítulo mostramos como, o *De Inani gloria et de educandis liberis*, deve ser enquadrado no esforço reformador do Crisóstomo o qual, a partir da sua experiência pessoal, atribuía enorme importância a bons modelos e exemplos de vida cristã com o fim de concretizar o seu intento: uma cidade governada por princípios evangélicos.

Como preparação da nossa tradução, não podíamos deixar de nos referir a algumas questões mais técnicas relativas ao texto: enfrentando as questões da transmissão do texto e suas edições, a questão da autenticidade, da datação, do género literário e dos destinatários. Todas estas questões, muito embora já largamente estudadas pelos eruditos, ainda deixam espaço a alguma controvérsia que também não nos coube a nós sanar.

Com a mesma aproximação técnica, mas mais concentrados no texto grego, fomos estudando o vocabulário conexo com o léxico “educar”, para melhor podermos traduzir e compreender as noções pedagógicas do autor, a partir do léxico grego. O termo παιδεύω, em perfeita sintonia com quanto estudado no primeiro capítulo, indica quer o processo educativo quer a meta a alcançar, isto é, o homem adulto. O verbo ρυθμίζω está mais associado à ideia de disciplinar, aspeto importantíssimo na educação; o verbo δίδασκω, normalmente traduzido por “ensinar” não deve ser entendido como simples transmissão de saber, mas deve incluir a relação entre o agente e o recetor com a finalidade de desenvolver as capacidades peculiares deste último. O verbo τρέφω remete, por sua vez,

para o sentido mais físico, sublinhando a importância também do corpo, sendo que no texto aparece associado à ideia de criar um atleta.

Na última parte do segundo capítulo dedicamo-nos à análise da metáfora central do Tratado, a comparação entre a alma e a cidade e os seus cidadãos, da qual surgem a grande maioria dos conselhos pedagógicos do Crisóstomo. É necessário educar os cinco sentidos, considerados as portas da cidade, para que estas deixem entrar somente os bons cidadãos. Os sentidos devem ser educados através da Sagrada Escritura, do temor de Deus e do bom exemplo dos educadores. Além dos sentidos é necessário formar os três movimentos da alma dos quais nascem os pensamentos, os raciocínios, as virtudes e os vícios, identificados como os cidadãos da cidade.

A criança deverá aprender a saber usar o *θυμός* no momento oportuno, mas sempre com moderação, de maneira tal que a criança desenvolverá as virtudes da temperança e da mansidão para não cair nos vícios da arrogância e da aspereza de caráter. A *ἐπιθυμία*, isto é, os desejos corporais, dificilmente podem ser domados e por isso devem ser preventivamente controlados afastando a criança das situações que os possam despertar. Ao mesmo tempo os educadores deverão, entre outros ensinamentos, defender o valor da virgindade até ao matrimónio para que neles cresça a temperança e não caiam na devassidão. Enfim vimos como Crisóstomo, no final do tratado escolhe colocar a atenção sobre a *φρόνησις*, a virtude do *λογιστικός*, a parte racional da alma, que deve encontrar a sua origem no temor de Deus concretizado pelo Crisóstomo na investigação acerca de Deus, do Reino, da Geena, mas também das realidades humanas.

Chegados ao término do nosso percurso não podemos se não avaliar muito positivamente tudo o caminho realizado em companhia desta obra valiosa, esperançosos que o nosso trabalho possa contribuir e uma maior difusão e apreciação, quer do texto em si, quer do tema da educação cristã dos filhos que julgamos ser um desafio, nos atreveríamos a dizer estratégico, no qual a Igreja, os pastores e as famílias, são chamados a direcionar seus esforços. De facto, Crisóstomo demonstra nesta obra uma profunda sensibilidade e preocupação com a formação e educação da sociedade e, conseqüentemente, com a formação pedagógica dos pais acerca dos seus próprios filhos.

Além de estarmos perante um dos raros textos patrísticos acerca do tema da educação, vale a pena ser lido e estudado pelos conselhos pedagógicos ainda válidos e úteis aos pais e educadores do nosso tempo, ao neto de um rigor que pode ser considerado

excessivo pelo leitor hodierno, mas que julgamos ser uma antídoto eficaz ao desleixo da atual sociedade.

Temos, por outro lado a noção de que o presente trabalho poderá ser visto como uma primeira aproximação ao tema da educação cristã que, como foi dito na introdução, quis juntar este tema ao interesse pelos Padres da Igreja. Como tal, este assunto poderia, no futuro ser enriquecido com um estudo mais profundo acerca da relação entre *Paideia Grega* e *Paideia Cristã* que, apenas de forma muito breve tocámos no primeiro capítulo. Seria, sem dúvida, interessante confrontarmos as virtudes da *Paideia Grega* e da *Paideia Cristã*, por exemplos as apresentadas por Plutarco no *De liberis educandis* com as apresentadas no escrito de Crisóstomo. Todavia, por razões de brevidade, mas também por acharmos que tais desenvolvimentos requererem leituras e aprofundamentos que estávamos impossibilitados de fazer, nas circunstâncias atuais do meu percurso pessoal, evitámos, conscientemente, esse caminho mais longo.

Enfim queremos agradecer de forma muito sentida todas as pessoas que durante este tempo de estudo e investigação nos guiaram, corrigiram e aconselharam. Queremos agradecer o Professor Isidro Lamelas por termos transmitido parte da sua sincera paixão pelos Padres da Igreja e por termos constantemente ajudado a focalizar os temas do nosso trabalho. Agradecemos de forma muito sentida o Professor Pedro Falcão pelo seu contributo voluntário e desinteressado com o ingente trabalho de tradução do texto grego, pela sua competência e imensa disponibilidade. Agradecemos também todas as pessoas que nos animaram quer com contributos práticos quer com orações durante os inúmeros momentos de desânimos. Entre todos queremos agradecer o Patriarcado de Lisboa, todo o Seminário Redemptoris Mater de Lisboa. Queremos agradecer a Senhora Isabel Marcos da Paróquia da Brandoa pela sua dedicação para tornar todo o trabalho mais legível do ponto de vista da correta expressão portuguesa; agradecemos ao Padre Edgar Correia Clara pela sua constante preocupação com os progressos do nosso trabalho, o seu contributo foi fundamental principalmente na parte final dos nossos esforços.

## Bibliografia

### Fontes

JOÃO CRISÓSTOMO, *Sur la Vaine Glorie et l'Éducation des Enfants*, ed. A.-M. Malingrey, *Sourcer Chrétiennes*, Vol. 188 (Paris: Cerf, 1972).

RUIZ BUENO, D., *Obras de San Juan Crisóstomo: Tratados Ascéticos*, Vol. 3 (Madrid: BAC, 2011).

LAISTNER, M. L. W., *Christianity and Pagan Culture in the Later Roman Empire* (New York: Cornell Press University, 1951).

JOÃO CRISÓSTOMO, *Adversus oppugnatores vitae monasticae*, PG 47, 355-356.

-----*Comentário às cartas de São Paulo*, Vol. 1-3 (São Paulo: Paulus, 2014).

-----*Contra los impugnadores de la vida monástica*, in *Obras de San Juan Crisóstomo: Tratados Ascéticos*, Vol. 3, ed. D. Ruiz Bueno (Madrid: BAC, 2011).

----- *Omèlie sul Vangelo di Matteo, Vol. 1, (1-25)* (Roma: Città Nuova Editrice, 2003).

-----*Omèlie sul Vangelo di Matteo, Vol. 2, (26-61)* (Roma: Città Nuova Editrice, 2003).

-----*Panégyriques de S. Paul, Sources Chrétiennes* Vol. 300, (Paris: Les Éditions du Cerf, 1982)

-----*Sobre o Sacerdócio*, ed. A. Quacquarelli (Roma: Città Nuova Editrice, 1980).

CLÉMENT D'ALEXANDRIE, *Le Pédagogue: Livre I*, trad. Marguerite Harl (Paris: Led Éditions du Cerf, 1960).

## Estudos

AASGAARD, Reidar, «Children in Antiquity and Early Christianity: Research History and Central Issues» *Familia* 33 (2006): 23-46.

BROTTIER, L., *Jean Chrysostome au miroir de saint Paul: esquisse d'une passion spirituelle*, Connaissance des Pères de l'Église, Vol. 113, (2009).

BRÄNDLE, Rudolf, *Giovanni Crisostomo: vescovo, riformatore, martire*, (Roma: Borla, 2007).

CHANTRAINE, Pièrre, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque: Histoire des mots*, Vol. IV-2 (Paris: Éditions Klincksieck, 1968).

CHRISTOU, Theodore Michael, «Raising an athlete for Christ: Saint John Chrysostom and Education in Byzantium» *Akropolis* 2 (2018): 113.

DI BERNARDINO, Angelo (Dir.), *Diccionario Patrístico Y De La Antigüedad Cristiana*, I (Salamanca: Sigueme, 1991).

FESTUGIÈRE, André-Jean, *Antioche Païenne et Chrétienne: Libanius, Chrysostome et les moines de Syrie*, (Pais: Éditions E. de Boccard, 1959).

-----*Antioche Païenne et chrétienne. Libanius, Chrysostome et les moines de Syrie*, (Paris: Éditions de Boccard: 1959).

FERRARI, G.R.F., *City and Soul in Plato's 'Republic'*, (Chicago-London 2005).

GEMMITI, Dante, *La Chiesa nascente ideale di vita cristiana, Interpretazioni patristiche dei primi quattro secoli*, (Napoli-Roma: LER, 1999).

HARE, B. W., «St John Chrysostom on education», *Prudentia* 6/2 (1974).  
<https://prudentia.auckland.ac.nz/index.php/prudentia/article/view/136/125>

JARA, Inmaculada Delgado, «El período antioqueno de la vida de san Juan Crisóstomo», *Helmantica* 52/157 (2001).

KELLY, John Norman Davidson, *Golden Mouth: The Story of John Chrysostom -Ascetic, Preacher, Bishop*, (New York: Cornell University Press, 1995).

----- «The Lesbos Manuscript of Chrysostom's "De Inani Gloria"»,  
*Vigiliae Christianae* 5/3 (1951): 179.  
<https://www.jstor.org/stable/1582454>

LAMELAS, Isidro Pereira, *Doutores na Igreja e "Doutores da Igreja": gênese e significado de um título*, in *Itinerarium* LXIII (2017) 137-158.

LAMPE, G. W. H. (ed.), *A Patristic Greek Lexicon*, (Oxford: Clarendon Press, 1961).

LIDDEL, Henry George et SCOTT, Robert, *A Greek-English Lexicon*, (Oxford: Clarendon Press, 1996).

MARROU, Henri-Irénée, *História da Educação na Antiguidade*, (São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973).

MARTI, A., «La Sagrada Escritura fundamento de la Pedagogía Cristiana en San Juan Crisóstomo» *Helmantica* 37/39 (1961): 47-59.

MAXWELL, Jacklyn L. Maxwell, *Christianization and communication in Late Antiquity: John Chrysostom and his Congregation in Antioch* (New York: Cambridge University Press, 2006).

MITCHELL, M., «The archetypal image: John Chrysostom portraits of Paul», *The Journal of Religion* 75/1 (1995): 15-43.

PASQUATO, Ottorino, *I laici in Giovanni Crisostomo: Tra Chiesa, famiglia e città*, (Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 2006).

----- «Rapporto tra genitori e figli: eredità giudaica e famiglia cristiana»  
*Augustinianum* 28 (1988): 391-404;

PALÁDIO DA GALÁCIA, *Diálogo sobre a Vida de João Crisóstomo*, ed. L. Dattrino (Roma: Città Nuova Editrice, 1995).

PEUCH, Aimé, *San Giovanni Crisostomo (344-407)*, (Roma: Desclée, Lebevre & Comp, 1905)

RENGSTORF, K. H., «διδάσκω» in *Grande Lessico del Nuovo Testamento* (vol. 2), Paideia, Brescia, 1968.

SCAGLIONI, C., *Synkatabasis, La condiscendenza divina in Giovanni Crisostomo*, (Trapani: Il pozzo di Giacobbe, 2011).

THOMA-HADJIOANNOU, Eliana, John Chrysostm's Educational Ideas with special reference to his book «ΠΕΡΙ ΚΕΝΟΔΟΞΙΑΣ ΚΑΙ ΟΠΨΩΣ ΔΕΙ ΤΟΥΣ ΓΟΝΕΙΣ ΑΝΑΤΡΕΦΕΙΝ ΤΑ ΤΕΚΝΑ», (Mth(R) theses, Glasgow, University of Glasgow, 2017). <http://theses.gla.ac.uk/id/eprint/71503>

VENTURA DA SILVA, Gilvan, «A formação dos cidadãos dos céus: João Crisóstomo e a Christon paideia», *Acta Scientiarum Education* 32/1 (2010). <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=303324733002>

-----, «Homilia e educação cristã na Antiguidade Tardia: a relação corpo, igreja e cidade segundo João Crisóstomo», *Acta Scientiarum Education* 36/1 (2014). <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v36i1.21972>

WILHELM, Jaeger Werner, *Paidéia: a Formação do Homem Grego*, (São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013).

WILHELM, Jaeger Werner, *Cristianismo Primitivo y Paideia Griega*, (México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1965).

ZANDONELLA, Germano, *Un grande perseguitato (S. Giovanni Crisostomo)*, (Torino: Società Editrice Internazionale, 1931).